



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE**

MANUELA DAMIANI POLETTI DA SILVA

**A RAZÃO DE NOMEAR:
O PAPEL DA IDENTIDADE ÉTNICA NA DENOMINAÇÃO
DOS LOGRADOUROS DE CAXIAS DO SUL**

Orientadora: Dr^a. Vitalina Maria Frosi

Caxias do Sul
2011

MANUELA DAMIANI POLETTI DA SILVA

**A RAZÃO DE NOMEAR:
O PAPEL DA IDENTIDADE ÉTNICA NA DENOMINAÇÃO
DOS LOGRADOUROS DE CAXIAS DO SUL**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Dr^a. Vitalina Maria Frosi

Caxias do Sul
2011

A razão de nomear: o papel da identidade étnica denominação dos logradouros de Caxias do Sul

Manuela Damiani Poletti da Silva

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Língua, Cultura e Regionalidade.

Caxias do Sul, 22 de setembro de 2011.

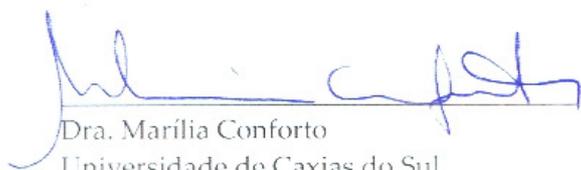
Banca Examinadora:



Dra. Vitalina Maria Frosi (orientadora)
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Carmen Maria Faggion
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Marília Conforto
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Maria da Graça Krieger
Universidade do Vale dos Sinos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

S586r Silva, Manuela Damiani Poletti da, 1981-
A razão de nomear : o papel da identidade étnica na denominação
dos logradouros de Caxias do Sul / Manuela Damiani Poletti da
Silva. - 2011.
138 f. : il. : 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul,
Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade,
2011.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vitalina Maria Frosi.

1. Toponímia. 2. Nomes geográficos – Caxias do Sul (RS). 3.
Etnicismo. 4. Identidade social. 5. Caxias do Sul (RS) – História. I.
Título.

CDU: 81'373.21

Índice para o catálogo sistemático:

1. Toponímia		81'373.21
2. Nomes geográficos – Caxias do Sul (RS)	81'373.21(816.5CAXIAS DO SUL)	
3. Etnicismo		316.347
4. Identidade social		316.454.2
5. Caxias do Sul (RS) – História	94(816.5CAXIAS DO SUL)	

Catalogação na fonte elaborada pela Bibliotecária
Márcia Carvalho Rodrigues – CRB 10/1411

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus que nos dá “a força, a respiração e todas as outras coisas”.

Agradeço a meus pais, Flávio e Sueli, por apostarem em mim desde sempre e por possibilitarem que eu realize os meus sonhos.

Ao meu irmão, Leonardo, que sempre me encorajou.

Ao meu marido, Lauro, pelo carinho, paciência, tolerância, compreensão e amor.

Ao meu filho, João Pedro, amor da minha vida, que soube entender minhas ausências e esperar calmamente pela minha atenção.

À minha orientadora, guia e amiga, Vita, que me dedicou seu tempo, sua sabedoria, sua biblioteca e cozinha.

À professora e amiga Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro, por acreditar em mim e me fazer crer também.

À amiga de longa data, Glória Carvalho, pela amizade e apoio.

Aos meus colegas do curso, por tornarem a jornada mais leve e divertida.

À Ariela e Larissa, pelo carinho, presteza e auxílio.

Aos professores do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, e de forma especial à professora Carmen Maria Faggion, pela doação e disponibilidade.

"Perto de lá tem uma vila grande que se chamou Alegres - o senhor vá ver. Hoje, mudou de nome, mudaram. Todos os nomes eles vão alterando. É em senhas [...] Como é que podem remover um nome assim? O senhor concorda? Nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar sagrado."

João Guimarães Rosa.

"A rua é tão-somente uma casa destelhaa"

Fabrizio Carpine'

RESUMO

A questão da identidade assume papel de destaque em qualquer estudo que se realize sobre a realidade social, cultural e política de Caxias do Sul. E, dentre as inúmeras identidades que se processaram e se processam na construção de tal realidade, a identidade étnica é crucial, uma vez que a cidade foi moldada a partir do encontro – e por vezes do confronto- de duas principais etnias: a luso-brasileira e a ítalo-brasileira. A presente dissertação tem por tema a identidade, em seu contínuo processo de construção e reconstrução, além do importante papel que a mesma exerce na denominação dos logradouros e na troca de seus nomes ocorrida no decurso do tempo na comunidade.

Através de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, apresentam-se os motivos que teriam conduzido os denominadores a atribuir aos logradouros de Caxias do Sul nomes de personagens desconhecidos, não identificáveis pelos habitantes do lugar. Além disso, pode-se verificar a maneira como foi gerida a identidade dos grupos étnicos locais no processo de trocas dos denominativos de ruas e praças do centro urbano de Caxias do Sul, o que demonstra que a identidade étnica teve papel de relevância na denominação e na(s) substituição(ões) que se processaram ao longo da história de Caxias do Sul.

Palavras-chave:

toponímia-hodônimos- Caxias do Sul- substituição- motivação - identidade étnica

ABSTRACT

The question of identity plays a significant role in any study made about the social, cultural and political reality of Caxias do Sul. Among the many identities that have been affected by and involved in shaping such a reality, the ethnical identity is of utmost importance, for the city was formed by the coming together – and sometimes the confrontation – of two main ethnicities: the Portuguese-Brazilian and the Italian-Brazilian ones. This paper focuses on identity, in its continuous shaping and reshaping process, as well as on the role it plays in the naming of streets and in the changes of such names that have taken place throughout the years in the community.

Through the use of a qualitative bibliographical research, the reasons why the people in charge of naming the streets in Caxias do Sul have chosen names of characters unknown to the local inhabitants are presented. Besides, it is possible to notice the way the identity of the local ethnical groups was created by analyzing the process of changes of names of streets and squares in the downtown area of Caxias do Sul, which comes to prove that the ethnical identity has had a relevant role in the naming of streets and in the changes in their names that have taken place throughout the history of Caxias do Sul.

Key words:

toponymy-street names – Caxias do Sul – changes of names – motivation – ethnical identity

LISTAS

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Planta da Sede da ex-Colônia Caxias- Área Urbana 02 de junho de 1892
Autoria: José Montaury de Aguiar Leitão- Engenheiro Chefe da Comissão de Terras e
Medição dos Lotes de Caxias 53
- Figura 2:** Planta do perímetro urbano da sede da Colônia Caxias (reprodução) 04 de julho
de 1957. Autoria: João Spadari Adami. Mapa elaborado por João Spadari Adami, extraído
de seu livro História de Caxias do Sul (1864-1970) 55
- Figura 3:** Foto de uma concentração popular em protesto contra a guerra e o fascismo
(parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami) 62
- Figura 4:** Foto do momento da substituição do nome da Praça Dante Alighieri pelo nome
Rui Barbosa (parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami)..... 62

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1:** Quantidades, em ordem cronológica, dos hodônimos italianos e não italianos
de 1875 a 1980 68
- Gráfico 2:** Quantidades, em ordem cronológica, dos hodônimos italianos e não italianos
de 1980 a 2008 7
- Gráfico 3:** Hodônimos de Caxias do Sul. Lista de nomes atualizada pela Prefeitura
Municipal de Caxias do Sul em 12/01/2010 71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. REVISÃO DA LITERATURA	13
1.1 Onomástica e Toponímia	13
2. A QUESTÃO DA IDENTIDADE	23
2.1 A identidade étnica e etnolinguística	25
2.2 A construção da identidade étnica ítalo-brasileira	28
3 O NOME PRÓPRIO	33
4. OS HODÔNIMOS NO CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO E CULTURAL	42
4.1 A estreita relação entre o nome e a região.....	44
5. OS HODÔNIMOS DE CAXIAS DO SUL E AS RAZÕES DENOMINATIVAS	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	76
ANEXO A- Jornal <i>O Momento</i> de 08 de maio de 1939	83
ANEXO B- Jornal <i>A Época</i> de 20 de agosto de 1939	85
ANEXO C- Jornal <i>A Época</i> de 23 de agosto de 1942	87
ANEXO D- Jornal <i>A Época</i> de 24 de maio de 1942	89
ANEXO E- Jornal <i>O Momento</i> de 05 de fevereiro de 1944	91
ANEXO F- Jornal <i>O Momento</i> de 12 de fevereiro de 1944	93
ANEXO G- <i>Lei Orgânica do Município de Caxias do Sul</i> de 27 de março de 1948	95
ANEXO H- <i>Boletim Eberle</i> de setembro de 1958	99
ANEXO I- Lei número 3494 de 12 de junho de 1990	105
ANEXO J- Ata da sessão nº 147	111
ANEXO L- Ata da sessão nº 148	120
ANEXO M- Ata da sessão nº 149	130
ANEXO N- Ata da sessão nº 191	139

INTRODUÇÃO

Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda alma vivente, isso foi o seu nome. (Gen. 2: 19)

O ato de nomear remonta à criação. Foi apenas quando os seres receberam um nome que sua existência foi realmente concretizada. É o nome que identifica, que “chama à existência o que ainda não havia”.

Associar um nome a uma coisa não é algo simples nem ingênuo. No processo de criação, o homem vai elaborando o léxico que se constitui numa forma de registrar o conhecimento do universo e, ao mesmo tempo em que o nomeia, também classifica os seres nele existentes. Esse interesse e procedimento do homem, tão antigos, são contemplados por um ramo da Linguística que se ocupa, especificamente, do estudo da língua no nível da primeira articulação da linguagem, isto é, do Léxico.

Chama-se Lexicologia a disciplina que estuda todas as palavras de uma língua, dentre elas, os nomes. Essas palavras são enquadradas em diversas categorias, conforme suas características formais e de acordo com as funções por elas exercidas. Das várias categorias estabelecidas para os nomes, ressalta-se aqui a dos nomes próprios. Dentre os nomes próprios, destacam-se os nomes de pessoas, que são estudados pela antroponímia, e os de lugares, que são objeto de estudo da toponímia. Denomina-se Onomástica a ciência que engloba a antroponímia e a toponímia.

A investigação do presente trabalho situa-se na toponímia e, precipuamente, na hodonímia, na qual são estudados os nomes das vias e os nomes de todos os espaços

¹ Gênesis capítulo 2, versículos 19 e 20. BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Antigo e novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. São Paulo: Editora CPAD, 1995.

urbanos de circulação das pessoas. Estão envolvidas aí questões diversas alusivas a diferentes setores do conhecimento, tais como sistemas de fala, fatos históricos, poder e força política, origem e identidade étnicas e aspectos culturais, típicos de uma comunidade bilíngue e bicultural, assim configurada por mais de um século de vida. Partiu-se dessa ideia para a realização do estudo da identidade, procurando estabelecer interconexões entre ela e esses elementos presentes na hodonímia de Caxias do Sul.

O tema em foco, neste estudo, é a identidade em contínuo processo de construção e reconstrução, como um elemento importante, presente na denominação dos logradouros e na troca de seus nomes ocorrida, no decurso do tempo, na comunidade de Caxias do Sul. Julgou-se relevante elucidar os vários fatores implicados no tema, dando realce ao papel da identidade, uma vez que a questão identitária é um aspecto de extrema relevância a ser levado em conta em estudos que se proponha realizar sobre a cultura dessa localidade.

Observam-se hodônimos representados por nomes desconhecidos a muitos habitantes da comunidade. Com o passar do tempo, eles se tornam opacos. A opacidade encobre fenômenos importantes dos hodônimos que se relacionam com a identidade e com a cultura do povo de Caxias do Sul. Contudo, a opacidade do signo toponímico constitui uma primeira parte do problema desta investigação. Na medida em que as camadas sobrepostas pelo tempo ao nome próprio de lugar forem sendo removidas e interpretadas, chega-se à questão da motivação, outro fator relevante do problema de pesquisa, o qual se encontra em estreita interconexão com a identidade.

O signo toponímico é motivado e transparente no ato de sua constituição, mas torna-se opaco no decurso do tempo. Sua opacidade impede a muitos habitantes da própria comunidade a leitura e compreensão dos hodônimos que nela se encontram. É de suma importância identificar e interpretar os elementos atuantes no processo de nomeação, tornando-os transparentes aos habitantes para a mais adequada formação de sua cidadania.

Dessa forma, cabe perguntar que motivos teriam conduzido os denominadores a atribuir aos logradouros de Caxias do Sul nomes de personagens desconhecidos, não identificáveis pelos habitantes do lugar. Que elementos culturais, étnicos, históricos e políticos foram atuantes nesse processo de dar e de substituir nomes de ruas e praças? Como foi gerida a identidade dos grupos étnicos locais no processo de trocas dos denominativos de ruas e praças do centro urbano de Caxias do Sul? Essas e outras questões similares levaram à investigação, ao estudo e à análise de dados, na busca de respostas condizentes às interrogações postas em relação ao problema de pesquisa aludido.

Na efetivação da pesquisa, propôs-se alcançar os seguintes objetivos: (a) localizar e caracterizar episódios relacionados a denominações e trocas de nomes de logradouros; (b) descrever a identidade nas suas interfaces com o contexto sociolinguístico e histórico-cultural da comunidade caxiense; (c) especificar e explicar o papel da identidade na denominação dos logradouros desse centro urbano; (d) indicar os motivos determinantes, usados pelos denominadores de vias e espaços de circulação da cidade de Caxias do Sul; (e) apontar indícios e efeitos de defesa da identidade presentes no movimento de retorno às origens étnicas italianas, estabelecendo relações entre identidade reconstruída e novas denominações de ruas e praças nos dias atuais.

A hodonímia de Caxias do Sul conta com poucos estudos realizados. Eles se resumem naqueles derivados do Projeto Toponímia, desenvolvidos por três pesquisadoras ligadas ao programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade. Em síntese os trabalhos publicados sobre esse assunto são: FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010; FROSI, DAL CORNO, FAGGION, 2008a; FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2008; FROSI, 2008; FROSI, 2009 e FROSI, 2010.

A esses estudos acrescenta-se também uma dissertação elaborada e defendida por uma aluna desse mesmo Mestrado (SARTORI, 2010). Há um vasto campo a ser trabalhado com produção de conhecimento científico específico. Os resultados desta pesquisa visam a colaborar com uma parcela, por pequena que seja, a ser somada à produção de conhecimento já existente. O conhecimento elaborado é importante, além disso, por sua especificidade em confronto com a toponímia de outras regiões do estado e do país, já que a diversidade linguística e cultural têm reflexos diretos na hodonímia das comunidades brasileiras.

Os resultados deste estudo mostram-se relevantes, principalmente, no âmbito da cultura e da formação da sociedade local. Eles podem ser levados à educação escolar, com adaptação aos diferentes níveis de ensino/aprendizagem. Em particular, o conhecimento produzido pode contribuir positivamente na formação da cidadania.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada na análise de obras sobre o município de Caxias do Sul, de caráter histórico, político, econômico e cultural. De modo especial, foram estudados os princípios teóricos alusivos à questão da identidade, constantes em obras de vários autores. No que diz respeito à onomástica/toponímia, buscou-se apoio em produções de cunho científico, elaboradas por investigadores europeus nessa área de pesquisa, como Dauzat (1947) e Rostaing (1948). De modo particular, fez-se uma revisão

dos trabalhos toponímicos, em andamento ou já concluídos, feitos por pesquisadores brasileiros em torno do Atlas Toponímico do Brasil - ATB -, com ênfase nas obras da estudiosa Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Foram utilizados também textos de diferentes formatos como atas, jornais, memorandos, decretos e boletins. Fez-se uso também de entrevistas semiestruturadas, constantes no Arquivo. Os resultados deste estudo estão dispostos em 5 capítulos. No primeiro capítulo, são apresentados princípios teóricos da onomástica e da toponímia obtidos lendo, analisando e explicitando contribuições de estudiosos importantes dessa área do conhecimento. Além disso, explora-se a singularidade dos hodônimos quanto ao seu aspecto motivacional.

No segundo capítulo, aborda-se a questão da identidade, a partir da visão de vários estudiosos e, também, seu desdobramento em identidade étnica e o processo de construção da identidade ítalo-brasileira.

No terceiro capítulo, destaca-se a singularidade do nome próprio em suas duas principais manifestações, as quais são objeto de estudo da Onomástica, ou seja, os nomes de pessoa (antropônimos) e os nomes de lugar (topônimos). Além disso, busca-se exemplificar a taxionomia proposta por Dick (1990b) através da produção de duas fichas lexicográfico-toponímicas.

No quarto capítulo, enfoca-se o contexto histórico, político e social em que se inserem os hodônimos aqui estudados, além de investigar a relação que se estabelece entre os hodônimos e a região.

No quinto e último capítulo apresenta-se a análise feita envolvendo as denominações e substituições de nomes e o papel desempenhado pela identidade étnica em tais situações.

Nas considerações finais, retomam-se os questionamentos inicialmente propostos a fim de verificar quais foram respondidos e quais servem de indício para futuras investigações.

1. REVISÃO DA LITERATURA

1.1 Onomástica e Toponímia

A nomeação dos lugares, como afirma a pesquisadora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990a, p. 5), principal estudiosa dessa área no Brasil, sempre foi uma atividade exercida pelo homem, desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana. O interesse pelo significado dos nomes está presente, segundo Carvalhinhos (2008, p. 1), desde o segundo século antes de Cristo, quando o gramático Dionísio, responsável pela primeira gramática ocidental, utilizou o termo *onoma* para definir o conceito equivalente a nome. Na época de Dionísio, *onoma* era utilizado para designar objetos, seres e atividades humanas. Assim, tomou-se o termo grego para denominar a Onomástica, disciplina que se ocupa da investigação da etimologia, das transformações, da explicação e da catalogação dos nomes próprios de pessoas e de lugares.

Os componentes da cultura de um povo são conhecidos através dos nomes que lhes são dados. Uma grande divisão coloca num lado os nomes comuns e num outro os nomes próprios. Desde as séries iniciais da formação escolar, estudam-se os nomes comuns. Embora a vida transcorra entre duas esferas de denominações, os nomes próprios não contam com um lugar privilegiado para seu estudo. Desde que o ser humano nasce é chamado pelo nome que os pais ou outras pessoas lhe atribuem. Além disso, o homem vive em determinado lugar que também tem um nome próprio e nele há espaços destinados à circulação das pessoas, que recebem individualização e são identificáveis através de nomes próprios. Todos os nomes próprios são contemplados pela ciência chamada Onomástica. A Onomástica², que se situa na grande área da Lexicologia que é dividida em duas grandes áreas de interesse: a Antroponímia que estuda os nomes próprios de pessoas (nomes, sobrenomes, apelidos) e a Toponímia, a qual estuda os nomes próprios de lugares.

² Optou-se por usar o termo Onomástica em vez de Onomasiologia. De acordo com Bambini (2006, p.38) “O termo *onomasiologia* foi utilizado pela primeira vez em 1903 por A. Zauner, em um estudo sobre os nomes das partes do corpo humano nas línguas românicas – *Die romanischen Namen de Körperteile. Eine onomasiologische studie*. A definição de *onomasiologia* proposta por Vittorio Bertoldi na *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*, de 1935 é considerada como uma referência na matéria: Por onomasiologia entende-se um aspecto particular da pesquisa linguística que, partindo de uma determinada ideia, examina as várias maneiras com as quais essa ideia encontrou expressão na palavra. Assim, segundo Bertoldi, a onomasiologia (em linguística) trata dos aspectos ligados ao processo da denominação (que vai da ideia ao signo).”

Alda Rossebastiano, na introdução de sua obra intitulada *I nomi di persona in Itália*, (2005, p. 9), diz que, apesar de ser inegável o fascínio que o estudo do nome próprio de pessoa apresenta, nem sempre a análise dele, principalmente em perspectiva etimológica, oferece resultados satisfatórios. De acordo com Rossebastiano, “uma explicação correta requer a reconstrução de um percurso diacrônico que, partindo da cultura local, individualiza suas componentes, correlaciona os liames existentes entre tradição e história linguística, remontando no tempo até a relação primitiva entre nome próprio e léxico comum.” Um estudo diacrônico, realizado com rigor etimológico, conduz a um étimo primeiro, a um nome comum do qual se origina o nome próprio. No seu nascimento, o nome próprio possuía, além de um significante, um significado preciso.

O outro ramo da Onomástica ocupa-se dos nomes próprios de lugares e recebe, por isso, a denominação de Toponímia. O estudo dos nomes próprios de lugares e o de pessoas é domínio do glotólogo que, além de um método seguro, deve possuir grande conhecimento das línguas dos povos que habitaram determinado lugar.

O grande estudioso da toponímia italiana, Giovan Battista Pellegrini (2006, p. VII) diz que “o interesse pela individualização do significado e pelo estudo dos nomes de lugar é muito antigo e sempre vivíssimo, tanto entre os estudiosos, quanto entre as pessoas de cultura que amiúde se interrogam, principalmente, sobre topônimos com os quais estão familiarizados”.

Ainda que a atividade de nomear venha de tempos remotos, o reconhecimento da Toponímia como disciplina surgiu apenas em 1878, com Auguste Longnon, na França. Auguste Longnon, nas décadas finais do século XIX, no período de estudos comparados das línguas indo-europeias, propôs-se a estudar a etimologia dos nomes antigos do território francês demonstrando as transformações desses nomes de lugares. Os estudos seguintes são realizados por Albert Dauzat, o qual, em 1922, retoma os estudos onomásticos que haviam sido interrompidos com a morte de Longnon. Dauzat destacou-se por aplicar a metodologia típica dos estudos dialetológicos na pesquisa sobre os nomes de lugares.

Em sua obra, *Les noms de lieux* (1947), a qual tem o mesmo nome da obra de seu antecessor Auguste de Longnon, Dauzat afirma que

Assim como os nomes de pessoas, mas de modo muito mais notável, os nomes de lugares se apresentam a nós como palavras antigas, de significado preciso,

cristalizadas e esterilizadas de modo mais ou menos rápido, esvaziadas de sentido original³ (1947, p. 1).

Segundo Dauzat, o trabalho do pesquisador de uma área determinada deveria concentrar-se na busca por esse sentido original, uma vez que este se encontra encoberto por inúmeras “camadas históricas” (DAUZAT, 1947, p. 1 e 2). Centrando o estudo dos nomes de lugares na ciência da linguística, Dauzat (1947, p. 4) destaca também a importância e contribuição da história na busca de explicações sobre os nomes, no passado. Os nomes de lugares, além do interesse linguístico, oferecem elementos importantes sobre os povos que habitaram determinados lugares. Ele diz que os nomes de lugares apresentam-se como fósseis preciosos que retêm elementos gramaticais de outras línguas faladas por povos antigos (DAUZAT, 1947, p. 8).

Contemporânea a Dauzat, com estudos nessa mesma perspectiva, é também a obra de Rostaing (1948). De acordo com esse estudioso, “Todo nome de lugar tem uma significação, mas essa significação, por diversas razões acaba por não ser percebida pelos habitantes. Às vezes, o nome cristalizou-se e impede sua compreensão” (ROSTAINING, 1948, p. 13).

Em língua portuguesa, destaca-se Leite de Vasconcelos, filólogo português, o qual realiza amplos e aprofundados estudos na área da Onomástica, abrangendo tanto a área da Antroponímia (que engloba o estudo dos nomes de pessoas) como da Toponímia (estudo dos nomes geográficos), além de dedicar-se a uma terceira área “o estudo dos nomes vários, isto é, de deuses, astros, sinos, embarcações e outros” (VASCONCELOS, 1931, p. 460).

Na Itália, são numerosos os estudos desenvolvidos, orientados, no passado, principalmente, na perspectiva etimológica. Em particular, no que se refere à Toponímia, mencionam-se, dentre tantos: Battisti 1922 e 1933; Migliorini 1927; Olivieri, 2001; Pellegrini 1948, 1955. Cita-se a obra *Dizionario de toponomastica storia e significato dei nomi geografici italiani* (QUEIRAZZA; MARCATO; PELLEGRINI; SICARDI; ROSSEBASTIANO, 2006), que é fruto de muito trabalho e dedicação do grupo de pesquisadores. Na apresentação dessa obra, Pellegrini (2006, p. VII) destaca ser esse Dicionário um estudo tipicamente interdisciplinar. É ainda Pellegrini (1990, p. VII) quem diz que “a tarefa principal da pesquisa toponomástica é aquela de restituir ao nome de lugar, que, na maioria das vezes, através dos séculos, tornou-se não transparente no

³ Tradução feita por Carmen Maria Faggion.

sentido, um significado possivelmente certo e de indagar, sobre as variações do topônimo no tempo”.

Destaca-se também a pesquisa realizada por George Stewart nos Estados Unidos. Stewart é considerado um dos mais importantes colaboradores da revista *Names*, publicação oficial da *American Name Society*, a qual foi fundada em Detroit em 1951. Segundo Dick (1990a, p. 2), “Stewart é autor de *Names of the land* e de *A classification of places names* onde enfoca os meios ou mecanismos pelos quais os lugares são nomeados, apontando, deles, nove categorias discriminativas”.

Os estudos toponímicos avançaram e tiveram na América do Sul, como expressão mais significativa, Adolfo Salazar-Quijada, com a publicação de sua obra *La Toponímia en Venezuela* (1985). O autor considerava ser possível, por meio dos estudos toponímicos, reconstruir a vida de um povo e estudar sua cultura, seus movimentos migratórios, aspectos linguísticos e da vida social dos habitantes de uma determinada região.

No Brasil, a toponímia, de acordo com Dick (1994), conquista sua autonomia com a reformulação dos cursos de Letras, no final da década de 60. Na USP, ela foi desdobrada em duas disciplinas. A partir do trabalho do professor Carlos Drumond, modelado na vertente europeia, o estudo sistematizado da toponímia no Brasil integrou-se aos estudos linguísticos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, privilegiando, inicialmente, os nomes de origem indígena através das pesquisas sobre o Tupi e a Toponímia Brasileira.

A continuidade e progressivo desenvolvimento da Toponímia acontecem com a professora e pesquisadora dessa área, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Ela segue a orientação de Drumond e fundamenta seus trabalhos na teoria de Dauzat. Sua obra *A Motivação Toponímica: Princípios Teóricos e Modelos Taxionômicos* (1980) recebeu do próprio Drumond excelente apreciação, com as palavras “nenhum outro estudo de Toponímia do Brasil reveste-se de tantas qualidades como os seus Princípios Teóricos e Modelos Taxionômicos, seja do ponto de vista estrutural como científico”.

No Brasil, a Universidade de São Paulo (USP) é pioneira no estudo e ensino da Toponímia em seu curso de Letras; além disso, em 1989, introduziu um curso de pós-graduação em estudos onomásticos (Toponímia e Antroponímia), “visando à formação de um corpo próprio de pesquisadores, à semelhança do que ocorre em outras instituições europeias e americanas” (DICK, 1990 a).

Em sua obra *A Motivação Toponímica: Princípios teóricos e modelos taxionômicos* (1980), trabalho que constitui sua tese de Doutorado, Dick propõe uma categorização semântica dos topônimos adaptada à realidade brasileira. Apoiando-se nas teorias de Dauzat e Vasconcelos, Dick propôs uma taxionomia que contemplava 27 (vinte e sete) taxes: 11 (onze) referem-se ao ambiente físico, por isso chamadas de taxionomias de natureza física e 16 (dezesesseis), que se reportam aos aspectos sócio-histórico-culturais do homem e são chamadas taxionomias de natureza antro-po-cultural.

A obra de Dick *A Dinâmica dos Nomes na Toponímia da Cidade de São Paulo 1555-1897* (1996), fruto de sua tese de livre docência, configura um estudo detalhado dos logradouros dessa mesma cidade, vistos sob o viés da motivação de sua denominação e das suas mudanças através do tempo.

O papel de Dick nos estudos toponímicos no Brasil foi e continua sendo de fundamental importância, uma vez que, além de constituir-se essa estudiosa como precursora, Dick defendeu e consagrou um espaço especial da Toponímia na Linguística. A partir daí, com os estudos que se seguiram nesta área, a Toponímia foi expandindo seu campo e tornou-se uma disciplina de caráter multidisciplinar. É da responsabilidade de Dick a elaboração e o desdobramento do projeto do Atlas Toponímico Brasileiro (ATB), desenvolvido junto à Universidade de São Paulo. Tal projeto foi proposto com objetivos definidos: dar visibilidade aos conceitos teóricos da Toponímia, fruto das novas concepções linguísticas propostas para a matéria, além de restabelecer o papel da ciência onomástica como eixo condutor das disciplinas dos nomes, no seu duplo enfoque, o homem e o lugar, respeitada sua inserção temporal

Além do já citado Atlas, nos últimos anos, diversos estudos toponímicos têm sido desenvolvidos em diferentes regiões do Brasil, popularizando tão instigante e profícua área do conhecimento. Hoje, pode-se vislumbrar o aparecimento de diversos Atlas Toponímicos espalhados por todo país. Entre eles destacam-se o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP), também coordenado por Dick; o Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATMIG) dirigido por Maria Cândida Trindade Costa de Seabra; Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul (ATEMS), coordenado por Aparecida Negri Isquierdo; Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso (ATEM), de responsabilidade de Maria Aparecida de Carvalho; Atlas Toponímico do Estado do Paraná (ATEPAR), coordenado por Vanderci de Andrade Aguilera; Atlas Toponímico do Estado do Ceará (ATEC), executado por Alexandre Melo de Souza e o Atlas Toponímico do Tocantins (ATT), de

responsabilidade de Karylleila dos Santos Andrade. Vale mencionar que esta mesma autora publicou recentemente a obra *Atlas Toponímico de origem indígena do estado do Tocantins- ATITO* (2010). A obra, fruto de sua tese de doutorado realizada na USP, com orientação da professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, apresenta uma descrição e análise etnotoponímica dos nomes de origem indígena do estado do Tocantins.

Segundo Carvalhinhos (2008), a Toponímia, como disciplina, nasceu no século XIX e, desde então, muito tem crescido para a exploração dos nomes não apenas como “repositórios linguísticos que são, mas se lhe atribui a devida importância como elemento pragmático de organização espacial” (CARVALHINHOS, 2008, p. 1). O mundo que nos cerca é organizado, catalogado através de signos, sendo estes linguísticos ou não. O signo toponímico configura um recorte na realidade circundante. De acordo com Biderman

(...) a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas (BIDERMAN, apud MAEDA, 2006, p. 19 e 20).

Embora, de acordo com o senso comum, sua relação não pareça ter correspondência semântica com o referente nomeado, o que se percebe, na verdade, é que o topônimo “fornece uma projeção simbólica do real, tornando clara a natureza semântica de seu significado” (MAEDA, 2006, p. 32). Segundo Dick (2001, p. 82),

[o] que subjaz em toda discussão relativa ao conceito de nome e de nome próprio ainda é o modo pelo qual os signos (em especial, os locativos) recortam, seletivamente, a realidade extra-verbal, incorporando-a ao plano do conhecimento. Um recorte não é o próprio objeto representado, mas a concepção simbólica que se tem dele mesmo (representação psíquica da coisa/conceito, num mecanismo de intermediação (onoma/pragma: nomes e coisas) (DICK, 2001, p. 82).

O ato de nomear algo é, sem dúvida, um ato de poder. A partir do momento em que é feita a escolha de um nome é como se o ser nomeado passasse, verdadeiramente, a existir.

Dick (2001, p.79) afirma que

[a] configuração de um local só acontece a partir do nome, o antecedente sendo o não-lugar, o não simbólico, o inativo. Do mesmo modo, é o nome que dimensiona a pessoa e caracteriza o humano e o animado, polarizando sua atividade sociolinguística (DICK, 2001, p. 79).

A relação entre o nome e a “coisa” é fruto de interesse desde os gregos. Embora, como demonstrado anteriormente, essa relação seja bastante arbitrária, o nome tem, principalmente quando expresso na forma de um signo toponímico, capacidade de estabelecer uma relação muito próxima e significativa com o objeto em questão.

Assim sendo, embora considerado um signo linguístico, os topônimos apresentam uma importante distinção em relação àqueles: a motivação. Segundo Dick (1990b),

[m]uito embora seja o topônimo, em sua estrutura, como já se acentuou, uma forma de língua, ou um significante animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era **arbitrário**, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente **motivado**, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo. (DICK, 1990b, p.38-grifos da autora).

O significado de um hodônimo pode revelar-se facilmente, contudo a motivação, clara e evidente no ato de sua escolha, encontra-se, na maioria das vezes, coberta por inúmeras camadas, sendo uma das mais importantes delas o próprio tempo. Conforme Dauzat (1947) “As sucessivas camadas históricas, sobrepostas, – verdadeiramente análogas às camadas geológicas dos terrenos sedimentares – são bem mais numerosas e mergulham bem mais longe, no passado, do que os nomes de pessoas” (DAUZAT, 1947, p. 1 e 2).

Os anos passados apagam da memória fatos extremamente relevantes para o entendimento de uma denominação. Há ainda, os esquecimentos propositais ou convenientes. Há também elementos políticos, econômicos e religiosos.

Outra característica significativa em relação aos topônimos, e por que não dizer em relação aos hodônimos, é, de acordo com Dick (1990b, p. 42), “sua interpretação como um verdadeiro fóssil linguístico, expressão tomada ao geógrafo francês Jean Brunhes, que o considerava um ‘fóssil da geografia humana’”. Assim sendo, ao buscar o sentido que tal elemento possui (u) é preciso o trabalho de um “arqueólogo”, uma vez que, como afirma Foucault, em *Arqueologia do Saber* (2004), “o domínio das coisas ditas é o que se chama “arquivo” e o papel da arqueologia é analisá-lo” (p. 235 e 236).

Como um arqueólogo, o linguista, em sua investigação, precisará remover aquilo que encobre seu objeto de estudo a fim de compreender todo o complexo processo que o ato de nomear envolve. Cabe ao pesquisador buscar a “intencionalidade que anima o

denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome [...]” (DICK, 1990b, p. 39).

Karylleila Andrade (2010) destaca a singularidade do signo toponímico em relação ao seu aspecto motivacional e salienta a importância do denominador no processo denominativo. Para ela,

[o] signo toponímico é motivado, sobretudo, pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador. Além de diferir dos demais signos no que se refere à motivação, tem particularidade específica quanto à função. O signo linguístico se reserva à arbitrariedade, enquanto o signo toponímico à motivação. (ANDRADE, 2010, p. 107).

A Toponímia compreende o estudo dos topos, sejam eles os espaços geolinguísticos dos municípios, distritos, regiões, estados e países, ou ainda os espaços de circulação dos centros urbanos, então denominados hodônimos. Dick afirma que os topônimos

são verdadeiros ‘testemunhos históricos’ de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população e que encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal (DICK, 1990b, p. 22).

De acordo com Giovan Battista Pellegrini (1990, p. VII), a tarefa principal da pesquisa toponomástica é a de restituir o significado ao nome do lugar, o qual, com o passar do tempo, tornou-se “opaco” em seu sentido. Assim, através da análise linguística do topônimo, pode-se revelar não apenas sua etimologia, mas também, a história do lugar e das pessoas que ali habitaram, seus costumes, crenças e valores culturais, políticos, sociais e ideológicos.

Segundo Faria; Nascimento; Nascimento, no artigo “A memória social na micro-toponímia de Pontes e Lacerda – MT” (2009, p. 8),

[a] pesquisa em Toponímia integra, conforme já mencionado, os estudos em Onomástica e, neste campo, considera-se o acervo lexical como parte do sistema linguístico em que é possível ao pesquisador observar o recorte cultural de uma dada comunidade linguística, pois esses elementos revelam todo um conjunto de visões de mundo e de experiências vivenciadas pelos membros de cada

comunidade linguística, incluindo-se aí suas práticas sociais e culturais (FARIA; NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2009, p. 8).

Assim sendo, é possível afirmar que, ao estudar os topônimos, não estamos estudando apenas sua etimologia e morfologia, mas estamos, realizando também uma pesquisa de caráter antropológico, cultural e histórico. Neste sentido, Dick postula que

(...) a história dos nomes dos lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se entrecruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos culturais ou antro-po-culturais (DICK, 1990b, p. 19)

Ciente de tal fato, considera-se que um estudo na área da Toponímia será mais rico e abrangente se contemplar, além dos aspectos linguísticos, também elementos histórico-culturais integrados no contexto em que os nomes estão inseridos. Essa é definitivamente uma disciplina que possui caráter interdisciplinar, visto que os topônimos e hodônimos contam a história de vida das pessoas que participaram do processo de construção de um determinado centro urbano ou homenageiam figuras importantes do país em que se inserem. Para Karylleila dos Santos Andrade (2010),

Os estudos toponímicos, dentro do alcance pluridisciplinar de seu objeto de estudo, constituem um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* das comunidades linguísticas, que ocupam ou ocuparam um determinado espaço (ANDRADE, 2010, p. 103).

Referindo-se ao caráter pluridisciplinar do signo toponímico, num de seus artigos publicado na internet (2007) ⁴, Alexandre Melo de Sousa diz que é possível afirmar que ele se constitui num meio para conhecer:

- a) a história dos grupos humanos que vivem ou viveram na região;
- b) as características físico-geográficas da região;
- c) as particularidades sócio-culturais do povo (o denominador);
- d) extratos linguísticos de origem diversa da que é utilizada contemporaneamente, ou mesmo línguas que desapareceram;
- e) as relações estabelecidas entre os agrupamentos humanos e o meio ambiente.

⁴ SOUSA, Alexandre Melo de. *Aplicação dos estudos toponímicos no Ensino Fundamental e Médio: propostas teórico-didáticas*. Publicado no Recanto das Letras em 04/12/2007. Código do texto: T764150. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/764150>. Acesso em 27 de setembro de 2009.

Dessa forma pode-se afirmar que o “signo toponímico” nos fornece muito mais do que o conhecimento linguístico, do que a evolução etimológica, ele fornece material para que possamos conhecer a história, a geografia, a cultura, a sociedade de um determinado lugar. Sousa segue dizendo que

[v]ê-se, assim, que a toponímia estabelece uma estreita relação com o patrimônio cultural de um povo, e sua preservação constitui a perpetuação do histórico (aí envolvidos todos os aspectos físico-geográficos e sócio-histórico-culturais inerentes) e dos valores desse mesmo grupo (SOUSA, 2007, p. 3).

Tendo em conta tal interdisciplinaridade, o estudo aqui proposto analisa os hidônimos de Caxias do Sul em sua interface com elementos da antropologia, da sociologia e da história, explorando de forma mais atenta a questão da identidade e seu desdobramento no aspecto étnico/ linguístico.

2. A QUESTÃO DA IDENTIDADE

O tema da identidade parece nunca ter estado tanto em voga. Inúmeros autores têm se dedicado a tratar deste tema que, numa era de mundialização ou globalização, ganha contornos de conceito-chave, principalmente, dentro da teoria linguística, social e da prática política.

Stuart Hall afirma, em seu texto *Quem precisa de identidade?*, que “[e]stamos observando, nos últimos anos, uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de ‘identidade’.” (HALL, In: SILVA, 2000, p. 103). Hall diz ainda que este conceito tem sido abordado em diferentes perspectivas e, também, questiona o valor, ou melhor, a necessidade de tanta pesquisa e argumentação sobre o tema.

Em concordância com Hall, Denys Cuche, em sua obra *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais* (2002) pondera que o termo *identidade* é de uso tão frequente que certos analistas chegam a ver neste uso o “efeito de uma verdadeira moda” (CUCHE, 2002, p. 175). Para este autor,

[s]e admitirmos que a identidade é uma construção social, a única questão pertinente é: ‘Como, por que e por quem, em que momento e em que contexto é produzida, mantida ou questionada certa identidade particular?’ (CUCHE, 2002, p. 203).

De mesma opinião, Kanavillil Rajagopalan, em artigo intitulado *A construção de identidade e a política de representação* (In: FERREIRA e ORRICO, 2002), declara

[q]ue a identidade, seja dos indivíduos (por definição, seres não-divididos e indivisíveis), seja das agremiações como estado e nação, seja dos objetos de estudo e análise – e, com frequência, defendida com amor e paixão – como língua e pátria, é um construto e não algo que se encontra por aí *in natura*, já se transformou em lugar-comum nos círculos acadêmicos, graças aos escritos de alguns estudiosos como Eric Hobsbawm (1987), Michael Oakeshott (1991), Anthony Giddens (1991), Charles Taylor (1992), Homi Bhabba (1990) e outros. Com certeza, essa nova percepção deu uma guinada na forma como a identidade era pensada até então (RAJAGOPALAN, In: FERREIRA e ORRICO, 2002, p. 77).

Assim sendo, assumir uma identidade, identificar-se com algo, não deve ser considerado como algo “natural”, como um dado apriorístico. A identidade, conforme Stuart Hall (2006, p. 13), é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Este mesmo autor aponta para o fato de a identidade ser algo definido historicamente e não biologicamente. Para ele,

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar pelo menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

A identidade é uma posição que assumimos e com a qual nos identificamos (conforme WOODWARD, In: SILVA, 2000, p.55). Ela se constrói sempre em relação a um outro grupo. Segundo Cuche (2002, p.183) “deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais”. Para ele a identidade é sempre uma concessão, uma negociação entre a própria identidade e a do outro (CUCHE, 2002, p. 183 e 184).

Manuel Castells, em sua obra *O Poder da Identidade* (2008), afirma que

[n]ão é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso (CASTELLS, 2008, p. 23).

Sabe-se que, de acordo com uma visão não-essencialista, toda identidade é construída e não um dado apriorístico. A identidade sempre pressupõe construção. Sobre tal questão Bauman (2005) postula que nem o pertencimento, nem a identidade

têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p.17)

Segundo Remotti (2008), no que se refere à construção da identidade e às conexões que lhe superam os limites, existe um outro nível, isto é, a dimensão do fluxo e da mudança. “Decidir a identidade é, portanto, violência contra as teiazinhas das conexões, mas é também, por vezes, tentativa heroica e irrenunciável de salvação referentemente à inexorabilidade do fluxo e da mudança.” (REMOTTI, 2008, p. 10).

Construímos e reconstruímos a identidade sempre que isso se torna necessário. Poder-se-ia afirmar que ocorre um verdadeiro jogo, no qual a identidade que se assume exerce função de um papel que tem por principal missão garantir uma maior visibilidade, prestígio, vantagem e, por que não dizer, poder, ainda que, como afirma Pierre Bourdieu, um poder simbólico. Benedetto Vecchi, ao introduzir a obra de Zygmunt Bauman *Identidade* (2005, p.13), afirma que a identidade precisa envolver-se com o que realmente é: uma convenção socialmente necessária.

2.1 A identidade étnica e etnolinguística

Em um mundo que se aproxima através do processo de globalização, definir-se como pertencente a um grupo, a uma mesma comunidade, mesmo que, por vezes, uma “comunidade imaginada” (segundo Benedict Anderson, 1983), é fator de grande importância. Falar de identidade em um mundo cada vez mais global, em que as diferentes identidades são colocadas em constante contato, é um tópico de extrema relevância se a identidade que estiver em jogo for a identidade étnica, uma vez que “na medida em que é autoconscientemente reivindicada, a etnicidade é parte da identidade individual” (Platt, 2010, p.87) . O sentimento de pertença a um determinado grupo étnico e cultural une os indivíduos que formam esse grupo, na busca e na vivência dos mesmos princípios e na prática dos próprios valores, que os identificam entre si, opondo-os a outros que lhes são dissimilares.

Cabe, antes de prosseguir, que se explicito o que se entende por identidade étnica e, o que se entende por pertencer a um determinado “grupo étnico”. Conzen (apud FROSI, 2008, p.130) afirma que

[a] identidade étnica é uma construção cultural que se desenvolve em um determinado período histórico; que os grupos étnicos encontram-se em um estado de contínua reconstrução; que a etnicidade é constantemente reinventada, para dar conta de realidades que mudam: que uma identidade é resultado do diálogo com a cultura predominante (CONZEN apud FROSI, 2008, p. 130).

Assim sendo, assume-se que a identidade étnica é algo em constante transformação, que nada tem de perene ou imutável. Ela é, como todas as identidades, algo que está em jogo, algo que é passível de uma negociação entre os pares e entre os membros da sociedade que os acolhe. E, de fundamental importância, insere-se a língua neste contexto.

A questão da identidade étnica não é algo que concerne apenas aos antropólogos e sociólogos. Pensar identidade étnica é pensar em língua, uma vez que não há como desvinculá-las. Segundo Rajagopalan (1998, p.41) “A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela”.

Língua e identidade estabelecem uma relação de cumplicidade e de mútua dependência. A língua é um dos mais importantes instrumentos de identificação, especialmente no que concerne à sua identidade étnica. Para Rajagopalan (1998, p.41 e 42), “as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre em um estado de fluxo.”

Mey, em artigo intitulado *Etnia, identidade e língua* (1998, p.70 e 71), traz a história bíblica do confronto entre os efraimitas e os gileaditas. Segundo a narração bíblica, os efraimitas, após terem sido derrotados, eram reconhecidos e mortos quando, submetidos a uma espécie de teste, não conseguissem pronunciar corretamente a palavra *shibboleth*. Partindo desta narração, o autor afirma que a língua é um fator decisivo na determinação da identidade étnica de um indivíduo (1998, p.71).

Frosi (2008, p.129) afirma que “a etnicidade relaciona-se com a cultura e, particularmente, com a língua de um determinado grupo étnico”.

De acordo com Appel e Muysken (1996, p.24),

[o] grupo se distingue através de sua língua. As normas e valores culturais do grupo se transmitem por meio da língua. Os sentimentos grupais enfatizam-se mediante o uso da língua própria do grupo e os membros que não pertencem ao grupo ficam excluídos de suas relações internas. (APPEL; MUYSKEN, 1996, p.25, tradução livre).

Ainda sobre a formação dos grupos étnicos, Appel e Muysken (1996, p.25) postulam que

[t]udo aquilo que diferencia um grupo de outro constitui a identidade do grupo. Ainda que não haja critérios fixos, um grupo se considera grupo étnico com uma identidade étnica específica quando é suficientemente diferente de outros grupos (APPEL; MUYSKEN, 1996, p.25).

Os autores consideram ainda que, atualmente, as relações entre os grupos étnicos encontram-se bastante transformadas. Segundo eles, hoje os grupos étnicos perceberam que a etnia poderia ser vivida, praticada em forma de uma *etnicidade*.

Conforme Fishman (1977 apud APPEL; MUYSKEN, 1996, p.25),

[p]ara falar de etnicidade devemos levar em conta três dimensões diferentes. A dimensão mais importante é a paternidade [...] que está ligada ao sentimento de

continuidade. A segunda dimensão é a do patrimônio [...] que se herda das gerações anteriores. A fenomenologia é a terceira dimensão [...] que tem a ver com as atitudes subjetivas dos indivíduos desde seu pertencimento a um grupo étnico potencial. (APPEL; MUYSKEN, 1996, P.25, tradução livre)

Contudo, estudos mais recentes tendem a ver a etnicidade como uma construção e reconstrução, como um processo de invenções e reinvenções que se constituem na interação dos indivíduos com seu grupo étnico e com os demais grupos, o que ocorre na e através da própria língua. Para Fishman (apud APPEL; MUYSKEN, 1996, p.26) “a língua é o símbolo por excelência da etnicidade”.

A língua não é apenas mediadora nas negociações quanto à identidade, ela é sim identificadora. A língua faz com que nos aproximemos formando grupos étnicos e, também, nos difere dos demais grupos. De acordo com Frosi (2008, p.131), “[a] língua confere às pessoas uma identidade própria e as insere num grupo étnico-social. A fala de um indivíduo informa aos outros quem ele é”. A língua torna-se, neste contexto, assim como definido por Duranti (2003, p. 2), “um recurso cultural”. Segundo o autor, “a língua é a ferramenta mais flexível e poderosa desenvolvida pelos humanos” (2003, p.7).

Embora possa parecer contraditório, ao mesmo tempo em que a globalização, movida pelo mercado, traz homogeneidade cultural, pode, também, levar a uma resistência em relação à identidade étnica fazendo com que algumas identidades sejam reforçadas e reafirmadas. De acordo com Woodward (2000, p.24),

[a]s mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas (WOODWARD, 2000, p. 24).

Este fenômeno de retomada e reinvenção de identidades étnicas, movimento característico daquilo que é entendido por alguns autores tais como Stuart Hall (2006, p14) como “modernidade tardia”, não só ocorreu e ocorre em nações diferentes da nossa ou entre grupos étnicos distantes. Este fenômeno pôde ser experimentado num contexto muito próximo e peculiar: a região de colonização italiana do Rio Grande do Sul.

2.2 A construção da identidade étnica ítalo-brasileira

O ato de definir-se como brasileiro descendente de italiano ou ítalo-brasileiro é resultado de um complexo processo de construção e reconstrução de uma identidade étnica italiana. Tal processo envolveu mais de um século de história: teve seu início com a partida dos imigrantes de sua terra natal, passou pela sua travessia, pelo processo de colonização, pela perseguição política até chegar ao momento em que a questão étnica ganhou um novo enfoque (época em que se passou a ver a reafirmação étnica como uma questão de suma importância).

Maria Catarina Chitolina Zanini, em sua obra *Italianidade no Brasil Meridional: A construção da identidade étnica na Região de Santa Maria -RS* (2006), produto de uma extensa pesquisa sobre o tema da identidade étnica italiana, faz uma interessante divisão sobre o período que envolveu o processo da colonização italiana no sul do Brasil. A autora divide esse período em quatro grandes momentos: travessia, colonização, repressões do Estado Novo e época atual. E, ao fazer isto, a autora leva a perceber que, assim como assinalado por João Batista Borges Pereira no prefácio da referida obra,

[d]esde as suas origens até a atualidade, alemães e italianos, notadamente italianos, vêm fazendo e refazendo a sua singularidade étnica com o apoio de uma retórica de identidade que se exprime no cotidiano e nos instantes ritualizados, na religião e na mitologia, na língua e na toponímia e, principalmente, numa história real, inventada ou reinventada, que narra o épico e o sofrido da saga do grupo (PEREIRA, apud ZANINI, 2006, p. 11).

Diante disso, é possível afirmar que a identidade étnica italiana ou a ítalo-brasilianidade, percebida na região nordeste do Rio Grande do Sul, é resultado de um processo longo e complexo. Ao realizarem a “travessia” os imigrantes provocam uma verdadeira ruptura: eles deixaram sua pátria, que há muito não supria suas necessidades, para emigrarem para uma terra de possibilidades, de novas oportunidades. Depois de enfrentarem uma longa, sofrida e difícil viagem, eles encontram o “novo mundo”. Essa ruptura não foi apenas física, mas deu-se também em termos identitários. Nesse momento, criou-se uma nova identidade: a identidade do imigrante italiano. De acordo com Zanini (2006, p. 65),

A travessia como um marco iniciador da identidade do imigrante, tornou-se, historicamente, a passagem que possibilitou a construção mitológica do colonizador, do desbravador, do herói, daquele que trouxe civilidade, progresso, desenvolvimento e riqueza ao Novo Mundo. (ZANINI, 2006, p. 65).

Os valores positivos atribuídos ao imigrante estendem-se ao colonizador, ou seja, àquele imigrado italiano que difere dos demais, leia-se dos “brasileiros”⁵, como trabalhador incansável, católico devoto, que dá seu “sangue, suor e lágrimas” para alcançar o objetivo de prosperar. Neste momento, há a total aceitação do Brasil como terra que acolheu e possibilitou a ascensão social dos imigrantes italianos (genericamente falando, uma vez que neste momento as diferentes origens regionais já não têm maior importância, são todos italianos imigrados).

De acordo com Zanini (2006, p. 154 a 190), há um marco histórico vem pôr em xeque a identidade étnica italiana há pouco construída. O Estado Novo, que ocorreu entre os anos de 1937 a 1945, configurou-se como um período de repressão das minorias étnicas em prol da construção de um Estado Nacional unificado, homogêneo, que, segundo Vargas, seria a única forma de sobrevivência do país em um mundo cada vez mais formado por Estados Nacionais. Houve a proibição do uso dos dialetos de origem, tanto em esfera pública como privada e as escolas passaram a ensinar somente a língua portuguesa e conteúdos referentes ao país (a geografia e a história brasileira). Para que os objetivos fossem atingidos, muitas vezes fez-se o uso da força, ou seja, ocorreram detenções, prisões daqueles que, muitas vezes denunciados por vizinhos ou conhecidos, continuaram a utilizar seus dialetos mesmo que na esfera doméstica (PESAVENTO, 1980, p. 191 e 192). O imigrante italiano tornou-se ressentido e temeroso. Com medo de possíveis consequências, os pais proibiam que seus filhos usassem o dialeto. As famílias passaram a desfazer-se de objetos pessoais que invocavam sua terra de origem. Os “brasileiros” ou “nacionais” muitas vezes hostilizavam aqueles que, para eles, não pertenciam ao país e que representavam, até mesmo, um perigo dada sua possível ligação com os ideais fascistas, visto que estavam no período da Segunda Grande Guerra.

Nesse período, ocorreu aquilo que Zanini (2006, p. 153) denominou de “varredura cultural”. A cultura de origem torna-se desvalorizada e até mesmo marcada por adjetivos depreciativos tais como “rude, grosseira e atrasada” (ZANINI, 2006, p. 164). A identidade italiana é reprimida e a identidade brasileira valorizada. Os imigrantes passam a adotar

⁵ Segundo Kathryn Woodward, In Silva (2000, p.39) “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma que seja capaz de dividi-la (e as todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles (...) eu/outro.”

ainda mais, pois isto já ocorria desde sua chegada, os hábitos, costumes e até mesmo o idioma dos “brasileiros”. Para Zanini (2006), ocorre uma hibridização /hibridação⁶ que promove a criação de uma identidade ítalo-brasileira, que embora não pretendida, tornava-se conveniente ao Estado Novo, ou seja, a identidade brasileira sobrepõe-se à identidade italiana em termos de valores positivos.

Como resultado de todo esse processo, os descendentes de italianos foram pouco a pouco abandonando os traços culturais que os identificavam como italianos. Os dialetos deixaram de ser falados, a fala em língua portuguesa com marcas do dialeto tornou-se estigmatizada, assim como estigmatizados foram os que dessa forma falavam. Termos pejorativos eram utilizados pelos nacionais para referirem-se aos descendentes, tais como “colono”, “gringo grosso”, “gringo mal-educado” (FROSI, FAGGION E DAL CORNO, 2010). Zanini (2006, p. 197) afirma que,

[s]e a sociedade nacional, no período anterior ao Estado Novo, já havia elaborado representações sobre os descendentes de italianos como forma de confronto social e cultural, durante e após esse período, as representações serviram também como forma de repressão e expressão de etnocentrismo. O objetivo era humilhar e diminuir, pois, conforme relatam os termos pejorativos não eram utilizadas somente em conversas de nacionais sobre os descendentes, mas eram especialmente dirigidos a eles, fosse na escola, no comércio ou em qualquer situação de contato. Eram atribuídos, igualmente a homens, mulheres e crianças, indistintamente, o que fazia com que muitos não apreciassem o convívio social com os nacionais, limitando-se ao universo de relações estabelecidas com outros descendentes. Alguns se isolavam cada vez mais (ZANINI, 2006, p. 197).

Foi apenas por ocasião do Centenário da Imigração Italiana, em 1975, que a identidade étnica italiana voltou a ser vista como algo positivo, ocorrendo uma reinvenção da identidade. De acordo com Frosi e Mioranza, em sua obra *Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira* (2009),

[a]s celebrações próprias do Centenário da Imigração Italiana representaram um marco e funcionaram como gatilho na explosão da italianidade. Os sentimentos de vergonha, o estigma da fala dialetal italiana e da variedade do português regional foram sendo superados e deram lugar a atitudes positivas, de orgulho identitário italiano (FROSI e MIORANZA, 2009, p.110).

⁶ García Canclini (2003, p.XIX) diz “entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.”

Conforme citação acima, o centenário da imigração foi algo bastante festejado por parte dos descendentes que desejavam expressar sua italianidade⁷ e demonstrar que nada tinham de “grossos” ou “atrasados”, mas que eram sim bem sucedidos, já gozando de prestígio econômico e social.

O movimento étnico de retorno às origens italianas passa a gerar, com maior intensidade, festas e encontros de famílias. Observa-se uma explosão de ofertas de cursos de Língua italiana, da criação de Associações e *Circoli*, de entidades que promoviam a cultura italiana, tal como o Instituto Superior Brasileiro Italiano de Estudos e Pesquisas – ISBIEP – depois, substituído e continuado pelo ECIRS, na Universidade de Caxias do Sul.

O que os descendentes pretendiam era expandir seu universo, mesmo que simbólico, e alcançar a visibilidade que lhes foi negada durante um bom tempo. Para tanto, os mitos de origem foram novamente acionados. A difícil travessia, a dura adaptação durante a colonização, o esforço do imigrante-mártir perseguido e reprimido, tudo isso transformou-se em bens simbólicos que disputavam visibilidade em um *campo* (conforme Bourdieu, apud Zanini, 2006, p. 27) no qual o descendente buscou afirmar-se e, também, conhecer-se melhor. O que os descendentes desejavam era sentir-se parte de uma mesma comunidade, era sentir-se um vitorioso que soube tirar da terra seu sustento, sua fortuna. De acordo com Zanini (2006),

[p]elo processo de construção de uma memória partilhada, da travessia e da colonização, os descendentes comungam de uma experiência histórica que compreendem ser um patrimônio seu e de suas famílias. A memória se torna patrimônio e agrega valor ao indivíduo. A memória coletiva, sendo um ponto sobre o qual a identidade social se assenta, é uma obra, fruto de constantes reelaborações, é o passado visto pela ótica do presente. O passado se refaz visando uma projeção para vida (Zanini, 2006, p. 251)

Dessa forma, através de uma reivindicação da identidade étnica italiana, os descendentes construíram/reconstruíram uma identidade positiva que fez com que eles se autovalorizassem e, também, tivessem sua ascendência econômica e social reconhecida por parte da comunidade na qual estavam inseridos. Eles formavam, assim, um grupo em que se reconheciam como semelhantes, que possuíam a mesma origem e que partilhavam dos mesmos valores.

Tais transformações, no que concerne à identidade italiana, tiveram suma importância na denominação dos logradouros de Caxias do Sul. Episódios que envolveram

⁷ Para Zanini (2006, p.200) a italianidade é um sentimento de pertencimento, uma linguagem instrumental ativada quando necessário e que possibilita a expansão do convívio social e disputa por valor num mercado de bens simbólicos.

a troca de nomes, tais como a mudança do nome da praça central de *Praça Rui Barbosa* para *Praça Dante Alighieri*, são exemplos de que a manutenção e a afirmação da(s) identidade(s) exerceram, sem dúvida, um papel decisivo para os hodônimos locais.

3. O NOME PRÓPRIO

*“Uma palavra confere o nome ao filho que nasce
e ao navio que transportará vidas ou armas. [...] Viemos ao mundo para dar nomes às coisas:
dessa forma nos tornamos senhores delas
ou servos de quem a batizar antes de nós”.*
Lya Luft

Há uma magia no nome, especialmente no nome próprio. É o nome que nos torna únicos, que nos individualiza. É o nome que diz quem somos, de quem descendemos, a que família e lugar pertencemos. E é justamente essa característica de individualizar, de identificar que diferencia o nome próprio do nome comum. O caráter denotativo do nome próprio faz com este tenha por função primordial a individualização e identificação.

John Stuart Mill, citado por Dick (1990 b, p. 41), em uma afirmação considerada clássica, postula que o nome próprio pode ser considerado como uma marca que recai não

realmente sobre o próprio objeto, mas, por assim dizer, sobre a ideia do objeto. Um nome próprio não é mais uma marca sem significado que relacionamos na nossa mente com a ideia do objeto, na intenção de que sempre que a marca se encontre com os nossos olhos, ou com nossa memória, possamos pensar naquele objeto individual (MILL apud DICK 1990 b, p. 41).

A definição de nome próprio é, frequentemente, colocada em oposição ao nome comum. Em relação a esta distinção, Dauzat, citado por Dick (1990b, p. 41) afirma que a distinção entre os nomes próprios e os nomes comuns é artificial, porque, pelo menos historicamente, os primeiros foram criados a partir de nomes comuns ou de adjetivos substantivados. Guérios (1973), ao distinguir os nomes próprios dos nomes comuns, afirma que

a única distinção real e concreta é a seguinte: Todos os vocábulos ou signos possuem ‘alma’, i. e., *sentido* ou *significado*, e ‘corpo’ ou *significante*, que é, na linguagem falada, o *som*, e na linguagem gráfica a *escrita*. Ora, os nomes próprios não lembram hoje, no intercâmbio lingüístico, os sentidos que despertavam outrora na sua origem, nem lembram outros, donde se conclui que são vocábulos desprovidos de “alma”, ou melhor, ficaram petrificados; apenas conservam o “corpo” ou o *significante* (GUÉRIOS 1973, p. 15 e 16).

Em concordância com tal afirmação, Michel Bréal, citado por Guérios (1973, p. 16) afirma que a diferença entre os substantivos próprios e comuns é apenas uma diferença de grau e que essa diferença é toda intelectual e não gramatical.

Cada época apresenta uma singularidade no valor que atribui ao nome, à sua importância, seja de ordem mística ou como sinal de nobreza, como o eram para os romanos, os quais utilizavam um sistema trinominal: *Praenomen* (nome individual); *Nomen* (designativo da gene) e *Cognomen* (nome da família). O estudo do nome suscita há muito discussões profundas, uma vez que envolve a relação semântica entre o objeto e sua denominação e entre o objeto, o conceito do objeto e a expressão gráfica da palavra. De acordo com Carvalhinhos e Antunes (2010),

[e]stas questões já eram formuladas na Grécia, e o gramático Dionísio, o Trácio, no século II a.C., quando da sistematização da primeira gramática do mundo ocidental, já descreveu o *onoma*, pois naquele tempo não existia o conceito de nome próprio como conhecemos atualmente, em oposição ao nome comum: a definição de *onoma* abarcava ambos por se referir a denominações de seres individuais, atividades humanas e objetos. (CARVALHINHOS e ANTUNES, 2010, s/p.)

A questão envolvendo o nome próprio e sua oposição ou singularidade ante o nome comum é de extrema relevância para a Onomástica nas suas principais vertentes, ou seja, a antroponímia e a toponímia. O aspecto mais relevante em relação ao nome próprio refere-se à motivação e à significação, esta relacionada, especialmente, à origem etimológica. Os signos onomásticos, sejam eles antropônimos ou topônimos, diferenciam-se, essencialmente dos demais signos linguísticos por serem motivados. Para Dick (1990b),

[a] ideia de “indicação” de algo, ou de “identificação” dos seres que os teóricos da linguagem aplicam aos nomes próprios, opondo-os aos nomes comuns, cuja principal evidência seria a de “significar” não deveria ser aceita com rigor, nas ciências onomásticas. Pois, tanto os topônimos como os antropônimos, ao lado de uma função identificadora, guardam, em sua estrutura imanente, uma significação precisa, muitas vezes mais transparente em virtudes da opacidade que esses nomes adquirem, ao se distanciarem de suas condicionantes tempo-espaciais (DICK, 1990 b, p. 41).

A investigação dos nomes próprios, em tempos remotos, encontrava-se intimamente ligada à questão da motivação, da significação. De acordo com Dick (1990b, p. 191),

[à] medida que se recua no tempo, vai-se aproximando, mais e mais, do nome como uma entidade personalizada e individualizada, do nome como o terceiro elemento formador do homem, ao lado de sua materialidade e de sua espiritualidade, porque algo tangível, que se podia vivenciar desde que havia consciência de sua presença. Dick (1990b, p. 191)

O nome era, dessa forma, algo extremamente importante: um “bom” nome atrairia benefícios, assim como um “mau” nome poderia atrair “maus fluídos”, “má sorte”. Conforme Carvalhinhos e Antunes (2010), “[n]

a Antiguidade, muitas vezes o nome que o indivíduo recebia era, de acordo com a cultura, a mesma designação para um animal, um herói, um objeto: funcionando como um ‘amuleto’, o nome poderia atrair bons fluidos e repelir espíritos malignos.”

Para Dick (1990a, p. 201), os estudos relacionados, atualmente, aos antropônimos apresentam um “distanciamento relativo dessas concepções mágicas que, por tanto tempo, envolveram e animaram os antropônimos”. Segundo a autora, “a moderna teoria da língua vê, atualmente, no designativo individual, uma classe meramente identificadora de indivíduos, sem o aparato circunstancial que se lhe outorgava antes” (DICK, 1990a, p. 201). Os nomes próprios de pessoas, em nossos dias, estão muito mais veiculados a modismos, que atendem mais às expectativas da mídia e da sociedade do que à busca pelo seu significado etimológico. Assim sendo, é possível dizer que os antropônimos acabam tornando-se signos opacos, que sofrem uma espécie de “esvaziamento semântico”. Ao escolher o nome para um filho, os pais não buscam sua raiz etimológica, seu significado, nem uma relação ao contexto em que se inserem, seja ele geográfico ou religioso. Escolhe-se um nome muito mais pelo seu aspecto sonoro ou pela aceitação que o mesmo tem em relação à sociedade.

Em se tratando dos nomes próprios de lugares, os topônimos -outra vertente da Onomástica-, a situação assemelha-se e difere-se. Assemelha-se no ponto em que um topônimo é, em muitos casos, um signo linguístico opaco. Contudo, difere-se uma vez que, embora opaco, o signo toponímico foi e continua sendo conscientemente motivado. Ao considerar o valor do nome próprio de lugar, Michel de Certeau (1994) afirma que

[p]ostas em constelações que hierarquizam e ordenam semanticamente a superfície da cidade, operadoras de arranjos cronológicos e legitimações históricas, estas palavras (*Borrégo, Botzaris, Bougainville...*) perdem aos poucos o seu valor gravado, como moedas gastas, mas a sua capacidade de significar sobrevive à sua determinação primeira (CERTEAU, 1994, p.185).

Assim, o signo toponímico pode ser visto, segundo Dick (1990b, p.367), sob seu aspecto diacrônico e sincrônico. Diacrônico, na medida em que recupera as origens das denominações, remetendo à razão, intencionalidade de seu aparecimento. Sincrônico, uma vez que possibilita “o exame das séries motivadoras propriamente ditas, que conduziram à elaboração das taxes toponímicas, vinculadas, de modo genérico, aos campos físicos e antro-po-cultural.” (DICK, 1990 b, p.367).

Embora o trabalho aqui desenvolvido aborde o aspecto diacrônico de signos toponímicos específicos, é possível que se faça uma análise desses mesmos hodônimos

quanto ao seu aspecto sincrônico e, para tanto, tomar-se-á como base a taxionomia proposta por Dick (1990 b).

Aplicando a taxionomia de Dick, já mencionada no capítulo 1, aos 3664 hodônimos de Caxias do Sul⁸, observa-se que apenas três taxes não encontram correspondentes: dirrema-hodônimos, soma-hodônimos e morfo-hodônimos. Além disso, destaca-se a categoria ANTROPO-HODÔNIMO, a qual abarca a grande maioria das denominações. Quanto às demais taxes temos como exemplo de ANIMO-HODÔNIMO, a rua Boa Viagem e rua da Paz; de ASTRO-HODÔNIMO, rua Antares e Avenida Fênix; de AXIO-HODÔNIMO, Cavaliere Ambrogio Cipolla e Comendador Pietro Zanella; de CORO-HODÔNIMO, Avenida Itália e Praça Pedavena; de CRONO-HODÔNIMO, rua Castelnovo; de DIMENSIO-HODÔNIMO, Travessa Rio Grande; de ECO-HODÔNIMO, Pousada dos Tropeiros; de ERGO-HODÔNIMO, rua das Bochas; de ETNO-HODÔNIMO, Tupy e Aymoré; de FITO-HODÔNIMO, das Palmeiras e Magnólia; de GEO-HODÔNIMO bairro Monte Castelo e bairro Pedancino; de HIDRO-HODÔNIMO, Estrada Municipal do Rio Bello; de HAGIO-HODÔNIMO, Santa Francisca Xavier Cabrini; de HIERO-HODÔNIMO, Pietá e bairro Santa Corona; de HISTO-HODÔNIMO, 7 de Setembro e da República; de LITO-HODÔNIMO, Lajeado e bairro Diamantino; de METEORO-HODÔNIMO, Avenida Primavera e Arco-Íris; de MITO-HODÔNIMO, Alan Kardec e Parque Ecológico Reino dos Orixás; de NUMERO-HODÔNIMO Bairro Centenário e Zero Hora; de POLIO-HODÔNIMO, Vila Oliva e Cidade Industrial; de SOCIO-HODÔNIMO, Creche Santa Rita de Cássia e Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami; ZOO-HODÔNIMO, Appaloosa e Das Águias; CARDINO-HODÔNIMO, Perimetral Norte, Perimetral Sul e de CROMO-HODÔNIMO, Travessa Lagoa Vermelha e bairro Rio Branco.

Estudos realizados recentemente, seguindo linha sincrônica, propõem o uso da mesma taxionomia, contudo, aplicada na elaboração de fichas lexicográfico-toponímicas que visam à construção de cartas para atlas toponímicos. Este modelo de ficha foi elaborado pela coordenadora do ATB – Atlas Toponímico Brasileiro- Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Segundo Andrade (2010), tais fichas foram desenvolvidas com a finalidade de descrever o topônimo, a etimologia e a taxionomia. Os elementos utilizados

⁸ Listagem cedida pela prefeitura de Caxias do Sul, atualizada em janeiro de 2010.

para compô-las, conforme Andrade (2010, p. 183), são aqueles que contemplam o estudo toponímico-onomástico, ou seja,

localização geográfica do município, topônimo, etimologia, taxionomia, entrada lexical, estrutura morfológica, histórico, informações enciclopédicas, contexto situacional, fontes, o nome da pesquisadora e da revisora e a data da coleta dos dados (ANDRADE, 2010, p. 183).

Uma tentativa de aplicação desta mesma metodologia de trabalho pode ser visualizada a seguir. Através de uma adaptação da ficha lexicográfico-toponímica, desenvolvida por Dick e sua equipe de pesquisa, elaborou-se, como exemplo de uma possibilidade de estudo, uma ficha “lexicográfico-hodonímica” do nome da cidade, Caxias do Sul, e outra do nome da principal praça da cidade, Praça Dante Alighieri, hodônimo que é neste trabalho mais amplamente estudado em seu aspecto diacrônico.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA⁹

Município: Caxias do Sul

Localização: Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul

Mesorregião: Nordeste Rio-grandense **Microrregião:** Caxias do Sul

Topônimo: Caxias do Sul

AH: Município

Taxionomia: Antropo-hodônimo

Etimologia: *Caxias **1.** que ou aquele que cumpre com extremo rigor suas obrigações e responsabilidades. **2.** que ou aquele que, como líder, chefe ou responsável, exige de seus subordinados o máximo de aplicação, empenho e eficiência. ETIM de Duque de Caxias, título conferido a Luís Alves de Lima e Silva (militar e estadista brasileiro, 1803-1880), considerado o homem modelo do Exército, célebre pelo rigor, pela aplicação, pela disciplina e pela exigência que caracterizavam suas ações. ** Sul *s.m.* **1.** Direção, na esfera celeste, do pólo do eixo da Terra oposto ao norte [Simb. S] **2.** O pólo sul **3.** Relativo ao sul **4.** *Geo* diz-se de ou região, ou conjunto de regiões, que se situa ao sul ETIM Ang.-sax. *sud*, *suth* (>ing. *south*) pelo fr. *sud*

Entrada Lexical: Caxias do Sul

Entrada Morfológica: Topônimo híbrido (substantivo + conetivo + substantivo)- **Caxias** (morfema lexical) + **do** (conetivo) + **sul** (morfema lexical)

⁹Ficha Lexicográfico-toponímica modelo desenvolvido por Dick (2004), citado por Andrade (2010, p.184).

Histórico: Diferentes foram as denominações de Caxias do Sul, sejam elas oficiais ou aquelas, surgidas informalmente e mantidas pela tradição. A primeira denominação surge nos primórdios da imigração italiana. Em 1875, Caxias aparece nos documentos oficiais como Fundos de Nova Palmira. Com a concentração inicial dos imigrantes recém chegados à Colônia na área que atualmente corresponde a Nova Milano - distrito do município de Farroupilha - Caxias ficou conhecida como Nova Milano ou Barracão. Em 11 de abril de 1877, a denominação oficial passava a ser Colônia Caxias. Apesar da denominação oficial, a Colônia Caxias era também conhecida por Campo dos Bugres, remetendo aos antigos habitantes da região: os índios caingangues. A partir de 1880, quando da divisão da colônia em três diferentes sedes: Caxias, Nova Milano e Nova Trento -, o povoado que abrigava a Diretoria da Colônia e a Comissão de Terras e Colonização passa a denominar-se Sede Dante ou Sede Principal. Em 12 de abril de 1884, com a anexação da Colônia Caxias ao município de São Sebastião do Caí como seu 5º distrito, seu nome mudava para Freguesia de Santa Tereza de Caxias. Em 20 de junho de 1890, por ato do governo estadual, o então distrito de São Sebastião do Caí foi emancipado, ou seja, tornou-se município e passou a denominar-se Vila de Santa Tereza de Caxias. Naquele mesmo ano, em 06 de novembro, tornou-se Comarca Judicial. Em 1895, as linhas do telégrafo cruzavam a Vila de Caxias, retirando-a de seu isolamento. Alguns anos depois, em 1906, era inaugurada a primeira rede telefônica e, em 1910, Santa Tereza de Caxias integrava-se ao número significativo de municípios rio-grandenses ligados pela viação férrea. Em 1º de junho de 1910, Caxias festivamente inaugurava sua estação ferroviária. Na mesma data, o Decreto nº 1607 elevava a vila à condição de cidade, simplificando seu nome para Caxias. Outra modificação na denominação da cidade seria realizada através do Decreto nº 720 de 29 de dezembro de 1944 que, além de fixar nova divisão territorial, acrescentou ao nome da cidade, um elemento indicador de sua posição geográfica. Dessa forma, adota a denominação de Caxias do Sul, sendo necessário o uso do termo “Sul” no nome como uma diferenciação ao município de Caxias, no Maranhão, que já havia recebido esse mesmo nome através de uma Lei Provincial, número 24, datada de 05 de julho de 1826, quando a localidade foi elevada à categoria de cidade com a denominação de Caxias. Digno de nota é o fato de que, ao contrário do que muita gente pensa, o nome “Caxias” dado à cidade não se atribui (nem é homenagem) a Luís de Lima e

Silva, patrono do Exército Brasileiro. Ele, sim, recebeu o título de Barão de Caxias, por ter sido pacificador da maior revolução social existente no Estado do Maranhão - a Balaiada.

Informações Enciclopédicas: Caxias relaciona-se a Luís Alves de Lima e Silva, o duque de Caxias, foi um dos mais importantes militares e estadistas da história do Brasil. Participou das maiores batalhas realizadas em solo brasileiro, tais como a Balaiada e a Revolução Farroupilha, e na defesa dos interesses da Pátria, como na Campanha da Cisplatina, na campanha contra Oribe e Rosas, além de liderar as tropas na Guerra do Paraguai. O papel que desempenhou, na resolução do conflito conhecido como “Balaiada”, valeu-lhe seu primeiro título de nobreza, o de Barão de Caxias, outorgado em 1841. O título faz referência à cidade maranhense de Caxias, palco de batalhas decisivas para a vitória das forças imperiais. Como líder na Guerra do Paraguai, depois da célebre batalha de Itororó, liderou uma fase de vitórias, como as batalhas do Avaí e Lomas Valentinas, em dezembro de 1868, conduzindo à ocupação da cidade de Assunção. Retornando ao Rio de Janeiro, Caxias recebeu o título de duque, o único atribuído durante a época imperial.

Fonte: Prefeitura de Caxias do Sul (homepage) Disponível em <<http://caxias.rs.gov.br>>. Acesso em: 29 de junho de 2011.

Prefeitura de Caxias – MA (homepage) Disponível em <<http://caxias.ma.gov.br>>. Acesso em: 29 de junho de 2011.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FROSI, Vitalina Maria. Os hidônimos de Caxias do Sul (2010, p. 370-371). In: CALVO, C.; CASANOVA, E.; LEPINETTE, B.; VALERO, L. R. *Tenències actuals de la filologia romanica*, València, 2010.

Data da coleta: junho/2011

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

Município: Caxias do Sul

Localização: Área central de Caxias do Sul

Topônimo: Dante Alighieri, praça

AH: Logradouro Público (praça)

Taxionomia: Antropo-hodônimo

Etimologia: Emidio De Felice (1987, p. 117) diz que Dante é um hipocorístico de Durante, abreviado por síncope, ambos documentados já no século X nas formas *Durantus* e *Durante*, *Dantes* e *Dante*. O autor estabelece para *Durante* a ligação com ideia de perseverar, ser firme, perseverante na fé, no bem. De modo semelhante, ao abordar a questão do sobrenome **Durante**, Michele Francipane (2007, p. 419) explica que esse sobrenome tem sua origem nos nomes próprios de pessoa medievais, isto é, deriva de Durante-Durando. Do latim, *Durantus*: Durante, deriva Dantes-Dante, entendidos como diminutivos sincopados. Acrescenta que Dante, por antonomásia notável em todo o mundo, é o divino poeta Alighieri.

De acordo com Mioranza (1997, p. 115) o “nome italiano Dante é uma redução popular e coloquial de Durante. Guérios (1973, p. 90) atribui-lhe uma origem germânica. Temos, assim, **rand**, **rant** derivados do deus Tor (**Thur**) e, por etimologia popular, ligado ao latim **Durare**, “durar”, com o sentido do que dura, do que é persistente.

Já Alighieri, de acordo com Mioranza (1997, p. 22), deriva do “nome germ. **Alagair**, **Alagier** [formado de **ala**, tudo, de todo, e **gaira**, lança com um sentido impreciso, mas que se relaciona com a bravura e a destreza no uso da lança]; latinizado sob variadas formas, como **Alagherius**, **Alacherius**, **Alaghierus**, o sobr. se define com **fq. Alaghieri** [f. do sr. **Alaghierus**] che evolui para **Alighieri**; é o sobr. do maior poeta medieval italiano, autor da **Divina Commedia**, **Dante Alighieri** [1265 – 1321].”

Já Guérios (1973, p. 51) informa que Alighieri, sobrenome italiano, tem sua origem no alemão. Partindo de **Aldiger**, propõe para **ger** o significado de lança e para **aldi** o equivalente ‘velha’. Acrescenta ainda a forma alemã **Altger**, e outra forma italiana **Aldighieri** que, no singular, se realizam como **Alighiero** e **Aldighiero**.

Entrada Lexical: Dante Alighieri

Entrada Morfológica: Elemento específico composto (substantivo + substantivo)

Histórico: Praça Dante Alighieri foi o nome dado ao espaço público central da Colônia Caxias. Esse nome foi dado em 1880, na mesma ocasião em que a Sede da Colônia passou a ser chamada de Sede Dante. A denominação foi mantida até 1942, quando em ocasião da II Guerra Mundial, em um ato considerado de defesa aos interesses nacionalistas, o nome foi substituído por Praça Rui Barbosa. Somente em 12 de junho de 1990, através de uma ação do poder público, a praça volta a se chamar Praça Dante Alighieri.

Informações Enciclopédicas: Conforme Buzzi e Buzzi (2005, p. 127, apud Frosi 2009), Dante Alighieri nasceu em Firenze, no ano de 1265 e faleceu em Ravenna em 1321. Foi poeta, escritor e também homem político engajado com os ‘guelfi’, facção que apoiava e defendia o papa. Participou na batalha de Campaldino (1289), com vitória para os ‘guelfi’ florentinos. Participou ativamente no governo da cidade de Firenze e, após frequentes revoltas políticas que perturbavam Firenze, Dante foi condenado ao exílio.

Contexto: Nota-se que o hodônimo Dante Alighieri tem sofrido uma redução ao ser mencionado por grande parte dos habitantes locais: apenas diz-se Praça Dante.

Fonte: Prefeitura de Caxias do Sul (homepage) Disponível em <<http://caxias.rs.gov.br>>. Acesso em: 29 de junho de 2011.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FROSI, Vitalina Maria. *Os hodônimos de uma praça: suas interfaces, seus significados*. Anais - VI Congresso Internacional da Abralín / Dermeval da Hora (org.). - João Pessoa: Ideia, 2009.

Data da coleta: junho/2011

4. OS HODÔNIMOS NO CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO E CULTURAL

Ao realizar um estudo dos topônimos, ou mais especificamente dos hodônimos¹⁰, de uma certa localidade, não se pretende apenas promover um estudo que explicita o valor linguístico dos nomes, mas se enseja conhecer quais os elementos históricos, culturais, antropolinguísticos e sociais que motivaram sua escolha.

Caxias do Sul foi uma cidade que nasceu graças ao esforço dos imigrantes italianos que aqui chegaram a partir de 1875. Sobre o nascimento de Caxias do Sul, Maria Abel Machado, em sua obra *Construindo uma cidade: História de Caxias do Sul 1875-1950*, declara que,

em 1875, foi criada a Colônia aos Fundos de Nova Palmira, cuja ocupação iniciou no mesmo ano, com a chegada dos primeiros imigrantes italianos. Em 1877, a nova Colônia recebeu o nome de Colônia Caxias e tornou-se a sede administrativa do projeto de colonização da região. (MACHADO, 2001, p. 25).

A ocupação do espaço deu-se em consonância com a chegada das levas de imigrantes. Os imigrantes italianos que se estabeleceram na Região Nordeste do Rio Grande do Sul não só povoaram terras devolutas como também construíram grandes cidades como Caxias do Sul e Bento Gonçalves, hoje centros econômicos respeitados em todo o país.

Em conformidade com Pesavento, no artigo *O imigrante na política rio-grandense* (1980, p. 180), o papel político exercido pelos imigrantes italianos era praticamente nulo. Exemplo desta situação é o fato de que, “desde sua elevação à vila em 1890 até 1924 com a eleição de Celeste Gobbato, (...) Caxias do Sul só teve intendentes de origem luso-brasileira”, os quais, como no restante do estado, eram cuidadosamente escolhidos pelas autoridades políticas e administrativas para que houvesse apoio ao governo do Estado.

Sobre tal situação, Machado (2001) afirma que

[a]s relações que se estabelecem entre o poder público municipal e as lideranças locais, a partir da criação do município em 1890, foram relações muitas vezes de confronto. O cargo de intendente era exercido por homens estranhos à comunidade caxiense, de origem luso-brasileira, nomeados e/ou indicados pelo governador do Estado e pertencentes ao partido político no poder (MACHADO, 2001, p. 28).

¹⁰ Hodônimo ou, segundo taxionomia proposta por Dick (1992), “Hodotopônimos”: referente a vias de comunicação urbana.

Diante disso, pode-se afirmar que o grupo étnico italiano, embora dominante em termos numéricos, não o era em termos políticos. Tal fato pode ser evidenciado ao analisarmos os topônimos mais antigos presentes no atual centro da cidade. Das principais ruas, exceto uma delas, chamada Garibaldi, todas as demais possuem nome de origem lusa. Tenha-se presente que Garibaldi foi, e ainda é, considerado o herói dos dois países: Itália e Brasil.

A história linguística da cidade de Caxias do Sul, como também do restante da região de colonização italiana, é muito significativa. Conforme Frosi (1996, p. 158), os imigrantes aqui chegados não traziam muitos bens materiais, mas traziam “como bem maior, o mais importante de todos os seus bens culturais, os dialetos falados por eles em suas comunidades de origem”. Porém, embora falassem dialetos diferentes, eles não foram agrupados levando em conta tal critério. Assim, o que acabou acontecendo foram os intercruzamentos dialetais, até que surgiu uma *coiné*. Embora não tenha havido uma preocupação com o agrupamento de imigrantes de mesma origem, até a década de 30 do século passado, não parecia haver qualquer preconceito ou estigmatização quanto à fala dialetal italiana. Ela era a língua de casa, da família, a língua das relações pessoais e afetivas. Foi com a campanha de nacionalização do ensino do governo de Vargas que ocorreu a proibição da fala dialetal. De acordo com Frosi (1996, p. 162),

[o] uso da língua portuguesa torna-se obrigatório. Ela passa a ser o instrumento lingüístico a ser usado na comunicação, na escola, na igreja, na vida em sociedade, em todo lugar. A língua portuguesa é imposta pelo poder político-administrativo. Ela é a língua oficial. Ela adquire status, ganha prestígio como língua nacional e passa a exercer ação niveladora (FROSI, 1996, p.162).

Diante de tal acontecimento, o que se observa nos anos seguintes é um decréscimo no uso dos dialetos e uma perda severa de prestígio deste em relação ao português. E não apenas isso. Nota-se também “anulação da cultura tipicamente italiana, há abandono de usos e costumes italianos (...)” (FROSI, 1996, p.165)

Foi apenas com o chamado *revival étnico*, ocorrido na ocasião do centenário da Imigração, que pôde ser observada uma valorização da origem étnica. Trata-se aqui, particularmente, do *revival étnico* - termo obtido na obra de Smith (apud Biase, 2001, p. 173) - promovido pelos descendentes de imigrantes italianos provenientes do norte da Itália. Segundo Alessia de Biase (2001, p. 173), em *Ficções arquitetônicas para a*

construção da identidade, os descendentes, pós-centenário da imigração, passam a reinventar suas identidades norte-italianas utilizando, entre outras coisas, uma “check list” identitária que compreendia a busca de seus heróis, de ancestrais famosos, de uma língua, de um folclore, entre outras coisas.

Importa saber que tais elementos históricos, culturais e linguísticos podem ser visualizados ao analisar-se os hodônimos de nossa cidade, mas não apenas eles. Conforme pôde ser observado e como foi registrado por Machado (2001),

Caxias do Sul vive hoje um novo momento de sua história, marcado por profundas transformações, descaracterizando os primeiros 75 anos de sua existência, onde a presença da cultura e da etnia italiana ainda era muito forte pela permanência das falas dialetais, dos traços fisionômicos de seus habitantes e dos caracteres culturais. Dessa forma, a segunda metade do século XX oferece aos estudiosos e aos pesquisadores temas muito ricos, nos mais diversos aspectos, para serem estudados (MACHADO, 2001, p. 321).

Inaugura-se, assim, um período rico em transformações no que tange aos mais diferentes aspectos. Inúmeras mudanças são sentidas e promovidas. O que um dia deixou de ser importante e valorizado retorna com muita força. A maneira de ser do descendente dos imigrantes muda: agora revive a identidade étnica italiana.

4.1 A estreita relação entre o nome e a região

Parece haver nos atuais estudos culturais uma forte tendência à particularização. Paradoxalmente, em um mundo que se globaliza, que se aproxima, há um avanço cada vez maior no que se refere ao estudo do caso, do particular, do regional. A observação desloca-se do macro e se atém ao micro. Como na metáfora de Peter Burke, lembrada por Núncia Constantino (2007, p.70), “o telescópio vem cedendo espaço ao microscópio”.

A região tornou-se objeto de investigação nas mais variadas áreas do conhecimento. Ela extrapolou o conceito geográfico e passou a ser vista como um “objeto de luta” (BOURDIEU, 2003, p. 108) a ser disputado por cientistas.

Contudo, o conceito de “região” não é algo que se pode dizer estanque, estabelecido. Assim, como inúmeros outros conceitos que se referem a lugares e espaços, limites e fronteiras, este vem se transformando constantemente. Segundo o geógrafo Milton Santos,

[n]o passado distante, a região fora um sinônimo de territorialidade absoluta de um grupo, com as suas características de identidade, exclusividade e limites, devidas à presença única desse grupo, sem outra mediação. A diferença entre áreas se devia a essa relação direta com o entorno. Hoje, cada vez mais os

lugares são condição e suporte de relações globais que, sem eles (lugares) não se realizaria, e o número é muito grande. As regiões se tornaram lugares funcionais do Todo, espaços de convivência. Agora, neste mundo globalizado, com a ampliação da divisão internacional do trabalho e o aumento exponencial do intercâmbio, dão-se, paralelamente, uma aceleração do movimento e mudanças mais repetidas, na forma e no conteúdo das regiões. Acostumamo-nos a uma ideia de região como um subespaço longamente elaborado, uma construção estável. Mas o que faz a região não é a longevidade do edifício, mas a coerência funcional que a distingue das outras entidades, vizinhas ou não. O fato de ter vida curta não muda a definição do recorte territorial. Agora, nenhum subespaço do Planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, individualização e regionalização. (SANTOS, 2008:156).

Portanto, mais do que apenas um espaço limitado geograficamente, a região é um palco de lutas no qual são estabelecidas as identidades étnicas, linguísticas e sociais. É neste palco que entram em jogo os variados elementos que entrarão na composição daquilo que entendemos por identidade. Conforme Pozenato (2001),

[a] região não é, pois, na sua origem, uma realidade 'natural', mas uma divisão do mundo social, estabelecida por um ato de vontade. Tal divisão só não é totalmente arbitrária porque, por trás do ato de delimitar um território, há, certamente, critérios, dentre os quais o mais importante é o do alcance e da eficácia do poder de que se reveste o autor da região.

Enquanto esse poder é reconhecido, a região por ele regida existe. Em suma, a região, sem deixar de ser em algum grau um espaço 'natural', com fronteiras 'naturais', é, antes de tudo um espaço construído por decisão, seja política, seja da ordem das representações, dentre as quais as de diferentes ciências. [...] a região será melhor entendida se vista como simplesmente um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade quanto de distância. (POZENATO, 2001:585-591).

A região de Caxias do Sul, a qual tem sido exaustivamente estudada sob os mais variados ângulos, foi construída tal como postulado por Pozenato: sendo submetida ao poder político e estabelecendo sua diferença com as demais regiões do estado e do país.

De acordo com Maria Abel Machado (2001, p.25),

A cidade de Caxias do Sul surgiu como um povoamento das terras que compreenderam a Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, ocorrido durante o último quartel do século XIX, como parte da política imigratória brasileira, que objetivava povoar as zonas desertas do país como mão-de-obra europeia. (MACHADO, 2001, p.25)

Observa-se que, desde o princípio, a chamada região de colonização italiana fez-se de acordo com a vontade política. Tal região passou a existir devido ao interesse do governo brasileiro em povoar terras devolutas. Através de um bem estruturado esquema de povoamento, o qual era administrado pela Comissão de Terras, os campos, antes habitados

por índios, por “bugres”, passam a receber levas de imigrantes provenientes de diferentes regiões da Itália. Cabe ressaltar que apesar de o povo que passa a habitar essa região originar-se de um país distante, de línguas e hábitos completamente diferentes, o controle político era feito exclusivamente por representantes de origem lusa. Por essa razão,

[a]s primeiras décadas foram muito difíceis para os imigrantes tanto no núcleo urbano, como no meio rural, porque tiveram que conviver com as normas e leis distintas das que conheciam até então, sem uma participação mais comunitária, porque seus costumes e suas leis divergiam das leis e dos costumes da nova terra. Pertenciam a um outro povo e a um outro governo que não tinha qualquer identidade com a nova realidade. (MACHADO, 2001, p.47)

Os imigrantes e a região que agora habitam passam a ser construídos em oposição aos demais. O lugar onde vivem passa a ser conhecido como a colônia e eles como os colonos, termos por vezes pejorativos que perduram até nossos dias. O controle exercido pelo poder político era rigoroso e tinha por objetivo manter os imigrantes sob constante vigilância e total dependência, uma vez que eles pareciam não ser dotados de capacidade para gerenciamento. De acordo como Machado (2001, p.47),

[p]ara os funcionários da Comissão de Terras, gaúchos de origem lusa, os novos habitantes do Rio Grande do Sul, nada mais eram do que uma massa ignorante e inculta, que podia ameaçar a sua hegemonia, daí a necessidade de manter o controle sobre o grupo imigrante, através de sua permanência na terra, inclusive após a criação do Município, com os primeiros Intendentes, todos nomeados ou indicados pelo governo do Estado, todos de origem lusa e pertencentes à maçonaria, circunstância que motivou a provocação de inúmeros conflitos com os imigrantes italianos e católicos. (MACHADO, 2001, p.47)

Tendo isso em consideração, é possível afirmar que o conflito existente entre o elemento local e o alienígena/estrangeiro caracteriza a história e a construção da região de Caxias do Sul. Tal conflito desempenha, como já poderia se antever, um papel fundamental na denominação dos logradouros públicos dessa região que corresponde ao núcleo urbano de Caxias do Sul, verdadeiro palco de toda a problemática. A maneira como essa região foi constituída, como ela se pensa e é pensada é marcada pelo contato do elemento luso com o elemento italiano. Sabemos que a identidade - seja ela do tipo que for-, assim como a região, é uma construção que se dá pela oposição ao outro.

Os nomes dados às ruas e praças que formam o núcleo urbano central de Caxias traduzem aspectos fundamentais na constituição da ideia de região. Assim como na construção de uma região os aspectos políticos, econômicos e culturais se fazem sentir, “entram no jogo”, eles também se traduzem nas denominações das ruas e logradouros da

cidade. Tal fato foi recentemente estudado por uma mestranda do programa, Trissia Ordovás Sartori, a qual, em sua dissertação intitulada *Ruas de minha cidade: um estudo hodonímico*, defendida em agosto de 2010, analisou 18 hodônimos do centro urbano de Caxias do Sul, buscando explicitar os motivos que levaram à escolha da denominação de tais ruas. O estudo evidenciou a sobrepujante força do poder político em tais denominações.

Da mesma maneira que a região não é apenas um lugar, uma delimitação espacial, também a rua não o é. A rua é o espaço, na medida em que, de acordo com Michel de Certeau (1994, p.202) “o espaço é o lugar praticado. Assim como a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres.” O nome da rua traduz as práticas que estão por trás de sua escolha. A denominação dada a uma rua, a uma praça torna-se, a parte visível de todo esse “jogo”, de toda essa construção seja da região, seja das identidades nela construídas e definidas. Se a identidade, sobretudo a identidade étnica, tem espaço nesse processo e de que forma isso se dá, é algo que pode ser observado através das trocas e substituições de nomes de importantes logradouros públicos em diferentes pontos dessa construção que se deu através do passar dos anos. E, para isso, basta que se observe com atenção, com os olhos e com a mente abertos à realidade histórica, política e social.

Um dos casos mais emblemáticos foi a troca promovida pela política reinante e aceita pela autoridade administrativa do município, de um importante conjunto de ruas em 1939. Em um ato (ato número 85), o então prefeito determinou que, “considerando, que honrar os nomes dos grandes brasileiros, além de obra nacionalizadora, é educar as gerações ao culto dos que souberam, pelo seu patriotismo, inteligência e bravura, elevar a pátria brasileira,” a rua **Veneza** passava a denominar-se rua **Olavo Bilac**; a rua **Treviso** passava a ser a rua **Machado de Assis**; a rua **Vicenza** passava a denominar-se rua **Castro Alves**; a rua **Trento** passava a ser a rua **José do Patrocínio**; a rua **Dr. Salgado** passava a denominar-se rua **do Guia Lopes** e a rua **Gal. Cadorna** passava a ser a rua **Coronel Camisão**. Tal fato será desdobrado no capítulo 5.

Ao analisar os hodônimos, é possível perceber diferentes forças atuantes em sua escolha. O poder, neste caso, pode ser de caráter político, econômico ou, até mesmo, simbólico. De acordo com Bourdieu (2003, p. 113),

as lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos. Com efeito, mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo (BOURDIEU, 2003, p. 113)

Tal processo está intimamente ligado aos jogos de poder e nesses jogos a questão da identidade étnica desempenha um papel fundamental. Esta vale como uma moeda de troca, como fiel da balança ora pendendo para um lado, ora para outro. Joga-se com a identidade dependendo do que se pode obter.

Este “jogo social” que configura a construção da identidade, a qual tem por veículo e manifestação a linguagem, pode ser percebido na análise que envolve a troca de denominação de ruas e logradouros de Caxias do Sul desde a data de sua elevação de vila a cidade, fato ocorrido em 1910, até nossos dias.

Ao analisar-se os dados, percebe-se claramente a estreita relação existente entre as identidades (re)construídas com o papel social desempenhado, o qual se encontra sempre em profunda ligação com a economia e, principalmente, com a política.

Exemplo bastante significativo de influência política ocorreu, quando, como um ato de repúdio ao apoio dado pelo governo italiano aos alemães durante a II Guerra Mundial (1939-1945), as placas denominativas da praça Dante Alighieri e da Avenida Itália foram retiradas e em seus lugares foram colocadas as placas de Praça Rui Barbosa e Avenida Brasil, respectivamente. A análise de tais trocas/substituições, suas razões denominativas e sua relação com o contexto histórico, político e social será detalhada no próximo capítulo.

5. OS HODÔNIMOS DE CAXIAS DO SUL E AS RAZÕES DENOMINATIVAS

“As palavras têm história e fazem a história”. É com essa afirmação que Dennis Cuche (2002, p.17) inicia o capítulo que tratará sobre a gênese da palavra cultura, conceito-chave da obra em questão. Exemplos de palavras que podem abarcar toda a concepção de tal postulado são os nomes próprios e, especialmente, os hodônimos. Estes possuem em sua etimologia uma história, por vezes, milenar. E, além disso, são igualmente capazes de construir uma história.

Um hodônimo pode ser considerado sempre em pelo menos duas perspectivas: sua etimologia e sua razão denominativa. Em um estudo que se propusesse a investigar a etimologia, cada um dos mais de 3000 hodônimos da cidade de Caxias do Sul, poderia ser analisado quanto à sua origem. Uma vez que a grande maioria dos hodônimos dessa cidade se classificam, segundo taxionomia de Dick (1980), como antropotopônimos/antropo-hodônimo, poder-se-ia realizar uma investigação que desse conta da etimologia dos nomes e sobrenomes utilizados para denominar os logradouros. Contudo, o estudo aqui desenvolvido busca os motivos que se escondem por detrás de um hodônimo. A busca se dá pelas razões denominativas, o que, de forma nenhuma, exclui uma investigação futura sobre a etimologia dos nomes analisados. Assim sendo, acredita-se que analisar os hodônimos é reconstruir uma parte da história da comunidade em que se inserem e, também, reinterpretar e ressignificar essa história.

Conforme esmiuçado no capítulo 4, a história de Caxias do Sul foi construída através da presença do imigrante italiano. Esses vieram ocupar uma terra até então habitada por indígenas conhecidos vulgarmente como “bugres”. O lugarejo foi, então, denominado de “Campo dos Bugres”. Nesta primeira etapa, o que se percebe é uma ambientação, uma conjugação pacífica e até mesmo desinteressada por parte dos imigrantes em relação à organização espacial da vila que aos poucos ia se organizando. Até esse momento, a diferenciação entre o habitante local e o elemento estrangeiro não se processava de maneira conflituosa. O que o imigrante mais desejava era ambientar-se e construir seu lugar.

O primeiro mapeamento da cidade data de 1878. O *Projecto de Povoação da Colonia Caxias no 'Campo dos Bugres'*¹¹ atendia à solicitação do diretor interino Luiz Manoel de Azevedo, o qual, tendo a função de diretor, e mesmo não sendo engenheiro, era o responsável pelo plano urbano da povoação colonial. Este projeto foi aprovado pelo presidente da Província, Américo de Moura Marcondes de Andrade, em 10 de janeiro de 1879. Segundo Roberto Nascimento, em sua obra *A formação urbana de Caxias do Sul* (2009),

[o] projeto determinava que a sede teria nove quadras de norte a sul e nove de leste a oeste. As quadras seriam ligeiramente retangulares, e todas conteriam dez lotes urbanos. [...]

O ligeiro retângulo que perfazia o conjunto das 81 quadras projetadas era cortado por oito ruas retas, de norte a sul, e por oito ruas retas de leste a oeste. Todas elas já estavam denominadas no projeto, permanecendo com a denominação as que foram efetivamente implantadas. De norte a sul as ruas eram a 20 de Setembro, a Bento Gonçalves, a Lafayette, a Silveira Martins, a Sinimbu, a Andrade Pinto, a Conde de Porto Alegre e a Marcondes de Andrade; de leste a oeste eram a Andrade Neves, a Doutor Salgado, a Alfredo Chaves, a Leôncio de Carvalho, a Marquês do Herval, a Villa Bella, a Visconde de Pelotas e a Garibaldi. Dentro do tabuleiro de xadrez imperfeito, que era a povoação no Campo dos Bugres [...] estavam previstas a existência de três praças. Uma quase no centro da povoação, [...] se chamava "5 de Janeiro". Outra ocuparia a quadra 65, no nordeste, e se chamava "Praça Imperatriz". E a outra ocuparia a quadra 71, no sudeste do perímetro, e se chamava "Praça Pedro II". Essas três praças formavam um triângulo, no qual a ponta oeste era a Praça 5 de Janeiro (NASCIMENTO, 2009, p. 117 e 118).

A execução de tal projeto não seguiu exatamente o que havia sido previsto, pois a topografia do terreno não permitia sua completa implantação. Assim, seis meses após a aprovação do projeto, Constantino Rondelli, agora diretor interino da Colônia Caxias, comunica ao presidente da Província a necessidade de um deslocamento de duas quadras para o sul. Tal deslocamento ocasiona a invasão de terras do Travessão Santa Teresa, o que provocou uma disputa de terras. Feito o deslocamento, o conjunto de duas fileiras inteiras de quadras mais ao sul desapareceram. Nessas quadras estavam inseridas as ruas Conde de Porto Alegre e Marcondes de Andrade, as quais não foram implantadas (Nascimento, 2009, p.118 e 119).

Digno de nota é o fato de todos os primeiros nomes dados às ruas e praças da sede, que mais tarde se tornaria um centro urbano, serem de origem lusa. Ao que tudo indica as denominações eram significativas para seu idealizador, Luiz Manoel de Azevedo, um rio-grandense que simpatizava com os ideais revolucionários. Dessa forma, explica-se a

¹¹ Planta que corresponde ao primeiro traçado urbanístico da sede, registrada sob o código 4Y/MAP. 641F4 no Arquivo Histórico Nacional.

escolha de nomes, tais como Bento Gonçalves, e de 20 de Setembro, líder e data da Revolução Farroupilha. Estes primeiros hodônimos foram analisados no trabalho realizado por Sartori (2010), aqui já citado. A autora, em sua dissertação de mestrado, concluiu que, através da escolha de tais denominações para as ruas centrais de Caxias do Sul, “é possível entender que os italianos foram forçados a se acostumar com a nova terra brasileira e, além de não ter expressão política, também não se veriam representados ao longo dos caminhos que utilizassem, se estivessem em passagem pelas ruas centrais de Caxias do Sul.” (SARTORI, 2010, p. 74)

A primeira planta da área urbana da sede da Colônia Caxias representa um fato novo a ser acrescentado à historiografia. Essa planta foi localizada por Nascimento (2009), no Arquivo Nacional (4Y/MAP. 641F4), e trouxe, como dado inédito, a denominação de 5 de Janeiro dada à praça central, a única que permaneceu e permanece dentre as previstas no projeto de 1879. Até então, considerava-se que a mesma havia sido, desde seu planejamento, denominada de Praça Dante Alighieri.

Feitas as alterações, deu-se por encerrada a demarcação das ruas e quadras por parte da Comissão de Terras e Medições de Lotes. A partir de então caberiam à administração municipal as possíveis alterações no perímetro urbano (cf. MACHADO, 2001, p. 73). A ocupação do espaço ocorreu, segundo Machado (2001),

com a chegada dos primeiros imigrantes que foram se fixando no sítio destinado à mesma, antes mesmo do início do arruamento, ocupando, muitas vezes terrenos destinados a edifícios e logradouros públicos, construindo suas moradias conforme critérios e interesses próprios, próximas a vertentes de água e à vegetação adequada a seus propósitos. (MACHADO, 2001, p.73)

O crescimento da vila dava-se dia a dia. Inúmeras construções surgiam em diferentes pontos. Em sua maioria, seguiam o curso da Rua Silveira Martins, antes chamada de Rua Grande pelos habitantes. Eram construções simples, de madeira, mas já davam feições próprias ao lugar. O centro da vila era ocupado pela Praça Dante Alighieri, que já configurava espaço de comércio e de convívio social. As ruas ainda eram poucas e consideradas por muitos como meio de circulação e escoamento da produção. Em relação às primeiras denominações, Machado afirma que

[a]té 1890 poucas ruas já tinham recebido denominação. A rua mais importante da *Sede Dante*, conforme já citado, era a Rua Silveira Martins. A Rua Os 18 do Forte era a Rua Andrade Pinto, a Rua Pinheiro Machado era a Rua Laffaite (sic), a Rua Dr. Montauray era a Rua Vila Bela, a Rua Borges de Medeiros era a Rua

Leôncio de Carvalho e depois Rua Xaxa Pereira; as duas ruas centrais que permaneceram com seus nomes originais foram a Rua Sinimbu e a Rua Marquês do Herval. (MACHADO, 2001, p.83)

A partir de 1890, ano em que é criado o município de Vila de Santa Teresa de Caxias, pelo Ato estadual 257, de 20 de junho, a legislação sobre a ocupação dos espaços passa a ser responsabilidade do município através da Junta Administrativa. A elevação à condição de município e o conseqüente crescimento da área urbana provocou uma revisão no planejamento do traçado das quadras e ruas da ex-sede da Colônia. É nessa época que uma nova planta é feita sob a responsabilidade do engenheiro José Montaury Aguiar Leitão. A nova planta mantinha grande parte da configuração original, ocorrendo, apenas, uma ampliação que se deu, principalmente a leste. Segundo Nascimento (2010, p.63),

[o] projeto de Montaury rompeu com o padrão imposto pelo projeto organizado por Luiz Manoel de Azevedo. As quadras adicionadas, ao invés dos 10 lotes das outras, passaram a conter 18, 20 ou 21 lotes urbanos, tornando-se grandes retângulos. (NASCIMENTO, 2010, p.63)

A partir desse momento, as preocupações da Junta Administrativa voltam-se para a questão legislativa e são elaborados a Lei Orgânica do Município, promulgada em 12 de outubro de 1892, e o Código de Posturas do Município de Caxias, o qual foi “redigido por José Domingos de Almeida e promulgado no dia 27 de março de 1893” (MACHADO, 2001, p. 86). Neste mesmo ano, por ato oficial do intendente Antonio Xavier da Luz, ocorre a primeira troca de nome de rua: a Rua Silveira Martins passa a se chamar Júlio de Castilhos, em homenagem ao líder republicano e presidente da Província (cf. MACHADO, 2001, nota 24, p. 73).

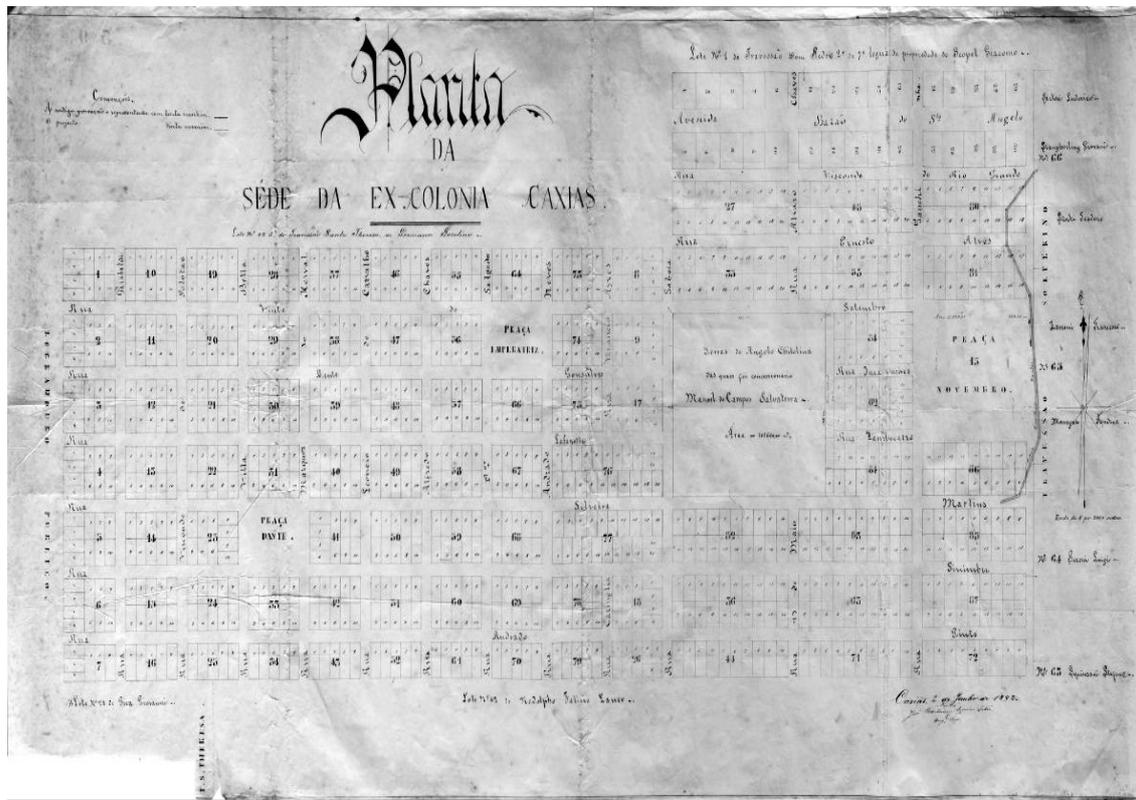


Fig 1. Planta da Sede da ex-Colônia Caxias-
Área Urbana

02 de junho de 1892

Autoria: José Montauray de Aguiar Leitão-
Engenheiro Chefe da Comissão de Terras e Medição
dos Lotes de Caxias.

João Spadari Adami, em sua importante obra sobre a história de Caxias do Sul (1971), trata da questão dos nomes primitivos de ruas, ou seja, trata das denominações dadas no período compreendido entre 1875 e 1897. Ele traz o importante registro dos nomes dados pelos próprios habitantes às ruas, antes que houvesse qualquer determinação por parte dos órgãos responsáveis. Segundo ele,

A rua “os 18 do Forte”, antes se chamava “Andrade Pinto”, sendo que o trecho entre as ruas Dr. Montauray e Guia Lopes, popularmente era chamado de “Rua das Cabritas”, além disso,

a Av. Júlio Prates de Castilhos, nos alvôres [sic] de Caxias, popularmente era chamada “Rua Grande”, por ser a principal e, oficialmente, desde 1880, ao menos, chamava-se “Silveira Martins”; a rua “Pinheiro Machado”, antes denominava-se “Laffaite” (sic), hoje a Dr. Montauray” (sic), chamava-se “Rua Vila Bela”; a rua Dr. “Borges” (sic) de Medeiros”.

Inicialmente denominava-se “Leôncio de Carvalho”, depois “Xaxá Pereira”; a hoje rua “Guia Lopes”, chamava-se “Dr. José Thomé Salgado”; a rua “Vereador Mário Pezzi”, denominava-se “Dr. Edmundo Jobin de Sabóia”; a rua “Álvaro Chaves, como já foi dito, foi absorvida pelo prolongamento da rua “13 de maio”, até então separada pela concessão Salvaterra; a hoje rua “Umberto (sic) de Campos”, antes chamava-se “Gauchinha”, devido existir nela galpões e mangueiras para tropeiros, pertencentes ao negociante toscano Vicente Rovea; a atual rua “Angelina Michelin”, nos primitivos tempos, popularmente era chamada “Rua Mântua”, devido a maioria dos que moravam nela serem naturais de Mântua (Itália), batizada, depois com o nome de “Avenida Guarany” cuja rua é pedaço do travessão Solferino, chamada na antiguidade, também de “Rua Bisol”, devido existir na esquina Sul da rua Luís Michelin com a rua Angelina Michelin, uma casa de negócio, de José Bisol. (ADAMI, 1971, p.47)

Em um trecho subsequente, Adami (1971) reproduz o conteúdo do ato nº 10 de 31 de julho de 1897, assinado pelo Intendente Municipal José Cândido de Campos Júnior, no qual são denominadas mais algumas ruas e praças, tais como a Rua Marechal Floriano, “em homenagem à memória do maior vulto americano dos tempos modernos”, Rua Moreira César – “em comemoração ao Coronel Antônio Moreira César, comandante do 7º Batalhão de Infantaria, que morreu em defesa da República nos sertões da Baía (sic)”, Rua Coronel Flores, “em comemoração ao Coronel rio-grandense Thomás Thompson Flôres (sic), igualmente morto naqueles sertões”, Rua Feijó Júnior, “em comemoração ao finado Luís Antônio Feijó Júnior, que há 24 anos, vindo estabelecer-se nas proximidades desta vila, então habitada pelos indígenas, deu prova de seu grande atilamento sonhando naquele tempo com o brilhante futuro que estava destinado a esta localidade”, Praça Campo dos Bugres, “em comemoração do primitivo nome desta colônia” e a “Praça 11 de Março”, em comemoração à data que em o Exmo.Snr. Dr. Júlio Prates de Castilhos, digno presidente do Estado, honrou esta vila com sua visita.”¹²

¹² Trechos do Ato nº. 10 de 31 de julho de 1897, presente no livro de Atas perdido no incêndio ocorrido na prefeitura de Caxias do Sul em 17 de fevereiro de 1992.

Planta do perímetro urbano da sede da Colônia Caxias do Sul (reprodução). Extraído do Livro História de Caxias do Sul (1864-1970), de João Spadari Adami, p.143.

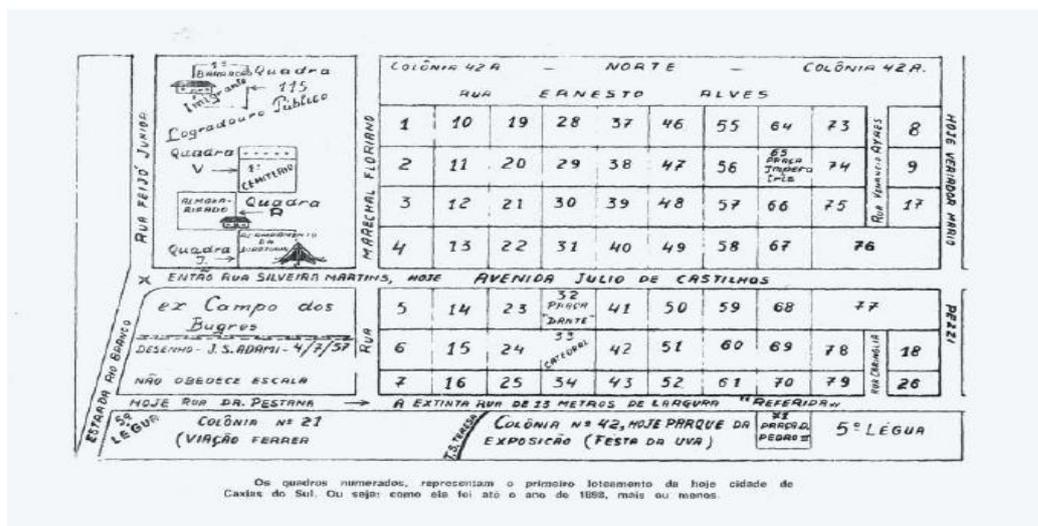


Fig 2. Planta do perímetro urbano da sede da Colônia Caxias do Sul (reprodução) 04 de julho de 1957
 Autoria: João Spadari Adami
 Mapa elaborado por João Spadari Adami, extraído de seu livro História de Caxias do Sul (1864-1970)

Sobre tais denominações há dois importantes aspectos a serem observados. O primeiro deles é a questão dos nomes dados pela própria população não terem sido mantidos, nem respeitado no momento da troca/substituição. Esses nomes primitivos possuíam uma clara relação com o ambiente. A relação “nome e ser nomeado” era muito mais clara e representativa e muito menos arbitrária. A motivação denominativa era óbvia: Rua Grande, nomeando a maior e mais importante rua da cidade. Rua das Cabritas, o lugar por onde passavam os rebanhos de cabras. Rua Mântua, visto serem seus moradores oriundos dessa região da Itália. Rua Bisol, para referir-se ao lugar onde funcionava a casa de comércio de mesmo nome. Em segundo lugar, observa-se que até este momento, à exceção da praça central, os demais logradouros públicos do então município de Caxias receberam nomes de vultos da política e da história brasileira. Nota-se que, mesmo se tratando de um lugar povoado em sua imensa maioria por imigrantes italianos, não havia qualquer intenção de escolher denominações que remetesse à terra de origem daqueles que agora ajudavam a desenvolver uma parte importante do território brasileiro e sul-riograndense. Para Machado (2001),

[u]ma análise dos nomes dados às primeiras ruas do núcleo urbano da Colônia Caxias revela que foram escolhidos nomes de líderes luso-brasileiros, sem que

houvesse qualquer preocupação com nomes ligados à Itália, exceção feita à praça central que recebeu a denominação de Dante Alighieri, usada a partir de 1880, na mesma oportunidade em que o núcleo urbano passou a ser chamado de *Sede Dante*. (MACHADO, 2001, p. 83)

Tal questão pode ser encarada como uma tentativa de ambientação e até mesmo de aculturação do imigrante que havia deixado para trás sua pátria e que agora, no “Novo Mundo”, inicia a construção de uma nova história. Ao imigrante recém-chegado, não cabiam as decisões políticas e muito menos urbanísticas. Todo seu esforço e dedicação estavam voltados para a sobrevivência, para a construção de um lugar que ele verdadeiramente possuísse, que fosse seu. Os imigrantes não apresentavam até então um grupo coeso que pudesse ter participação ativa nas decisões organizacionais e políticas. De acordo com Eliana Rela, em sua obra *Nossa fé, nossa vitória* (2004),

[a]qui colocados, os colonos manifestaram preocupação de criar novas raízes, de compreender a nova língua e a nova linguagem existente para o funcionamento sociopolítico-econômico. E num local onde não havia grandes fortunas, e a política estava reservada aos luso-brasileiros, fazia parte da construção das novas raízes a necessidade natural de participação, não apenas das questões do espírito, mas também das questões políticas. (RELA, 2004, p.15)

Demorou muito tempo até que, estabelecidos, organizados e, de certa forma, enriquecidos e bem-sucedidos, eles alcançassem representatividade e tivessem voz.

O grupo italiano organizou-se, cresceu quantitativamente e qualitativamente em termos econômicos e políticos e, em 1924, tem seu primeiro representante eleito: o engenheiro agrônomo Celeste Gobbato. Gobbato, que pertencia ao Partido Republicano Rio-grandense, conjugava em sua figura a representatividade da etnia italiana e da confissão católica. Sua eleição “representou a primeira experiência do grupo de italianos católicos na administração de Caxias. Essa eleição se dá em detrimento do grupo luso-brasileiro que possuía, entre seus membros atuantes, um número expressivo de maçons.” (RELA, 2004, p. 16). A escolha do primeiro representante de origem italiana sinaliza o duelo de forças que já se estabelecia entre os “brasileiros” e os “italianos”. E mais do que isso, esse caso configura-se como um exemplo de identidades em jogo, uma vez que Celeste Gobbato era descendente de italiano e também se assumia como católico, identificando-se com tais valores e fazia isso se opondo ao grupo luso-brasileiro que era, em grande parte, identificado com os valores e preceitos maçons. De acordo com Eliana Rela (2004) “Na colônia os maçons atuavam desde 1887, e o governo republicano designava para os cargos político-administrativos membros italianos da loja *Força e*

Fraternidade, que traziam em si o gérmen das ideias liberais”. Os cargos mais importantes de cartórios, delegacias de polícia, escolas e prefeitura estavam, até então, nas mãos dos maçons.

Ciente de que as sociedades secretas acatólicas como a Maçonaria e a Carbonária não poderiam encontrar espaço entre os imigrantes e incomodados com o poder local ter sempre estado na mão de lusos, figuras representativas do clero como o Padre Nosadini e, posteriormente, o Monsenhor Meneguzzi, assumem o papel de articuladores, legitimados pela maioria católica da população, de um movimento que colocou um católico e italiano no poder. Feito isso, os esforços se dão para consolidar o poder adquirido através de um complexo jogo de identidades. Jogo esse que teve, também, a influência direta de Celeste Gobbato, um administrador público habilidoso que foi capaz de reunir vários representantes dos vários grupos da sociedade civil, ou seja, igreja, industriais e comerciantes (RELA, 2004, p. 89). Tal feito pôde ser observado nas ruas em ocasião da comemoração dos 50 anos da imigração. Importantes jornais da época noticiaram o fato e, em especial, o jornal católico *Staffeta Riograndense*, que louvou o trabalho realizado por Gobatto e “ênfaticou o trabalho constante, os suores fecundos e o contínuo progresso daqueles 50 anos. Eram dadas glória à família cristã, aos bons costumes e à religião dos colonos, pois as igrejas estavam cheias e as prisões vazias.” (RELA, 2004, p. 88). Essa passagem demonstra a mudança em termos da constituição de uma identidade étnica ítalo-brasileira, tal como apresentado no capítulo 3. Nota-se que as comemorações alusivas aos 50 anos de imigração servem para inaugurar um novo modo de os descendentes italianos se verem e de serem vistos. Aqueles que até então estavam subjugados no campo político possuem agora um representante. Os seus valores morais como família e religião são agora motivo de louvor e admiração. Seu trabalho duro, antes sinônimo de burrice e brutalidade, passa a ser visto como forma de garantir o progresso, o desenvolvimento de toda uma região. Nas palavras de Rela (2004, p. 88), “Assim um tripé havia se formado em busca da cristianização: trabalho, oração e paz.” Visualiza-se, aqui, a constituição de dois grupos étnicos: os luso-brasileiros e os ítalo-brasileiros. Essas duas etnias irão, por um tempo, conviver e construir, lado a lado, uma importante região do estado do Rio Grande do Sul, até que chega o momento em que a convivência passará a não acontecer de forma tão pacífica, como se verá a seguir.

A relativa harmonia existente entre os grupos étnicos permanece até a instauração do Estado Novo, com o golpe dado por Getúlio Vargas em 1937. É nessa época que, movidos

pelo sentimento de nacionalismo, os luso-brasileiros passam, em uma postura dita como nacionalista, a exigirem a total assimilação por parte dos ítalo-brasileiros dos valores característicos da pátria que os recebeu. A proibição por parte do governo de se falar línguas estrangeiras e de realizar o ensino em outra língua se faz sentir nas casas e nas ruas de Caxias do Sul. Não se permitiam mais as conversas em dialeto mesmo que fossem dentro da privacidade do lar. Os professores que ensinavam em dialeto eram retirados de sala de aula. Exemplo de tal atitude é encontrado na obra de José Clemente Pozenato *A Babilônia* (2006). Esse romance histórico, como o próprio nome já revela, permite ver a maneira como a questão da língua teve um papel de grande relevância neste período histórico. Em um trecho, afirma-se que

A cidade, nascida de imigrantes há pouco mais de cinquenta anos, tinha muito caminho a andar antes de se tornar “brasileira”. Todos pareciam andar esquecidos de que durante metade desses anos, nem escola em língua nacional existia para os filhos de imigrantes. Agora havia pressa. Escrevia-se contra as escolas que ensinavam em italiano. Exigia-se o fim dos sermões em língua “estrangeira”. Fazia-se chacota contra a língua “bastarda” que se falava nas ruas da cidade, em concorrência com a língua nacional (POZENATO, 2006, p. 241 e 242).

As línguas e, por extensão, as identidades étnicas entram em conflito e passam a ser motivo de diferenciação e/ou aceitação. Esse conflito ultrapassa o plano objetivo e chega ao plano ideológico, no qual são discutidos os valores capitalistas e comunistas, o que, segundo o governo, era o que precisava ser combatido na busca por um Estado único, forte e homogêneo. A obra ilustra de forma clara a atmosfera vivida na época. E mais, a obra expõe a exigência feita por parte dos luso-brasileiros aos descendentes de italianos para que estes assumissem uma identidade única: ou eles eram italianos, e por isso, falantes de dialeto italiano, pertencentes à Itália, simpatizantes do fascismo ou eram brasileiros, falantes do português, filhos da “pátria-mãe” Brasil e crentes no estado nacional de Vargas. A tensão provocada por tal postura é retratada na obra quando um dos personagens da trama, Justino Andreani, escreve um “estudo sociológico” sobre os fundadores de Caxias do Sul (i.e. os imigrantes italianos). O estudo em questão mostrava que, embora não se falasse sobre o tema,

[m]as era certo que havia diferenças, doestos de parte a parte, alguns declarados, outros embrulhados em frases irônicas ou anedotas jocosas, entre os que descendiam dos imigrantes italianos e os de cepa luso-brasileira. O conteúdo das implicâncias era mais ou menos sempre o mesmo. Para os lusos, o descendente

de italianos era o “gringo”, sinônimo de unha-de-fome, grosseiro, comilão, que nem sabia falar direito a língua nacional. Para os filhos de italianos, o brasileiro era o “negro”, sinônimo de vagabundo, vaidoso, esbanjador, que só sabia viver nas costas de quem trabalhava. Nada disso ia para os jornais. Não se podia negar também que havia esforços de acabar com os preconceitos. Mas isso em geral ficava para as cerimônias e os discursos oficiais. Nas ruas, a verdade era outra (POZENATO, 2006, p. 76).

É, também, que nesse momento, depois de muito tempo, os nomes dados às ruas se tornam motivo de disputa e passam a ser vistos como marca de identidade. Na história contada por Pozenato em *A Babilônia*,

clamava-se ferozmente pelo fechamento dos jornais em língua italiana. Cobrava-se, com boa dose de fúria, que as professoras pusessem de castigo crinças que falassem seu italiano bastardo no pátio das escolas. Mas onde a verbação chegava a ponto de fervura era na campanha pelo fim dos nomes estrangeiros em lugares públicos e logradouros. Uma cidade que tinha na praça central o nome de Dante Alighieri, que tinha uma rua Itália, uma rua Mântua, um Hotel Roma daria, ao ilustre visitante ou amável *touriste*, a falsa ideia de estar entrando em uma cidade estrangeira (POZENATO, 2006, p. 242).

A campanha nacionalista é apontada como motivo para a mudança dos nomes de um conjunto de importantes ruas da cidade, as quais tiveram seus nomes substituídos através de um ato firmado pelo prefeito municipal Dante Marcucci. O conteúdo do ato número 85, publicado nos dois principais jornais da cidade¹³ - *O Momento* e *A Época*-, substituíra de uma só vez os nomes de cinco ruas da cidade: a Rua Veneza passou a se chamar Rua Olavo Bilac; a Rua Treviso foi chamada de Rua Machado de Assis; a Rua Vicenza chamou-se de Rua Castro Alves; a Rua Trento passou a ser chamada de Rua José do Patrocínio e a Rua General Cadorna chamou-se de Rua Coronel Camisão. Segundo publicado nos jornais, o ato do prefeito tinha por objetivo homenagear vultos nacionais, que muito honraram a pátria brasileira. O redator do jornal *O Momento*, de 08 de maio de 1939, intitulou de “Exemplo de Brasilidade” a reportagem que mencionava a troca promovida pelo prefeito (cf. ANEXO A, p.83). Segundo o jornal,

O ato (sic) prefetural (sic) n. 85, de 2 do corrente, é bom a (sic) demonstração inequívoca da existência do sentimento brasileiro que acaba de reintegrar a comuna municipal na comunhão nacional.

Palmilhando tão salutar estrada de civismo, nenhum brasileiro negará apoio à obra nacionalisadora (sic) pósta (sic) em prática pelo edil caxiense (sic).

Para nós - genuínos brasileiros- é motivo de justo orgulho o evidenciarmos (sic) que, tais propositos (sic), por certo sinceros e

¹³ Os atos e decretos municipais eram publicados nos jornais, uma vez que nesta época as Câmaras de Vereadores haviam sido fechadas por conta do Golpe do Estado Novo, o qual interrompeu a atuação do Poder Legislativo entre os anos de 1937 e 1947

desinteressados, partiram justamente do chefe de uma comuna tradicionalmente tida e reconhecida como perola das colônias (sic) italianas, ficando patenteado, com tal atitude, que, acima dos títulos da nobreza italiana conferidos a nosso edil pairam seus sentimentos cívicos. (Jornal O Momento, de 08 de maio de 1939).

A substituição de tais hodônimos, ou seja, a troca de nomes que faziam menção a lugares da Itália (Veneza, Treviso, Vicenza, Trento) por nomes de escritores brasileiros (Olavo Bilac, Machado de Assis, José do Patrocínio e Castro Alves) e do nome de um General italiano (Gel. Cadorna, o qual comandou o exército italiano em uma invasão durante a disputa territorial que ficou conhecida como a Questão Romana) pelo nome de Coronel Camisão (coronel do exército brasileiro de intensa participação na Guerra do Paraguai), revela que a campanha de nacionalização atingia, também, hodônimos da localidade. Tal fato reforça o importante papel histórico e cultural que os hodônimos exercem para uma comunidade. Nomes que haviam sido escolhidos como forma de homenagear a terra de origem daqueles que constituíam a maior parte dos habitantes do lugar ou de um personagem de vulto da história da Itália são trocados por nomes de figuras que ajudaram a consolidar a cultura brasileira e pelo nome de um personagem importante da história do Brasil. E isso, atendendo ao apelo do governo federal, que deseja um país unicultural e monolíngue. Outro fator de grande relevância, e que pode ser notado no trecho acima, é o fato de a mudança ter partido de um prefeito de origem italiana, “chefe de uma comuna tradicionalmente tida e reconhecida como pérola das colônias italianas”. Esse dado revela que, mesmo sendo de origem étnica italiana, o prefeito da época subjugava tal aspecto de sua identidade para alinhar-se aos anseios políticos do governo de Vargas, ou seja, naquele momento, os interesses políticos e econômicos eram mais importantes do que sua condição étnica. Para um prefeito que atuava em pleno Estado Novo, mais importante era o apoio do governo federal do que a defesa de sua condição de descendente de imigrantes italianos. Percebe-se que, no caso envolvendo o prefeito e a troca de denominações, a identidade assume um papel secundário. Ao “jogar” com suas identidades, o chefe municipal assume-se, antes de qualquer outra forma, como autoridade política de uma cidade, seguidor e apoiador dos interesses nacionalistas do governo federal.

Sempre fiel aos “interesses da Pátria”, o mesmo prefeito, através do Decreto nº 96, de 19 de agosto de 1939 e publicado no jornal *A Época* de 20 de agosto de 1939 (cf. ANEXO B, p.85), nomeia um novo conjunto de ruas na mesma cidade: Rua Santos Dumont, Rua Plácido de Castro, Rua Humaitá, Rua Visconde Mauá e Rua dos Farrapos.

Tais denominações, segundo expresso pelo decreto, justificam-se, “considerando que honrar os nomes dos grandes brasileiros, além de obra nacionalisadora (sic), é educar as futuras gerações ao culto dos que souberam, pelo seu patriotismo, inteligência e bravura elevar a Pátria Brasileira”.

O processo de diferenciação, o qual é de extrema relevância na constituição das identidades, uma vez que, como já dito no capítulo 2, as identidades se estabelecem e se firmam sempre em oposição a outra (s), ganha ainda mais força com o advento da 2ª Grande Guerra (1939-1945). A distinção entre os dois grupos étnicos entrará em choque efetivo no momento em que Itália e Brasil assumem lados opostos, apoiando, respectivamente o chamado “Eixo” e os “Aliados”. É nesse momento que se estabelece a real distinção identitária entre o nós e os outros, ou seja, entre luso-brasileiros e italianos. A coesão étnica de um grupo estrangeiro inserido num país de acolhimento pode, às vezes, quando não aculturado à pátria adotiva, causar preocupações às autoridades governamentais desse país. E isso era algo que, para os governos, precisava ser combatido.

O conflito que já havia se iniciado e já havia provocado embates que tiveram como reflexo a alteração de várias ruas da cidade, atinge seu ápice com a mudança do nome de uma avenida da cidade (Av. Itália) e do logradouro mais importante do centro urbano, a Praça Dante Alighieri.

O clima tenso gerado pela entrada do Brasil na guerra era fomentado pelos artigos e cartas publicadas nos principais jornais da cidade. Grupos como o Tiro de Guerra e, principalmente, o núcleo local da Liga de Defesa Nacional, tinham seus encontros e manifestações divulgadas pela imprensa. E foi em uma dessas manifestações, organizada por tal grupo, que a população foi às ruas para, em um ato de repúdio “ante ao vandálico atentado dos submarinos assassinos do Eixo que, mais uma vez, desprezando os mais rudimentares princípios de humanidade, afundaram mais cinco indefesas unidades de nossa Marinha Mercante, nas próprias costas do Brasil, matando várias centenas de brasileiros” (Jornal A Época, de 23 de agosto de 1942, cf. ANEXO C, p. 87), reforçar seu desprezo por tudo aquilo que simboliza os inimigos da pátria.



Fig. 3 - Foto de uma concentração popular em protesto contra a guerra e o fascismo

A polêmica envolvendo a mudança do nome da praça principal, de Dante Alighieri para Praça Rui Barbosa e da Avenida Itália para Avenida Brasil, foi arregimentada em assembleias organizadas pela Liga de Defesa Nacional. Em uma delas, realizada no dia 2 de fevereiro de 1942 e que teve como local a sede do Tiro de Guerra, “num ambiente de intensa vibração cívica”, expoentes da sociedade caxiense “sob fortes aclamações”, aprovaram, entre outras moções de cunho patriótico,

que a Liga de Defesa Nacional solicitasse ao Governô (sic) Municipal a substituição do atual nome da praça Dante Alighieri para o de praça “RUI BARBOSA” e dos dísticos em italiano existentes na Estátua do poeta florentino por outros em língua nacional; e que do mesmo modo procedesse em relação à Avenida Itália, passando a chamar-se AVENIDA BRASIL (ADAMI, 1974, p. 253).



Fig. 4-Substituição do nome da Praça Dante Alighieri pelo nome Rui Barbosa

Essa e as demais moções foram encaminhadas ao prefeito Dante Marcucci, que publicou, em 4 de fevereiro de 1942, um ofício afirmando ter sido “duplamente agradável, como Prefeito e como cidadão,” receber tais pedidos. Contudo tal aprovação não passou para a ação. As solicitações feitas foram defendidas e aceitas pelo prefeito publicamente, contudo a substituição efetiva dos nomes não foi uma iniciativa da prefeitura. Mesmo com a pressão da opinião pública, claramente identificada nas ruas e nas discussões estabelecidas através dos principais jornais da época, *Jornal do Comércio*, *A Época* e *O Momento*, os representantes do governo permaneceram sem agir. Diante de tal inércia e revoltados com os últimos acontecimentos na guerra envolvendo o afundamento de navios brasileiros,

Num comício de grandes proporções onde vibrou a alma de brasileiros simples e honestos, de brasileiros que não transigem ao respeito que exigem à sua pátria, a população local lavrou seu protesto contra o afundamento dos navios que levavam a nossa bandeira verberando o assassinio de irmãos nossos mais indefesos (sic). [...]

Reunidos na nossa principal Praça, os manifestantes, que formavam uma compacta massa, integrada por homens de todas as classes sociais, desde as mais modestas profissões até os cargos de maior representação pública e particular, ergueram vibrantes aclamações ao Brasil. [...]

Percorrendo a Avenida Júlio de Castilhos, os manifestante, cantando o Hino Nacional, dirigiram-se à Avenida Itália de onde arrancaram as placas dos nomes dessa via pública, substituindo-as com outras com o nome de BRASIL.

O mesmo foi feito logo após com a placa da Praça Dante, que foi arrancada e em seu local colocada outra com o nome de Rui Barbosa. (Jornal A Época, 24 de maio de 1942, cf. ANEXO D, p. 89)

A partir de tal momento, tais denominações passaram a ser usadas popularmente e também pelos órgãos de imprensa local. Porém, nenhum decreto havia sido divulgado a fim de tornar oficial a mudança. A respeito disso, o jornal *O Momento* publica, em 5 de fevereiro de 1944, um artigo intitulado *Teimosia ou Sabotagem?*, no qual questiona a postura do prefeito Dante Marcucci, o qual, desde os acontecimentos, “resolveu deixar tudo como estava para ver como ficava...” (Jornal O MOMENTO, 5 de fevereiro de 1944, cf. ANEXO E, p.91). Segundo o jornal, “Faltava apenas o respectivo ato da prefeitura oficializando a vontade da população nacionalista. Isto foi, se não nos falha a memória, em fins de 1941 ou princípio de 42. Estamos em 44, e tudo continua no mesmo pé” (Jornal O MOMENTO, 5 de fevereiro de 1944). Na semana seguinte, o mesmo jornal publica uma carta escrita por Rodolfo Vaz da Silva, funcionário da Companhia Telefônica Riograndense. Este, em resposta ao questionamento sobre o porquê de ainda serem

mantidas, no Guia Telefônico, os nomes de Praça Dante Alighieri e Avenida Itália, afirma que

[o] que é preciso, pois, dissemos nós – que o sr. Prefeito não permaneça nesse (sic) impasse. Promova o quanto antes a oficialização das mudanças ocorridas, ou então num gesto de coragem muito seu, declare em ato oficial que continuará a Praça Rui Barbosa sendo Praça Dante Alighieri e a Avenida Brasil, sendo Avenida Itália. Só assim terminará de uma vez a confusão e o povo brasileiro convencido ficará sabendo de que em sua própria terra, prevalece a vontade dos que amam, defendem e homenageiam os povos ligados ao fascismo de Mussolini (Jornal O MOMENTO, 12 de fevereiro de 1944, cf. ANEXO F, p.93).

Mesmo diante de tão incisivas provocações, o prefeito Dante Marcucci não instituiu, durante seu governo, nenhum ato que oficializasse a troca das denominações. Tal atitude é no mínimo curiosa, uma vez que, em 1939, o mesmo prefeito prontamente decretou a substituição de um conjunto importante de ruas da cidade, substituindo nomes identificados com a Itália por nomes de ilustres brasileiros. O que se pode depreender de tal fato é que, ao se tratar de uma importante rua e do logradouro mais importante da cidade, a identidade política e a fidelidade partidária não foram tão fortes a ponto de justificar, como afirmou Spadari Adami (1974, p. 278), “mexer na caixa de marimbondo”, mesmo por saber que a questão agitaria a cidade. Dante Marcucci, um descendente de italianos, optou por abster-se da decisão por estar ciente de que naquele momento sua identidade étnica poderia ser usada contra ele. Remo Marcucci, filho de Dante Marcucci, ao ser entrevistado por Mari Miorelli e Anelise Cavagnoli, entrevista que faz parte do acervo do Banco de Memória do Arquivo Municipal João Spadari Adami, ao ser questionado sobre a mudança do nome da praça, afirmou que a discussão gerada configurava um conflito de etnias e também um conflito político. Segundo ele,

[t]inha muita política no meio de tudo isso. Dizia, existia esse jacobismo feroz, com racismo inclusive: havia uma... havia um descontentamento inexplicável com relação a ... ao progresso, de cuja responsabilidade não era um elemento luso e sim de origem italiana. (Trecho transcrito de entrevista oral¹⁴)

Como reagiriam os descendentes que haviam votado naquele que era seu representante legítimo? Como o prefeito justificaria acatar o pedido de brasileiros ufanistas que associavam elementos tradicionais da cidade ao fascismo vivido pela Itália daquele tempo?

¹⁴ Entrevista oral concedida por Remo Marcucci a Mari Miorelli e Anelise Cavagnoli em 19 de junho de 1992. A entrevista integra o Banco de Memória do Arquivo Municipal João Spadari Adami e encontra-se registrada no mesmo através do número FG 168.

Certamente e sabiamente, Dante Marcucci seguiu o conselho do então Interventor, cel. Cordeiro de Farias e adiou o assunto *sine die* (ADAMI, 1974, p. 277).

No momento em que se desfez o Estado Novo e as Câmaras de Vereadores voltaram a atuar, em 1948, o vereador Ruben Bento Alves, conforme cita Adami (1974, p. 279) retoma a questão ao propor uma emenda à Lei Orgânica que, à época estava sendo redigida. Como sugestão do vereador, a lei teria o seguinte artigo:

Art. XV. Na data em que é promulgada a presente Lei Orgânica do Município, como um preito de homenagem dos caxienses ao ilustre e imortal brasileiro Rui Barbosa, o grande vulto da nossa história pátria, passará a ter a sua denominação a atual Praça Dante, principal logradouro público da cidade (ADAMI, 1974, p. 279).

Em 27 de março de 1948, a lei Orgânica é promulgada e a emenda proposta pelo Vereador Rubem Bento Alves é reproduzida tal como citado acima (cf. ANEXO G, p. 95). Passados quase seis anos, a praça central da cidade recebe, oficialmente, o nome de Praça Rui Barbosa. Interessante citar que, depois de 10 anos, ou seja, em 1958, o então vereador Ruben Bento Alves seria prefeito de Caxias do Sul e mestre de cerimônias na visita do presidente italiano Giovanni Gronchi. Conforme publicado no Boletim Eberle de setembro de 1958 (cf. ANEXO H, p. 99), “São 83 anos que vos esperamos”. A mudança de postura assumida pelo agora prefeito Ruben Bento Alves exemplifica muito bem como se processa o “jogo de identidades”: aquele que lutara defendendo os interesses nacionais, os interesses dos caxienses, agora dava honras ao presidente italiano e inaugurava monumentos em homenagem à Itália e aos italianos.

Quanto à Avenida Itália, o processo que se seguiu à substituição por Avenida Brasil, efetivada pelos mesmos manifestantes, na mesma ocasião, teve um fim diferente. Embora a avenida tenha sido renomeada, as pessoas que ali viviam, quase que exclusivamente ítalo-descendentes, não permitiram que tal mudança se concretizasse. Em uma manifestação, movida pelo sentimento de orgulho étnico, os moradores daquela rua, empreenderam seus esforços para fazer com que o nome “Brasil” fosse retirado das placas indicativas. Assim, paralelamente a qualquer imposição política, os descendentes italianos assumiram-se como tal e, de forma simbólica, demonstraram sua força ao impedirem a mudança de nome.

Foi apenas em junho de 1990, através da proposta de um grupo de vereadores, grupo este composto por Eloi Frizzo, Waldemar Biglia, Marino Kury, Edson Marchioro e Zoraido Silva, que a Praça Rui Barbosa foi renomeada de Praça Dante Alighieri (cf.

ANEXO I, p. 105). Os vereadores propuseram tal projeto de lei (Projeto de Lei nº 333/90), o qual foi sancionado pelo prefeito Mansueto Serafini Filho, em 12 de junho de 1990 (lei 3494), apresentando como justificativa uma retorno às origens e uma homenagem àqueles que junto com outras raças ajudaram a construir a cidade. Na justificativa elaborada, os vereadores também elaboram uma “explicação” à troca feita em 1948. Para eles,

[n]o ano em que foi efetuada a troca de nomes, logo após o término da segunda guerra mundial, nossa cidade constituída, na maioria, por descendentes de italianos, que junto com a Alemanha e o Japão perdera a guerra, sofria uma pressão muito grande a nível de (sic) propaganda e do ponto de vista político, pelo fato dessa descendência, o que “explica” a atitude tomada de troca de nome do nosso logradouro mais importante, por nossos ex-legisladores, não querendo dizer com isso que se justificasse tal pedido discriminatório (Projeto de Lei nº 333/90).

Por meio dessa justificativa, reforça-se a importância decisiva da identidade étnica para a alteração promovida pelos vereadores em 1948. A identidade étnica teve papel preponderante, mesmo que as justificativas de então girassem em torno de aspectos políticos, de defesa da nacionalidade. Para os vereadores que propuseram a volta da denominação anterior, a troca configurou um ato discriminatório, uma vez que não foi considerada a predominância numérica dos descendentes de italianos e a importância destes para a construção da cidade.

A alternância de um nome por outro na denominação oficial da praça mais importante de Caxias do Sul e de uma de suas avenidas representa algo mais do que uma simples troca de nome: o que está em jogo aí são as diferenças e identidades étnicas e culturais, a força política e, sobretudo, as ideologias que orientaram a vida desses grupos humanos. Esse conjunto de fatores não exclui o sentimento de identidade: por um lado está o papel do Estado, impelindo os “estrangeiros” à aculturação com a terra hóspede, movendo a escolha dos nomes de figuras luso-brasileiras; por outro, está o grupo étnico italiano ainda preso às origens e procurando manter viva a lembrança da Itália, atribuindo nomes italianos a ruas e praças da cidade que eles próprios fundaram e desenvolveram.

No final da década de 50, outra polêmica envolvendo a troca de denominação agita o poder municipal e a cidade. O vereador Bernardino Conte, por meio do processo XIII/58, que foi “apelidado” de *O Poderoso* dada a polêmica que provocou, solicitava a troca do nome da Rua Castro Alves, que havia assim sido nomeada em 1939, para Rua La Salle. Para o vereador Conte, a ordem lassalista era digna de uma homenagem, que coincidiria

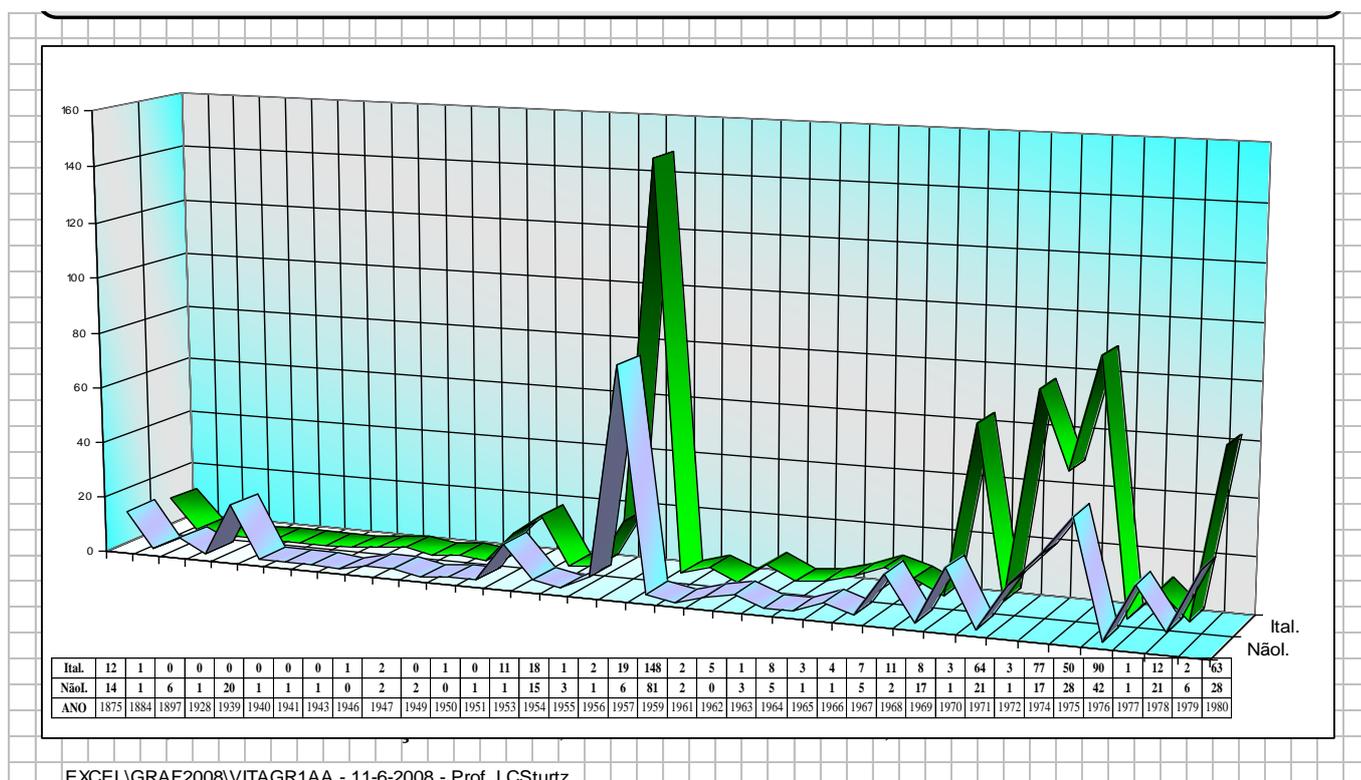
com o “Jubileu de Ouro” de seu trabalho com o ensino, uma vez que fora responsável pela educação de muitos filhos da cidade. Contudo, a proposta foi adiada inúmeras vezes e chegou a ser rejeitada na sessão nº147 (cf. ANEXO J, p. 111), sendo reapresentada na sessão nº 148, na qual se deu caloroso debate envolvendo a conservação do nome antigo e a defesa do novo nome (cf. ANEXO L, p.120). Bernardino Conte acreditava que dar o nome de La Salle à então Castro Alves seria uma justa homenagem aos professores e ao fundador da ordem, João Batista de La Salle “que a cinquenta (sic) anos haviam deixado a Europa para colaborarem com seus conhecimentos ao ensino e à instrução do povo brasileiro” (Ata da sessão nº 148, p.2, 1958). A escolha da rua Castro Alves dava-se, pois naquela rua seria construída a nova escola lassalista. Na mesma sessão, o vereador Conte apresentou um abaixo-assinado de moradores daquela rua, os quais solicitavam a substituição. Feito isso, o vereador Buselatto afirmou que havia votado contra o projeto, quando este fora apresentado, por acreditar que “relegar o nome Castro Alves seria quase um afronte aos brasileiros, por sua expressão da poesia nacional”, mas diante da manifestação popular pela troca, ele, então, concordava com o projeto. Outro vereador, Travi, disse concordar com a homenagem proposta, mesmo que o vereador Conte estivesse agindo demagogicamente. O vereador Conte, por sua vez, condenou a atitude do vereador Travi, a quem considerou “demagógico, incoerente e infantil”. O vereador Bassanesi, como forma de acalmar os ânimos, disse que se

o projeto tivesse alguma intenção política, talvez tivesse mesmo, mas sucedia que as indicações suas (do vereador Travi) e de sua bancada também tinham. Logo, se os objetivos fossem bons, no que o próprio vereador Travi afirmara reconhecer, devia-se aprovar (Ata da sessão nº 148, p. 3, 1958)

Os debates continuaram acalorados. Nas sessões que se seguiram, inúmeras vereadores expuseram suas opiniões, ora enaltecendo o trabalho dos lassalistas, ora exaltando os feitos do poeta baiano. Dada a importância das duas figuras, foi proposto pelo vereador Pe. Giordani que se mantivesse a nome da Rua Castro Alves onde estava e que fosse dado o nome de La Salle à Rua Os 18 do Forte, uma vez que tal nome nada significava para a população caxiense. Além disso, como lembrado pelo vereador na sessão nº 149, o início do trabalho havia coincidentemente sido na Rua Os 18 do Forte (cf. ANEXO M, p. 130). A ideia não prosperou. Não tendo se chegado a um consenso, visto que alguns vereadores pensavam não ser a melhor solução trocar o nome de duas ruas, nomes esses já consagrados pelo uso, o projeto permaneceu sem ser votado. Foi então na

sessão ordinária nº191, na qual foram nomeadas várias ruas da cidade, que foi efetivada a troca do nome da Rua Castro Alves para Rua La Salle (cf. ANEXO N, p. 139). Durante as discussões que envolveram a troca de tal denominação ficou evidente que dar ou substituir o nome de uma rua não é um processo ingênuo. Como demonstrado, fatores políticos e culturais entram na disputa. No caso acima descrito, Castro Alves representava um poeta brasileiro, um orgulho nacional. La Salle, por sua vez, caracterizava os valores cristãos, além de ser símbolo de abnegação e trabalho árduo, valores esses tão caros aos ítalo-brasileiros que povoavam a cidade e que habitavam aquela rua em específico. Assim, mesmo que houvesse interesse político, de lado a lado, esse caso envolvendo troca de denominação serve para ilustrar bem o fato de que os hodônimos e a motivação que há; por trás deles configuram um processo de complexa análise, a qual envolve diversos e importantes fatores.

Gráfico 1¹⁵
Quantidades, em ordem cronológica, dos hodônimos italianos e não italianos de 1875
a 1980



¹⁵ Os gráficos apresentados foram elaborados pelo professor Luis Carlos Sturtz, como uma colaboração ao projeto Toponímia do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade (UCS). Os mesmos encontram-se publicados em FROSI, Vitalina. Nomi italiani per strade e piazze brasiliane. In: MARCATO, Gianna (a cura di) *Dialecto Uso Funzioni Forma*. Padova, 2009.

Os anos que se seguem são marcados por uma crescente valorização das origens estrangeiras. Findada a guerra, com a vitória dos aliados, a Itália permanece, por um tempo, em uma situação desprivilegiada. Contudo, passados alguns anos, o Estado Italiano se fortalece, reergue-se ainda mais forte e unificado e passa a integrar o seleto grupo dos países do Primeiro Mundo. Tal fato provoca uma busca, por parte dos descendentes que aqui vivem, uma busca pela sua identidade italiana. Este *revival étnico* faz-se sentir nos mais variados segmentos, tais como associações, escolas de idiomas, cursos universitário, inauguração de monumentos, festas típicas e, também, no que diz respeito às denominações de ruas e de logradouros públicos. Outro aspecto a ser considerado é o fato de que a década de 50 e início da década de 60 torna-se visível o crescimento da industrialização da cidade. O processo, que já havia se iniciado através da indústria de beneficiamento do vinho, no início do século XX, torna-se ainda mais pujante com o advento de uma variada produção industrial. É a partir da metade do século que a história de Caxias do Sul como um polo metal-mecânico de expressão nacional e internacional se inicia (SABBATINI, 1975). No Centenário da Imigração Italiana (em 1975), 75,10% da população ainda era constituída por ítalo-descendentes e 24,90% (FROSI; MIORANZA, 2009); era formada por indivíduos de outras etnias (afro-brasileiros, teuto-brasileiros, indígenas, luso-brasileiros, polono-brasileiros e outros). Considerando que a composição étnica italiana era majoritária até 1975, poder-se-ia imaginar que os *hodônimos* fossem numericamente mais representados por nomes italianos desde a fundação da cidade, o que, de fato, não ocorreu.

Observa-se que nos anos que antecederam e, principalmente, a partir do centenário da Imigração, em 1975 há um aumento significativo no uso de nomes italianos para designar ruas e praças da cidade. São utilizados, para tanto, nome de indivíduos, descendentes de italianos, que alcançaram sucesso nesta terra. Sucesso tanto no aspecto social, político, quanto no aspecto econômico. Isso demonstra haver uma relação entre a valorização da identidade étnica e a denominação dada às ruas e logradouros de Caxias do Sul. A reconstrução da identidade italiana demonstra ter estreita ligação com o crescimento econômico da Itália e sua representatividade política no mundo. Ser italiano, nesse momento, era associar-se à imagem de um país vencedor, que soube superar as dificuldades para tornar-se uma nação forte e desenvolvida.

Findada a primeira década do século XXI, pode-se inverter os percentuais alusivos à composição étnica de Caxias do Sul. Conforme Frosi e Mioranza (2009, p. 109), a

população apresenta, aproximadamente, 25% de ítalo- descendentes e 75% de indivíduos de outras etnias. Apesar disso, os hodônimos representados por designações italianas têm, sistematicamente, a primazia numérica sobre os demais desde 1954. Hoje, os ítalo- descendentes representam por volta de um quarto da população caxiense, no entanto, os hodônimos que carregam seus nomes são numericamente superiores aos demais, conforme pode ser comprovado nos gráficos abaixo.

Gráfico 2
Quantidades, em ordem cronológica, dos hodônimos italianos e não italianos de 1980 a 2008

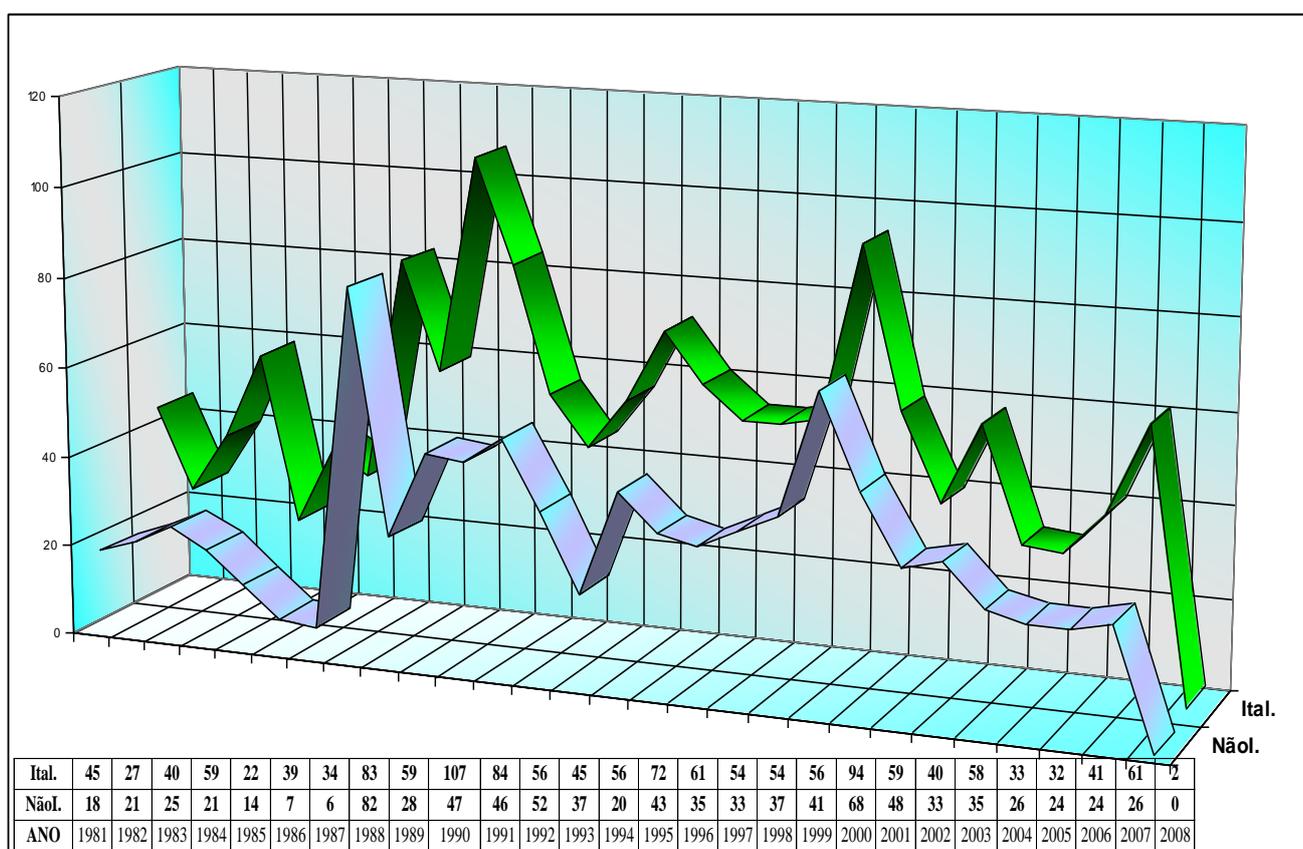
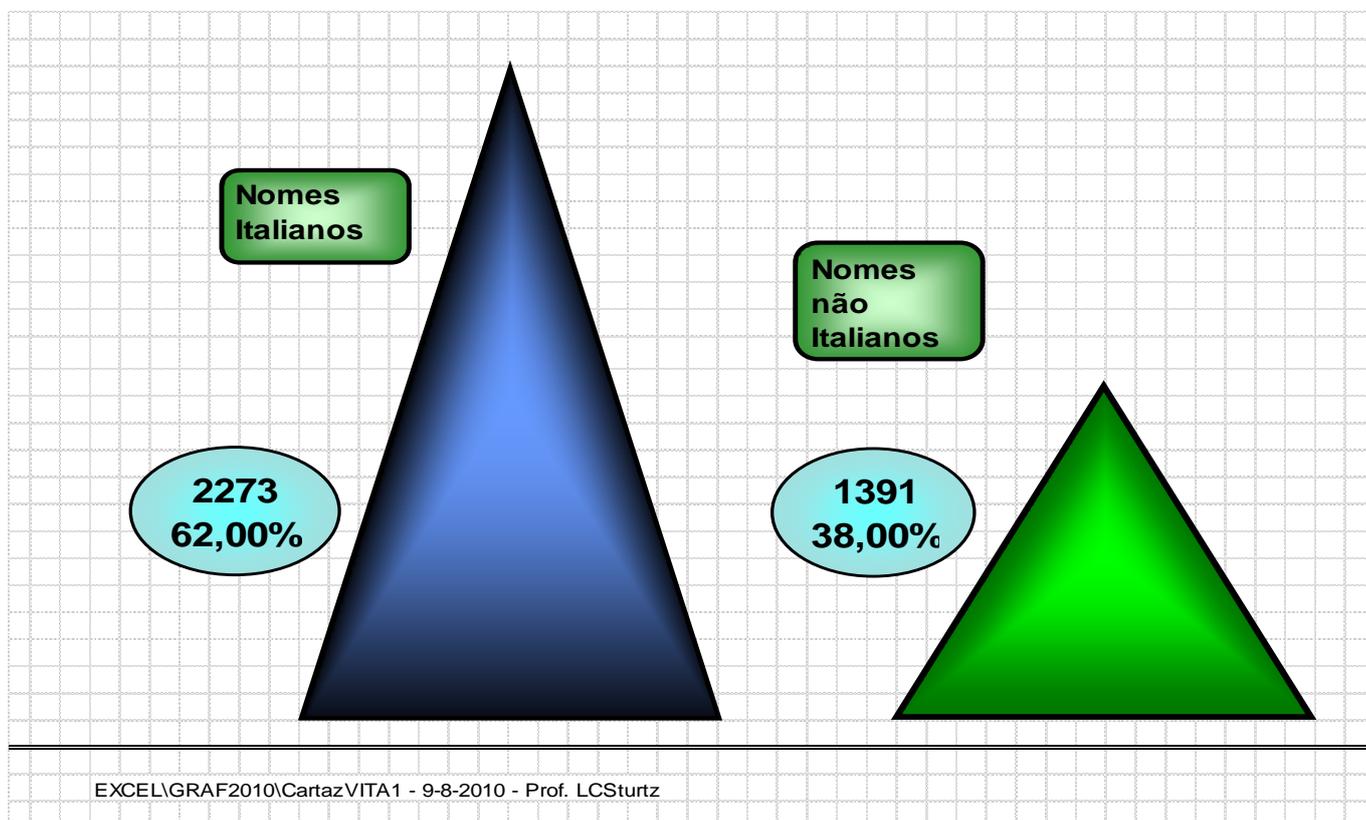


Gráfico 3
Hodônimos de Caxias do Sul. Lista de nomes atualizada pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul em 12-01-2010



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poder de nomear é dado a quem, de uma forma ou de outra tenha alcançado autoridade para isso. A Adão, conforme a teologia cristã, foi concedido o papel de dar nome aos seres viventes. Aos pais é dada a autorização de escolher o nome de seu filho. Quanto aos nomes dados às ruas e logradouros, o processo é semelhante. Quem escolhe o nome a ser dado é quem, por lei, é designado para isso, ou seja, o poder político local. Contudo, tal direito pode ser contestado, conforme postulado na *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos* (2003, p. 35)

Toda comunidade linguística tem direito a estabelecer, a preservar e revisar a toponímia autóctone . Esta não pode ser suprimida, alterada ou adaptada arbitrariamente, nem substituída em caso de mudança de conjuntura política ou de outro tipo (OLIVEIRA, 2003, p.35).

Considerando como sendo “comunidade autóctone” a dos italianos que para cá emigraram e aqui se estabeleceram, formando uma comunidade organizada, é possível afirmar que tal direito, no que concerne à realidade de Caxias do Sul, não foi respeitado.

Desde o início, os hodônimos de Caxias do Sul andaram em descompasso com a história, com o contexto cultural, com a vontade do povo. Nos primeiros anos, a imensa maioria da população era composta por imigrantes italianos e, apesar disso, os nomes que designaram as primeiras vias e praças não se relacionavam com o povo que colonizara tal espaço. Com os episódios em que as identidades entraram em conflito, ou seja, durante o Estado Novo e a II Guerra Mundial, houve uma necessidade de definição, de posicionamento, em escolha de um lado ou de outro. Os ítalo-descendentes viram-se

forçados a assumir uma posição, a escolher um lado. Ou eles se identificavam com sua pátria de origem ou identificavam-se com a pátria que os havia acolhido e lhes dado a chance de reconstruírem suas vidas. Esse momento peculiar de identificação faz-se sentir nas denominações dadas às ruas e praças de Caxias do Sul, no período compreendido especialmente entre os anos de 1939 a 1942. A escolha dos hodônimos, nessa época, serviu de indício de demonstração de um grupo étnico ou de outro. Denominar passa a ser motivo de disputa política, baseada e refletida na identidade étnica em questão. A polêmica envolvendo o nome da praça central da cidade (de Dante Alighieri para Rui Barbosa) usava a questão étnica para fins políticos, ou seja, os políticos da cidade, através da substituição do nome italiano para um nome brasileiro, alinhavam-se aos interesses do governo federal que impunha a nacionalização como uma necessidade para a garantia da soberania econômica e política do Brasil.

Embora as oposições, tão necessárias à definição das identidades, tenham tido lugar de destaque nos episódios envolvendo a guerra e a política nacionalista de Vargas, é a partir de então que elas passam, verdadeiramente, a se processarem como identidades distintas: ou se era luso-brasileiro ou se era ítalo-brasileiro. Os ítalo-brasileiros, que viram o país de seus antepassados sair perdedor de uma guerra, permanecem construindo um patrimônio, uma história de sucesso na terra que os acolheu. Trabalhando e unindo-se eles alcançam postos de destaque econômico e político na região em que estão inseridos. Depois, eles veem sua “velha Itália” ressurgir das cinzas como uma fênix e se tornar um país de primeiro mundo. Orgulham-se de descender de um lugar que soube se desenvolver, de identificar-se com um povo que transformou a miséria, através do suor de seu rosto e de muitos sacrifícios, em riqueza, que tendo recebido pouco conseguiu ter muito. Identificar-se com a Itália, reviver, reconstruir seu passado, mesmo que de forma mítica, torna-se algo extremamente importante, recompensador. Ser ítalo-descendente não é mais sinônimo de grosseria, ignorância e pobreza. Ser ítalo-descendente é ser um vencedor; é ser alguém que alcançou, por mérito próprio, o sucesso, a realização. Essa transformação que se processa em termos identitários reflete-se, também, nos hodônimos de Caxias do Sul.

É a partir da década de 60 do século passado, década em que há o desenvolvimento de grande parte das indústrias metalúrgicas de Caxias do Sul, pertencentes a ítalo-descendentes, e que a Itália se firma como um país desenvolvido, que ocorre uma explosão de denominações de ruas, praças e avenidas utilizando nomes de origem italiana. Em 1975, época em que se comemoram vivamente os cem anos da chegada dos primeiros imigrantes

italianos à região, as manifestações culturais envolvendo elementos característicos da “identidade étnica italiana” tornam-se uma verdadeira febre. Várias associações, grupos de estudos, escolas de idiomas são fundadas na tentativa de reunir os ítalo-descendentes, que mais do que nunca se definem como tal. E, mesmo que, numericamente, eles sejam inferiores aos luso-brasileiros, o “capital simbólico” adquirido pelos ítalo-descendentes é muito maior. Assim, dar um nome de origem italiana a um logradouro é garantir status social, uma vez que, por meio do nome, atribui-se a ele tudo aquilo de positivo que ser um descendente de um país europeu significa: ser batalhador, ser bem-sucedido, ser portador de riquezas.

O trabalho aqui desenvolvido alcançou seu objetivo na medida em que conseguiu, pelo menos nos casos analisados, demonstrar que a identidade étnica teve papel de relevância na denominação e na(s) substituição(ões) que se processaram ao longo da história de Caxias do Sul. Se a identidade étnica foi decisiva ou foi apenas utilizada como um elemento dentro de um jogo de interesses maior, mais amplo, é algo a ser questionado. Indícios levam a crer que a identidade étnica foi e é “moeda de troca”, pelo menos, na realidade que compete a este estudo. Identificar-se como luso ou como ítalo-brasileiro é uma conveniência. O que se ganha com isso? O que pertencer a esta ou aquela etnia garante, proporciona? Esses parecem ser questionamentos que se impõem. Identidade é negociação. E isso se pôde perceber na maneira como os responsáveis pela denominação dos logradouros públicos de Caxias do Sul conduziram as situações, independentemente do período histórico vivido. Seja no início do povoamento das terras então devolutas, seja no momento crucial de identificação forçada pelo Estado Novo, seja no ápice do desenvolvimento econômico atingido pelos descendentes dos imigrantes, a identidade sempre se processou como um dado a ser usado para garantir benesses de ordem política, econômica e social.

O que foi realizado é apenas um trabalho inicial que exige continuidade e detalhamento. Os dados oferecem a possibilidade de uma análise muito mais abrangente. Há inúmeros fatores que podem e devem ser analisados de forma independentes ou criando uma interface com o que foi aqui apontado. E isto porque, nas palavras de Michel de Certeau (1994),

[o]s lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-

cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. “Gosto muito de estar aqui” é uma prática do espaço, do bem-estar tranquilo sobre a linguagem onde se traça, um instante, como um clarão. (CERTEAU, 1994, p. 189 e 190)

O campo de trabalho é vastíssimo. Compreender a Toponímia e, mais especificamente, a hodonímia como uma disciplina de caráter pluridisciplinar, interdisciplinar é abrir os olhos e a mente para um caminho cheio de possibilidades.

REFERÊNCIAS

ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul*. I Tomo. 2ª ed. Caxias do Sul: Edições Paulinas, 1971.

_____. *História de Caxias do Sul*. IV Tomo. 2ª ed. Caxias do Sul: Edições Paulinas, 1974.

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism*. Londres: Verso, 1983

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins- ATITO*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010.

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Bilinguismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Ariel, 1996.

BAMBINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomisológicos. *Ciencia e Cultura*. 2006, v. 6, n. 2, p. 38-41. ISSN 0009-6725. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scieloOrg/php/reference.php?pid=S0009-67252006000200015&caller=cienciaecultura.bvs.br&lang=en>. Acesso em: 21 de maio de 2011.

BATTISTI, C. *Studi di storia linguistica e nazionale del Trentino*, Firenze: 1922

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BIASE, Alessia de. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 7, n. 16, p. 173-188, dezembro de 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6.ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2003

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: 1994

CARPINEJAR, Fabrício. *Como no céu; e Livro de Visitas*. Bertrand Brasil, 2005

CARVALHINHOS, P. de J. *Hierotoponímia Portuguesa. De Leite de Vasconcelos às Atuais Teorias Onomásticas*. Estudo de Caso: as Nossas Senhoras. São Paulo: FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 2005. In: MAEDA, Raimunda Madalena Araújo. *A toponímia sul-mato-grossense: um estudo dos nomes de fazendas*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2006. Disponível em: http://www.qprocura.com.br/.../A-toponímia-sul_mato_grossense:-um-estudo-dos-nomes-de-fazendas.html. Acesso em: 28 de abril de 2010.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus; ANTUNES, Alessandra Martins. “Princípios teóricos de toponímia e antroponímia: a questão do nome próprio”. *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xicnlf/2/09.htm>. Acesso em: 10 de julho de 2011.

CARVALINHOS, Patrícia de Jesus. Estudos de Onomástica em Língua Portuguesa no Brasil: perspectivas para a inserção mundial. In: Maria Célia Lima-Hernandes; Maria João Marçal; Guaraciaba Micheletti; Vima Lia de Rossi Martin. (Org.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade- A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol II. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2008.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. Imigração italiana e história: tendências historiográficas no Rio Grande do Sul. In: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto. *Imigração e cultura*. Caxias do Sul, RS: Educus, 2007.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2ª Ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Paris : Delagrave, 1947.

DE FELICE, Emidio. *Dizionario dei cognomi italiani*. Milano: Mondadori, 1987.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil - coletânea de estudos*. 3ª ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990a.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990b.

_____. *Toponímia e Línguas Indígenas do Brasil. Estud. av.* [online]. 1994, vol.8, n.22, pp. 435-436. ISSN 0103-4014.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000300059>. Acessado em 23 de junho de 2010.

_____. *A Dinâmica dos Nomes na Cidade de São Paulo 1554-1897*. São Paulo: Anablume, 1996.

_____. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana M. P. P.; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

DURANTI, Alessandro. *Linguistic anthropology*. Cambridge: CAMBRIDGE University Press, 2003.

FARIA Vanessa; NASCIMENTO, Ana Maria do; NASCIMENTO, Yara Cândida do, *A memória social na micro-toponímia de Pontes e Lacerda – MT*. Disponível em: http://www.pucsp.br/revistacordis/downloads/numero1/artigos/5_memoria_social.pdf. Acesso em 23 junho de 2009.

FERREIRA, Lucia M. A. e ORRICO, Evelyn G. D. (orgs.) *Linguagem, identidade e memória social*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FISHMAN, Joshua A. *La sociología del linguaggio*. Roma: Officina, 1975. 305p.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004

FRANCIPANE, Michele. *Dizionario Ragionato dei Cognomi Italiani*. Milano: RCS, 2007.

FROSI, Vitalina Maria. *Os logradouros de Caxias do Sul: seus nomes, suas interconexões*. Texto apresentado no II SIMELP, em 06 de outubro de 2009. Évora, Portugal, 2009.

_____. *Os hodônimos de uma praça: suas interfaces, seus significados*. Anais - VI Congresso Internacional da Abralín / Dermeval da Hora (org.). - João Pessoa: Ideia, 2009.

_____. Bilingüismo, identidade étnica e atitudes linguísticas. CD Congresso Internacional Linguagem e Interação. São Leopoldo, RS: UNISINOS; CNPq; FAPERGS; CAPES, 2005.

_____. Nomi italiani per strade e piazze brasiliane. In: MARCATO, Gianna. *Dialetto, Uso, Funzioni, Form*. Padova: unipress, 2008, p. 341-346.

_____. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, Mario (Org.) *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

_____. Os hodônimos de Caxias do Sul. In: CALVO, Cesário et alii. *Tendências actuais de la filologia românica*. Valência, Generalitat Valenciana, 2010, p. 370-371.

FROSI, Vitalina Maria e MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul; processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. 2ª ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

FROSI, Vitalina Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani; FAGGION, Carmen Maria. Topônimos na RCI: resgate da identidade cultural. In: MAGALHÃES, José Sueli;

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (orgs.). *Múltiplas perspectivas em linguística*. Uberlândia: Edufu, 2008a, p. 3017-3029.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. Profissões na denominação de ruas do município de Caxias do Sul: homenagem aos construtores da riqueza da RCI. In: *A Língua Portuguesa no Mundo*. São Paulo: JCN Mídia Digital, 2008. CD-ROM.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. Toponimi italiani in terra brasiliana. Roma: Società Editrice Romana, 2008. Separata de: CAFFARELLI, Enzo (a cura di). *Rivista Italiana di Onomastica – RION*, vol. XIV (2008), 2. Roma: Società Editrice Romana, 2008.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

GIRON, Loraine Slomp; NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do. *Caxias centenária*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: Ave Maria, 1973.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LUFT, Lya. O Poder das Palavras. *Revista Veja*, São Paulo, 14 de julho de 2004. Seção Ponto de vista.

MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade; história de Caxias do Sul – 1875/1950*. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

MAEDA, Raimunda Madalena Araújo. *A toponímia sul-mato-grossense: um estudo dos nomes de fazendas*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2006. Disponível em: [HTTP://www.qprocura.com.br/.../A-toponimia-sul_mato_grossense:-um-estudo-dos-nomes-de-fazendas.html](http://www.qprocura.com.br/.../A-toponimia-sul_mato_grossense:-um-estudo-dos-nomes-de-fazendas.html). Acesso em 28 de abril de 2010.

MEY, Jacob. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998.

MIGLIORINI, B. *Dal nome proprio al nome comune*. Ginevra; ristampa anastatica con un supplemento. Firenze, 1927.

NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do. *A formação urbana de Caxias do Sul*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2009

OLIVIERI, Dante. *Toponomastica veneta*. Venezia-Roma: Istituto per la collaborazione culturale, 1961.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de (org.). *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2003.

PLATT, Lucinda. Etnicidade. In: SCOTT, John (org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PELLEGRINI, Giovan Battista Pellegrini. *Toponomastica italiana; 10.000 nomi di città, paesi, frazioni, regioni, contrade, monti spiegati nella loro origine e storia*. 2. ed. Hoepli, 2008.

_____. *I nomi locali del Medio e Alto Cordevole*. Firenze, 1948.

_____. *I nomi locali del Trentino orientale*. Firenze, 1955.

_____. *Toponomastica italiana; 10.000 nomi di città, paesi, frazioni, regioni, contrade, monti spiegati nella loro origine e storia*. Milano, Hoepli, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imigrante na política riograndense. In: LANDO et al. *RS: Imigração & Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 156-194.

POZENATO, J. C. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, H. P. de M. *Filosofia: diálogos de horizontes*. Caxias do Sul: EducS, 2001.

_____. *A Babilônia*. Caxias do Sul: Editora Maneco, 2006.

QUEIRAZZA, Giuliano Gasca; MARCATO, Carla; PELLEGRINI, Giovan Battista; SICARDI, Giulia Petracco; ROSSEBASTIANO, Alda. *Dizionario di toponomastica: storia e significato dei nomi geografici italiani*. Torino: UTET, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil; FERREIRA, Dina Maria Martins (Orgs.). *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Mackenzie, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998.

RELA, Eliana. *Nossa fé nossa vitória; igreja católica, maçonaria e poder político na formação de Caxias do Sul*. Caxias do Sul: EducS, 2004.

REMOTI, Francesco. *Contro l'identità*. Bari: Laterza, 2008.

ROSA, J. Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986 p.32

ROSSEBASTIANO, Alda; PAPA, Elena. *I nomi di persona in Itália; dizionario storico ed etimologico*. Vol. I e II. Torino: UTET, 2005.

SABBATINI, Mario. *La Regione di Colonizzazione Italiana. Estratto*. Firenze: Editora Cultura Cooperative, 1975.

SANTOS, M. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUSA, Alexandre Melo de. Aplicação dos estudos toponímicos no Ensino Fundamental e Médio: propostas teórico-didáticas. Publicado no Recanto das Letras em 04/12/2007. Código do texto: T764150. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/764150>. Acesso em 27 de setembro de 2009.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Opúsculos Volume II Onomatologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria- RS*. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2006.

Fontes primárias manuscritas

Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

Arquivos de Atos e Leis da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul.

Livro de Actos da Intendência: 1897/1929.

Fontes secundárias/Jornais e Periódicos

A Época. (Circulou entre 1938 e 1958).

Boletim Eberle (Circulou entre 1956 a 1965).

O Momento (Circulou em Caxias entre 1933 e 1951).

Anexo A
Jornal *O Momento* de 08 de maio de 1939

O MOMENTO

Jornal independente de grande circulação no Nordeste do Estado

Gerente-Proprietario: Emilio Fonini

Director: ALEXANDRE RAMOS — Colaboradores: DIVERSOS — Secretario da Redação: NEY PINHEIRO MACHADO

ANO VII

N.º 322

Rio Grande do Sul — Caxias, 8 de Maio de 1939

Redação: Rua Simbú, N. 1907

Exemplo de Brasilidade

De ha muito identificado com o Estado Novo, desde seu advento, este jornal tem defendido e propagado os postulados da nova ordem de coisas sabiamente inauguradas a 10 de Novembro de 1937 e o tem feito de viseira erguida, combatendo a mais leve hostil manifestação ao regime vigente que nada mais é si não uma consequencia logica dos acontecimentos e visa corrigir os erros do passado, redimindo e rehabilitando o Paiz.

O nosso povo, de um modo geral, bem compreendendo a necessidade de fazer côro com o ambiente verdadeira mente nacionalista que se está formando em toda parte, por todos os recantos do Estado e do Paiz, vem prestigiando cada vez mais a ação verdadeiramente nacionalista do presidente Getúlio Vargas, seriamente empenhado na grande obra da reconstrução material e moral do Brasil.

Caxias, a nossa terra, honrando o nome do seu patrono, não tem escapado a regra. Com indivisivel satisfação frisamos que os caxienses, despresando isoladas opiniões estrangeiradas, tem oferecido, sempre que necessario, comoventes demonstrações de civismo como aconteceu por ocasião do dia consagrado á Patria, ao pé do magestoso altar levantado á praça Dante Alighieri, logradouro que, em breve, si Deus quizer, passará a denominar-se Praça Duque de Caxias, nome do patrono da cidade e da maior gloria militar Brasileira.

Essa mudança, por certo, partirá do atual governo municipal. por isso que, num edificante exemplo de civismo e de brasilidade, acaba de substituir nomes de ruas estrangeiras por nomes de brasileiros illustres.

O gesto do governo do municipio conquistou nossos aplausos que são os aplausos daqueles que sabem fazer justiça sem preocupações de ordem subalterna.

O ato prefetural n. 85 de 2 do corrente, é bom a demonstração inequivoca da existência do sentimento brasileiro que acaba de reintegrar a comuna municipal na comunhão nacional.

Palmilhando tão salutar estrada de civismo nenhum brasileiro negará apoio á obra nacionalisadora pôsta em pratica pelo edil caxiense.

Para nós — genuinos brasileiros — é motivo de justo orgulho o evidenciarmos que, tais propositos, por certo sinceros e desinteressados, par-

tiram justamente do chefe de uma comuna tradicionalmente tida e reconhecida como perrola das colonias italianas, ficando patenteado, com tal aitude, que, acima dos titulos da nobreza italiana conferidos ao nosso edil, pairam os seus sentimentos civicos.

Cinco ruas da nossa cidade tiveram seus nomes substituidos por nomes nacionais como o são os de Olavo Bilac, Machado de Assis, Castro Alves, José do Patrocínio e coronel Camisão, os quais fizeram desaparecer, respectivamente, as ruas Veneza, Treviso, Vicenza, Trento e General Cadorna.

Os autenticos nacionais que aqui vivem, que aqui trabalham, que aqui estão identificados com os seus demais patriotas e perfeitamente integrados nos direitos que lhes são conferidos pelo Art. 33, numeros 1 e 2 do Decreto Lei n. 1.202 de 8 de Abril p. passado, aplaudem e felicitam o governo do municipio por tão oportuno gesto de patriotismo e edificante exemplo de brasilidade.

Tiro de Guerra 248

Esta benemerita associação, que relevantes serviços tem prestado a Caxias, formando anualmente grandes turmas de reservistas do nosso exercito, teve este ano os seus esforços compensados com a preferencia de 102 candidatos que pediram matricula nesse tiro.

Só de Galopolis vieram 43 candidatos todos empregados na Fabrica de Tecidos daquela localidade.

O Tiro de Guerra, resolveu montar dois postos de instrução: um em Anna Reck e outro em Galopolis, fazendo jús assim a boa vontade da população daquelas localidades, que muito contribuíram para o aumento do coeficiente de candidatos a reservistas.

Perdeu-se

Avisamos aos nossos distintos leitores e demais pessoas que deste tiveram conhecimento, que no trajeto entre a Praça Dante e os Correios e Telegrafos, foi perdido um certificado de reservista do sr. Alcides Almeida, comerciante, estabelecido n/ praça. Gratifica-se nesta redação a quem o encontrar.

Leia e assinie

“O MOMENTO”

PROCESSO LUIZ LETTI "Indio do Brasil"

Condenado a 24 anos de prisão apelou da sentença

A OPINIÃO DO TRIBUNAL DE APELAÇÃO SOBRE O RUIDOSO CASO

Em 1935, em Nova Trento, Luiz Letti se achava dormindo em um paíol no interior da propriedade rural do colono João Menegon quando, este, constatao a presença ali de um cavalo ensilhado e julgando tratar-se de ladrões, volveu a então vila de Nova Trento, isso ás 9 horas da noite, dando ao sub-prefeito Angelo Fontana conhecimento do caso e manifestando as desconfianças que tinha sobre aquele encontro.

Fontana, ás 10 horas da noite, forma uma canôa policial e se dirige para o local em companhia do colono. Em caminho, Menegon adverte a autoridade sob a possibilidade de algum conhecido ou necessitado que all quizesse pernoitar. Si tal se verificasse, pôderia a autoridade permitir.

Chegados ao local foi desde logo reconhecido tratar-se da pessoa de Luiz Letti, vastamente relacionado naquela localidade onde era açougueiro.

O sub-prefeito chamando-o pelo nome, insistiu para que Letti saísse do paíol, ao que este respondeu que all desejava pernoitar e que na manhã, seguinte se apresentaria a autoridade. Nova insistencia, e, a seguir, um forte tiroelco com repetidas descargas sobre o paíol, a ordem da referida autoridade.

Cessado o tiroelco ficou apurado horas depois, que o sub-prefeito Angelo Fontana fora morto e Luiz Letti gravemente ferido, na cabeça, por um balazio.

Assim relatou o facto a unica testemunha de vista João Menegon, declarações que foram confirmadas pelo depoimento da propria escolta, composta do cabo da Brigada Militar Jorge de Almeida e dos inspectores municipais Manoel da Silva Pires, os quais chegaram a confessar que exgozaram toda a munição retornando á vila para se remuniçarem e comunicar o ocorrido ao então delegado de policia sr. Heitor Curra.

Decretada a prisão preventiva de Luiz Letti, pelo então dr. juiz de direito desta comarca, correu o processo seus tramites legais, e, após o encerramento da formação da culpa, o dr. Eurico Leão Lustoza, condenou o réo a 30 anos de prisão celular, tendo sido

o réo remetido para a Casa de Correção.

Não se conformando com tal sentença, Luiz Letti por intermedio de seu defensor, apelou da sentença para o Tribunal Superior, o qual, dando provimento a apelação, assim se manifestou:

A OPINIÃO DO SUPERIOR TRIBUNAL

«Acordam, em C. Cri., por votação unanime:

a) não tomar conhecimento das razões de apelação e documentos que a instruem, visto terem sido apresentadas fora de prazo;

b) anular o processo ab initio com as ressalvas legais;

c) e mandar se instaure nova ação contra o apelante Luiz Letti, incluindo se na denuncia tambem Jorge de Almeida, Manoel Romualdo Pires e Manoel da Silva Pires, componentes da escolta sob o comando da vítima Angelo Fontana, sub delegado e sub-prefeito do 1. distrito de Nova Trento.

Ocorreu que, nas mesmas circunstancias de tempo e lugar e perante as mesmas testemunhas, foi morto Angelo Fontana e saiu ferido Luiz Letti.

Dada a colocação dos componentes da escolta e da ordem de fogo, houve confusão de tiros (fls. 93,121), desfechando ela, conforme confessa e declara, varias vezes as suas armas (fls. 9v.10,94,113v.).

Urge apurar a responsabilidade positiva ou negativa de cada um em ação, onde haja unidade de processo e julgamento, ut Arts. 28 e 29 do Cod. P. P.

Esse foi o Acordam do Superior Tribunal do Estado que julgou o processo de Luiz Letti.

Cumprindo as determinações de ordem legal expressas nos Acordam, o réo Luiz Letti foi recambiado da Casa de Correção para a cadeia de Flores da Cunha onde se encontra e o processo renovado mediante nova denuncia apresentada pelo dr. promotor publico da comarca na qual foram tambem denunciados os membros componentes da escolta, os

Afim de evitar-se errôneas e precipitadas interpretações, a direção deste jornal previne a quem interessar que o pseudonimo «Indio do Brasil» é de um colaborador residente nesta cidade e que, a nota publicada em uma das nossas edições, em tôrno da ex direção do Colegio Elementar de Flores da Cunha, nada tem que ver e nem atinge pessoa alguma residente naquela localidade, isso com referencia a autoria da referida nota.

O curioso ou curiosa que desejar saber quem é «Indio do Brasil» recorra aos meios legais e ficará sabendo quem é o patriota Indio.

quais, de testemunha que foram no processo anulado, passaram a co-réos do novo processo.

Renovada a prova e a formação da culpa, arrazoaram as partes, subindo por fim os autos a conclusão do dr. Eduardo Caravantes, Juiz de Direito, cujo magistrado, em longa sentença, vem de condenar o réo Luiz Letti a 24 anos de prisão celular, absolvendo as praças denunciadas, ou seja, os componentes da escolta.

Luiz Letti, porém, não se conformando com a sentença supra, dêla apelou, sexta-feira ultima, por intermedio de seu defensor advogado Alexandre Rames, para o Tribunal de Apelação do Estado a quem compete, mais uma vez, se pronunciar sobre tão ruidoso caso.

De Farroupilha

Estiveram nesta cidade, a serviço de suas profissões, os advogados dr. Armando Antonello, Amaro Joaquim Rodrigues e o sr. Odilon Pratti, escrivão do Cível e Crime, Júri e Execuções Criminais.

Tudo de grandioso que se fez, no mundo, foi realizado sob o impulso do dever. Tudo de miseravel que se fez, o foi sob o estimulo do interesse.

CONVITES D'ENTERRO

Prontificam-se com a maxima brevidade nesta tipografia.

Edição de hoje — 6 paginas

Anexo B
Jornal *A Época* de 20 de agosto de 1939

A Época

Jornal da Mocidade em Pról das Aspirações Colectivas

Director: João Brusa Netto — Gerente: S. Alessandrini

Preço 200 rs. — CAXIA (Sul) 20 de Agosto de 1939 — Ano I - N.º 47

SEMANA DA PATRIA PREFEITURA MUNICIPAL

Pelos preparativos que vêm sendo tomados, é de prever-se que as comemorações da «Semana da Pátria» deste ano, terão um desenrolar brilhantíssimo.

Ponto culminante do programa será, sem dúvida, a parada «monstro» que se realizará no dia 7, no qual deverão tomar parte segundo os cálculos ponderadamente feitos, para mais de 8 mil pessoas.

Formarão uma grande parada a tropa da do 9.º B. C.; Cia de Quadros anexa ao mesmo; Tiro de Guerra Local; Tiro de Guerra dos municípios vizinhos, mais ou menos em numero de oito; Ginásios, Escolas, Grupos Escolares, etc.; as classes proletárias; estabelecimentos fabris e comerciais; entidades esportivas recreativas e culturais funcionalmente publico.

Como do ano anterior o Altar da Pátria será erguido à Praça Dante.

As sociedades caxienses oferecerão, ao Comandante e Oficialidade do 9.º Batalhão de Caçadores, um grandioso Banquete de Gala nos salões do Clube Juvenil.

EM ANA RECH

Também será comemorada condignamente a Semana da Pátria — sob o patrocínio da Sociedade Civico-Militar «General Osório», daquela localidade.

Para o dia 3, foi elaborado um vastíssimo programa, devendo comparecer aos festejos comemorativos as autoridades civis, militares e eclesiásticas do município, e outras pessoas especialmente convidadas.



Crédito Agrícola

Sobre este importante problema, publicaremos em nossa próxima edição, uma entrevista que nos foi concedida pelo sr. Ademar Teixeira, gerente local do Banco do Brasil.



Prefeitura de Caxias

— AVISO —

Calçadas, Cordões e Sargefas

Pela terceira vez, torna-se publico que todos os predios e terrenos compreendidos na zona já demarcada pela Prefeitura Municipal, que não tiverem calçada, cordão ou sargefa e muros de vedação ou cerca de conformidade com o Código Administrativo, serão lançados também no 2.º semestre do corrente exercicio, com o acrescimo de 20%, si taes melhoramentos não estiverem concluidos até 15 de Outubro proximo.

Chama-se a atenção para o Edital que está sendo distribuido pela Diretoria de Obras, sobre a materia.

Prefeitura de Caxias, em 1.º de Agosto de 1939.

J. A. MATTANA
Diretor de Obras

O Calçamento da Cidade

Publicamos nas edições anteriores, uma relação das quotas do calçamento da cidade, já pagas á Prefeitura local.

Continuamos agora, a relação, dando os nomes dos que pagaram por inteiro, nesta ultima semana, a parte que lhes coube na pavimentação.

Associação Damas de Caridade 19:579\$000
João Baptista Serafini..... 5:665\$200
Ottoni Minghelli (2.º parte)..... 2:200\$300
Herdeiros de Carlos Fedrizzi..... 1:799\$000

DECRETO N.º 96

DE 19 DE AGOSTO DE 1939

Dá numeração e denominação a diversas ruas e quadras desta cidade.

DANTE MARCUCCI, Prefeito Municipal de Caxias, Estado do Rio Grande do Sul, no uso das suas atribuições legais,

considerando que existem, ao Sul da quadra quarenta e quatro desta cidade, uma gleba de terra óra dividida em quadras e em lotes, sem denominação;

considerando que naquele local está sendo construido imponente edificio destinado ao Grupo Escolar «Emílio Meyer», o qual virá cooperar para maior desenvolvimento da mesma zona;

considerando que as ruas e quadras objecto deste acto estão dentro do perimetro urbano da cidade;

considerando que honrar os nomes dos grandes brasileiros, além de obra nacionalizadora, é educar as gerações ao culto dos que souberam, pelo seu patriotismo, intelligencia e bravura, elevar a Pátria Brasileira,

RESOLVE

Art. 1.º — A quadra 44 fica com seu numero de lotes augmentado, passando de 10 para 33.

Art. 2.º — As duas quadras que ficam ao Sul da quadra 44 e que fazem frente para a mencionada quadra, tomarão: o n.º 157 a que tem sua face Oeste para a rua Vereador Mario Pezzi, e n.º 158 a que tem sua face Oeste para a rua 13 de Maio.

Art. 3.º — As quadras que ficam ao Sul da quadra 157, uma tomará o n.º 159 e tem a sua face Oeste para a rua Vereador Mario Pezzi; e a outra tomará o n.º 160, tendo a face Leste para a rua 13 de Maio.

Art. 4.º — A quadra que fica ao Sul da quadra 160 tomará o n.º 161, ficando com sua face Leste para a rua 13 de Maio.

Art. 5.º — A rua que partindo da rua Vereador Mario Pezzi, vai até a rua 13 de Maio, tendo ao Norte a quadra 44 e ao Sul as quadras 157 e 158, denominar-se-á RUA SANTOS DUMONT.

Art. 6.º — A rua que partindo da rua Vereador Mario Pezzi, vai até a rua 13 de Maio, tendo ao Norte as quadras 157 e 158, denominar-se-á RUA HUMAITÁ.

Art. 7.º — A rua que partindo da rua Vereador Mario Pezzi, vai até a rua 13 de Maio e que fica ao Sul das

“Caxias Constitue Hoje um Padrão de Civismo para Todo o Paiz”

Expressivo Despacho do dr. Coelho de Souza ao Prefeito dr. Dante Marcucci

O dr. Dante Marcucci, prefeito municipal, recebeu, hontem, o seguinte despacho fonografico do dr. Coelho de Souza, secretario da Educação a proposito do lançamento da pedra fundamental do edificio destinado ao Grupo Escolar Emílio Meyer, no Bairro Guarani desta cidade:

«Dr. Dante Marcucci Caxias

Autorizo o illustre amigo a incluir no programa das comemorações da Semana da Pátria o lançamento da pedra fundamental do edificio escolar Bairro Guarani.

Infelizmente occupações de toda natureza, impedem-me de viajar nessa occasião para a linda cidade, correspondendo o seu desejo de transformar o inicio dessa construção em uma manifestação da brasilidade de toda a colonia italiana.

Mas esse espirito nacionalista está bem evidenciado. Caxias, graças á sua patriótica acção governamental, e toda a região colonial italiana, graças a orientação do eminente d. José Barça, que se antecipou ás proprias leis de nacionalização, constituem hoje um padrão de civismo para todo a paiz.

Saudações cordiaes
(as.) COELHO DE SOUZA
Secretario da Educação

Homenagem a Rodolfo Rossarola

Patrocinada Pelo Governo Municipal, Associação dos Comerciantes e Classe Bancaria

Consoante haviamos antecipado, o sr. Rodolfo Rossarola, gerente da filial do Banco do Rio Grande do Sul, nesta cidade, ha pouco transferido para o mesmo estabelecimento bancario de Cachoeira, será alvo de uma significativa demonstração de apreço e estima por parte de um grupo de amigos, a qual realizará sob o patrocínio do governo municipal, Associação dos Comerciantes e classe bancaria.

Constará a mesma de um banquete a ter lugar amanhã, ás 19 horas, no clube Juvenil.

Saudará o homenageado o prefeito dr. Dante Marcucci, respondendo o sr. Rodolfo Rossarola.

A lista de adesões permanecerá aberta até segunda-feira ao meio-dia, na sede da Associação dos Comerciantes.

Centro Tobias Barreto

O Centro Cultural Tobias Barreto de Menezes, realizom, na noite de quinta-feira ultima, dia 17, em sua sede social, uma concorrida reunião de Assembléa geral, para a eleição de sua nova Diretoria, para o exercicio de 39/40, a qual ficou assim constituída:

Presidente — sr. Percif de Abreu e Lima (reeleito); 1.º Vice — ten. Jacinto M. Godói; 2.º Vice — sta. Rosalba Hipolitto; 1.º secretario — sr. Décio Viana; 2.º secretario — Ari Alessandrini; 1.º tesoureiro — sr. Alcides Furlan; 2.º tesoureiro — Nilo Ugaretti; 1.º bibliotecario — Ivanés Lisboa; 2.º bibliotecario — Antonio Crivello.

Essa diretoria será solenemente empossada no proximo dia 26, data do 2.º aniversario de fundação do Centro.

Pelo Capitão Walter da Silva Torres, do 9.º B. C., será realizada na sede do Centro, na próxima sexta-feira, «Dia do Soldado», uma importante conferencia, versando sobre o tema a Historia Militar Brasileira.

Dado as invulgaras qualidades e perfeitos conhecimentos do conferencista e propriedade do assunto, a conferencia está sendo aguardada com grande interesse nos meios estudiosos de nossa cidade.

A Diretoria do Centro, por nosso intermédio, convida a todos os seus associados e povo em geral, para comparecerem á conferencia do dia 25 e á sessão solene de empossamento da nova Diretoria, do dia 26

quadras 159 e 161, denominar-se-á RUA VISCONDE MAUÁ.

Art. 8.º — A rua que, partindo da rua Visconde Mauá, vai á rua Santos Dumont, e que tem a Oeste as quadras n.ºs 157 e 159 e a Leste as quadras n.ºs 158, 160 e 161, denominar-se-á RUA DOS FARRAPOS.

Art. 10.º — Este decreto

entra em vigor na data da sua publicação.

Art. 11.º Revogam-se as disposições em contrario.

Registre-se, publique-se e cumpra-se.

Prefeitura Municipal de Caxias, em 19 de Agosto de 1939.

Dante Marcucci
Prefeito Municipal

Anexo C
Jornal *A Época* de 23 de agosto de 1942

„Os quinta-colunistas são traidores e devem ser exterminados com as armas a nosso alcance: a bofetadas, a pauladas ou a pedradas!“

(Do discurso do Gen. Valentim Benício, no Tiro de Guerra n. 248, em Caxias)



Ano IV — N.º 196

CAXIAS (Sul), 23 de Agosto de 1942

Director: **Jodo Brussa Netto**
(Licenciado)

Gerente: **A. Lima**
Director: **Dr. J. J. J. J.**

Jornal da Mocidade em Pro das Aspirações Colectivas

Visitou Caxias o Gen. Valentim Benício

Esteve nesta cidade, conforme tivemos ocasião de noticiar, o general Valentim Benício da Silva, Comandante da 3.ª Região Militar.

O ilustre soldado aqui permaneceu sabado, domingo e segunda-feira últimos, recebendo varias honraçemas.

Alem da visita ao 9.º B. C., que foi o objectivo principal de sua viagem, S. Excia. visitou o quartel do Tiro de Guerra n.º 248.

No Quartel do 9.º, finda a sua inspecção, almoçou em companhia da officialidade do Btl., sendo saudado pelo Cel. Alcindo Nunes de Pereira, Comandante da Unidade, o qual produziu um magnifico discurso. O General respondeu, agradecendo o empolgante discurso, tendo occasião de dizer aos recrutas presentes, entre mais, o seguinte: «Como general e como Comandante da 3.ª Região Militar, eu vos aconselho, reservistas do Brasil, a tratardes os Quinta-Colunistas de accordo com o que elles são: TRAI-DORES.»

E os traidores devem ser exterminados com as armas a vosso alcance, impiedosamente, a bofetadas, a pauladas e a pedradas! Estas palavras do Comandante da 3.ª Região Militar foram consagradas por calorosos applausos.

A noite, no Teatro Guarani, foi realisada uma sessão civica em sua homenagem. S. Excia. foi saudado pelos Drs. Olimiro de Azevedo e Perci de Abreu Lima. Agradecendo a homenagem, viramente emocionado pela noticia, entao conhecida, do afundamento criminoso de mais cinco navios da nossa Pátria, o Comandante da 3.ª Região Militar produziu brilhante improviso, verberando a Italia de Mussolini que disse, «todos os brasileiros devem repudiá-lo, admirando a velha Italia de Mazzini e de Cipião, hoje oprimida e escravizada.»

Essa sessão reuniu um numero publico e foi encerrada depois de cantado o Hino Nacional, por entre palmas e vivas. As principais figuras da nossa Pátria, entre as quais o Gen. Benício, Cordero de Farias, Getulio Vargas, Oswaldo Aranha e Manoel Rabello.

Segunda-feira, ao meio-dia, o Gen. Benício foi homenageado com um sonhoso banquete, oferecido pelo Prefeito, ao qual estiveram presentes as autoridades e figuras representativas da cidade.

Fez o oferecimento, em belo discurso, o Prefeito, dr. Dante Maruccci, agradecendo ainda uma vez o homenagem.

A tarde, o comandante da 3.ª Região Militar retornou á Capital do Estado, levando boa impressão de Caxias, seu povo e seu batalhão, segundo externou.

A População Caxiense Reunida num Comicio de Proporções Gigantescas

O Brasil inteiro foi tomado de mais justa indignação, ante o vandálico atentado dos submarinos assassinos do Eixo, que, mais uma vez, desprezando os mais rudimentares principios de humanidade, afundaram mais cinco indefesas unidades de nossa Marinha Mercante, nas proprias costas do Brasil, matando varias centenas de brasileiros.

E, desta vez, nem sequer podiam apresentar a desculpa de que nossos navios navegavam para os Estados Unidos. E nem mesmo que estivessem exercendo quaisquer serviços ás Nações Unidas, pois tratava-se de navios-passageiros, carregados de soldados, mulheres e crianças.

O ato nefando, como diziamos, revoltou a todos os brasileiros, excepção de meia-duzia de traidores que, a soldo do inimigo, com o coração voltado para outras Pátrias, estão prontos a vender a nossa soberania!

Caxias viveu tambem as suas horas de indignação e de revolta. A tarde e noite de 18, quando o fato foi conhecido, não permitiram qualquer manifestação devido ao mau tempo reinante. Mas, já pelo meio dia de 19, espontaneamente, sem coordenação de qualquer poder publico ou mesmo da Liga de D. Nacional, o povo começou a rumar para a Praça Rui Barbosa. Elementos pertencente á Liga, depois de avisar as autoridades, começaram a soltar foguetes, reunindo-se, pelas 15.30, uma verdadeira massa popular.

Um dos populares convidou o povo a ir ao Hotel Mimosa, convidar o Cel. Nunes Pereira, Com. do 9.º B. C. a tomar parte na manifestação. Ali com ss. estava tambem o dr. Dante Maruccci, Prefeito da Comuna,

que igualmente se associou ás comicio.

Em seguida, a massa humana, puxada pela banda do 9.º B. C. rumou para a frente da redacção da «A EPOCA» onde foram entregues ao povo duas bandeiras, do Brasil e Estados Unidos, bem como varios cartazes. Nessa occasião, a massa popular começava as aclamações aos nomes queridos do povo, bem como os «morras» ao Eixo e seus símbolos. Ainda em frente á nossa redacção produziu um improviso o nosso companheiro Ay Lima.

Dali o povo seguiu para a frente da Succursal do Diario, onde falou o sr. Henrique Clarenci, em nome daquele jornal. Entre crescente entusiasmo o povo seguiu para a frente do edificio dos Correios, onde falou o dr. Caravantes, Juiz de Direito, que mereceu fortes applausos. Em seguida, o povo refestou em frente ás officinas do «O Momento», falando o nosso collega Duminiense P. Antunes. Na frente do edificio do Forum, usou da palavra o dr. Belduino D'Arrigo, promotor Publico.

Depois dessa pequena passeata, o povo rumou para o largo fronteiro aos cafés, na Praça Ruy Barbosa, onde havia sido colocada, no meio da rua, uma tribuna. Aclamados, produziram brilhantes improvisos, nesse local, merecendo applausos, o Cel. Alcindo Nunes Pereira, Dr. Dante Maruccci, dr. Ari Zatti Oliva, dr. Perci de Abreu Lima, cap. Mario Fonseca e sr. Mario Douglas Cabral.

Em meio do discurso do Prefeito, dr. Dante Maruccci, ss. recebeu calorosos applausos quando declarou que «a partir da-

que momento renegava ao governo italiano, livrando seu modesto lar de semelhantes execrecções».

Essa declaração do dr. Prefeito foi calorosamente aplaudida pela multidão, que deu vivas ás figuras aliadas e morras a Hitler, Mussolini, Alemanha, Italia e Japão.

O ultimo dos oradores, antes mencionado, convidou o povo a fazer nova passeata, a qual seguiu pela avenida Julio de Castilhos, até a Garage Modelo.

Nessa esquina, das escadarias da residencia do dr. Spinato, falou um operario, fartamente aplaudido.

Voltando pela rua Simbú, os manifestantes se detiveram na frente da Sociedade Operaria, de cujas sacadas falaram os srs. Armando Azevedo e Cardoso Alves.

Dei o povo rumou para o Centro, detendo-se em frente á Cathedral. Das escadarias, falaram os des. Demetrio Niederauer e Cachapuz de Medeiros, a senhorinha Petronilha de Souza e o Cel. Nunes Pereira, este pedindo ao povo para que dispersasse, mantendo a mesma ordem até outro reinante.

Todos os oradores, particularmente a senhorinha Petronilha, que é aluna da Escola Complementar, mereceram fortes applausos.

Antes de executar a segunda passeata, ainda na Praça, o povo cantou o Hino Nacional, o que constituiu um espetaculo empolgante, em vista das proporções da multidão, então calculada em cerca de 6.000 pessoas.

Tais foram, em síntese, as manifestações levadas a efeito pelos caxienses, que viveram um dos seus memoraveis dias. A maioria do comercio e industria cerrou suas portas, facilitando que seus operarios compartilhassem daquelle prova de apêgo ao Brasil.

Clube Juvenil

Em nossa ultima edição tornamos conhecida do publico a sessão effectuada dia 22, no Clube Juvenil, quando a nova diretoria explicou o seu programa de acção.

Nessa sessão, o sr. Ademar Teixeira explicou os motivos que induziram seus companheiros de diretoria a acção de indicar aos respectivos nomes, para os cargos que viriam a desempenhar, e que deveriam ser escolhidos no seguinte principio: TRABALHAR PELO JUVENIL, MODIFICANDO O AMBIENTE DA SEDE PARA A ELA ATRAIR OS SOCIOS, COM AMPLIAÇÃO DAS REUNIOES SOCIAES.

Devido de tal programa, segundo fomos informados, se achá a transformação de algumas dependencias da sede social, criando-se um completo servico de bar, com café, varios jogos de salão, como xadrez, bilhar, damas, gô, nio, snooker, etc.

E' pensamento da nova diretoria proporcionar recursos para leitura e recreio, adaptando mobiliario proprio a tais finalidades, dotado do indispensavel conforto.

No que diz respeito á parte social, propriamente dita, temonham os atuais dirigentes realisar pelo menos uma reunião mensal, quer a titulo de baile, chá ou jantar dançante, além de algunos matines, especialmente indicadas aos jovens, socios ou fillos de socios.

Além de ser dado immediato inicio á execução do seu programa, foi sugerida a designação de varias comissões, dentre as quais deve ser destacada a

Expressivo Telegrama do General Benício ao Prefeito Municipal

O Comandante da 3.ª Região Militar, General Valentim Benício da Silva, após ter conhecimento das grandiosas manifestações de protesto levadas a effecto em Caxias, contra o Eixo, endereçou ao Prefeito Municipal o seguinte despacho:

Dr. Dante Maruccci, DD, Prefeito Municipal.

Pôrto Alegre n.º 248 — Peço transmitir ás autoridades e ao povo caxiense meu irrestrito applauso pelas manifestações civicas aí realizadas, com a mais louvavel ordem e culto espirito de brasilidade.

(ss.) Gen. V. Benício

que terá a incumbência de rever e estabelecer os estatutos do Clube. Muito pedessemos superior, portanto, do trabalho de actual diretoria, cujo programa, coadjuvado pela cooperação de todos os que se interessam de fato pelo progresso do Juvenil, virá por certo fazer resurgir o fausto dos accessos tempos dos nossos cafes, collocando as festas sociais de Caxias no mesmo patamar em que se encontram as suas demais actividades.

Expresso Tupi de Transportes Ltda.

Comunicação

O Expresso Tupi de Transportes Ltda. comunica aos seus amigos e clientes que transferiu sua sede da rua Visconde de Pelotas, para a Av. Julio de Castilhos n.º 1135.

Calçamento da Cidade

Publicamos nas edições anteriores, uma relação das quotas de calçamento da cidade, já pagas á Prefeitura. Continuamos, agora, a relação dos que efetuaram o respectivo pagamento, por inteiro, nestes últimos dias:

Bortolo Triches	6:316\$500
Zanella, Mello Limitada	3:031\$700
Vva. Clélia Manfro	3:022\$500

LANZ ALVES DE LIMA E SILVA DUQUE DE CAXIAS

A data de 25 de Agosto celebra o dia do nascimento de Lanz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias - um dos tantos individuos brilhantes que se destacaram na memoravel epoca da Guerra do Paraguai.

Bomem de Estado Caxias deu prova de ser profundamente estudioso do dia e do simbolo de P. d'Arcaçom.

C. no milhar, devida homenagem ao almirante para, com a finalidade que lhe foram confiadas, tendo-lhe sido entregue o comando das forças nas arrematadas de maior valor.



Prefeitura Municipal de Caxias

Decretos e Portarias

O Prefeito Municipal, de Dante Maruccci, através da Secretaria do Municipio, baixou as seguintes atos, devidamente alizados na Portaria da Municipalidade:

Decreto Individual

6.8.1942 — Nomeia o cidadão Evangelista Fonseca para o cargo de Fiscal do Serviço da Limpeza Publica Municipal.

Portarias

N.º 853 — Edith Rosa Pichi — concede licença para tratamento de saúde.

N.º 854 — Teodoro Rodrigues — concede férias regulamentares.

Anexo D
Jornal *A Época* de 24 de maio de 1942

Inauguradas Pela Liga de Defesa Nacional, Em Grande Comício-Cívico, as Novas Placas da Praça Rui Barbosa e Avenida Brasil

O mau tempo não a tudo impede. Si a uns, por indiferença ou comodismo, vendes a outros em nada lhes refere o entusiasmo e em circunstância alguma afasta dos ambientes em que se exalta o amor pela Pátria, pelos homens da nossa Terra, pelas causas justas da Humanidade. Sexta-feira à noite, o elemento tempo era péssimo; mas o elemento brasileiro era bom! E a manifestação de brasilidade promovida pelo Núcleo de Caxias da Liga de Defesa Nacional, antecipando as comemorações da Batalha de Tuyuti e para a inauguração de novas placas na Praça Rui Barbosa e Avenida Brasil, contou com o apoio e a participação ativa de milhares de brasileiros, que entusiasmadamente ergueram vibrantes vivas ao Brasil, às Américas, Getúlio Vargas, Gal. Cordeiro de Farias, Forças Armadas, e ainda a todos os países e governantes estrangeiros amigos.

É que o povo de Caxias, aquele povo que tom consciência dos dias que está vivendo e da grandiosa missão que lhe reserva a sua Pátria e o Mundo de amanhã, sente e vibra com os acontecimentos que envolvem a Humanidade e ainda com os acontecimentos que mais de perto dizem de nossa gente, como as constantes ameaças da tropa 5ª colmeia e as repetidas e não poucas infames agressões totalitárias, que em mar têm os olhos e em terra procuram nos aviltar, numa chula, mas não por isso menos perigosas,

Presentes Caravanas Representativas dos Núcleos de Bento Gonçalves, Garibaldi e Farroupilha

tentativa de nos escravizar à impotência mental e física. É desta vez, nós, de Caxias, tivemos a conungar conosco, do mesmo ideal de amor pela Pátria e da Liberdade, as populações amigas de B. Gonçalves, Farroupilha e Garibaldi, que aqui se fizeram representar pelas Diretorias dos seus Núcleos locais da Liga de Defesa Nacional.

Quando em princípio se pregava e se defende a união e coesão de nosso povo, certamente que nos chebe de ufanía, e vemos populações de cidadãos diferentes que se unem e juntas marcham para a frente, na certeza inefusável de um Brasil ainda maior, e de um povo grande, ativo, soberano e digno!

As forças do nosso povo não podem e não devem continuar dispersas. É preciso discipliná-las e levá-las para o terreno das causas positivas e concretas. O Brasil é um só, e um só terá que ser o povo. Aqueles que assim não o entendem, aqueles que negligenciam a gravidade dos acontecimentos que decorrem, possivelmente muito mais perigosos nos próximos meses, ainda colocam em primazia os seus comodismos pessoais ou não sacrificam um dos seus poucos hábitos diários, aqueles que, enfim, não têm alma e não têm sentimento, que

ficarem para um lado e que recebam o nosso desprezo, e os mais atrevidos, grandes ou pequenos, o nosso castigo.

Conforme fora previamente traçado, a grande passeata-cívica promovida pela Liga de Defesa Nacional teve início na Praça João Pessoa, ou melhor dizendo na esquina das Avenidas Brasil e Rio Branco, onde fora marcado o local da concentração do povo.

Aí, pelo dr. Dáturo Alves de Oliveira, um dos secretários do Núcleo local da Liga, foi iniciado o comício. O dr. Dáturo, prestou expressiva homenagem ao nosso Exército, na memoração do Hino Nacional, pela Banda de Música do 9º Batalhão de Caçadores, amavelmente posta à disposição da Liga pelo seu digno Comandante.

Dos assistentes, foi convidado um popular para afastar o Pavilhão Nacional que cobria a nova placa, sendo em seguida executado o Hino Nacional, pela Banda de Música do 9º Batalhão de Caçadores, amavelmente posta à disposição da Liga pelo seu digno Comandante.

Com vivas ao Brasil, e com a Banda de Música à frente, Bandeiras Nacionais e de todos os Países americanos, e mais de quarenta cartazes com dísticos patrióticos e de condenação ao "Eixo", seus chefes e capangas, a passateca deslocou-se para a Avenida Júlio de Castilhos, subindo até a Praça Rui Barbosa. Nesta, já com a presença de milhares de pessoas, os manifestantes concentraram-se na esquina do Beco do Rio G. do Sul, onde foi, como instantes antes, inaugurada nova placa, desta vez com o nome do grande brasileiro Rui Barbosa e para a nossa Praça principal.

Novamente foi convidado um homem do meio do povo para o ato inaugural e em seguida entoado o Hino Nacional.

Os populares foram os atos da inauguração das placas, que se não tomou cuidado de guardar os nomes dos dois cidadãos que, respectivamente, as descobriram. Aliás, aqui, convidamos esses dois patriotas a comparecerem à Secretaria da Liga de Defesa Nacional, nesta mesma redação, para declinarem os seus nomes, em razão de registros internos.

Da sacada da Associação Comercial, edifício do Clube Juvenil, falaram os demais oradores. O primeiro, foi o nosso companheiro João Brusa Netto, secretário-geral do Núcleo da Liga de Defesa Nacional, que fez rápida análise sobre a significação da substituição do Dama Alighieri por Rui Barbosa na designação da nossa Praça central, historiando, ainda, ligeiramente, das verdadeiras razões que haviam animado a Liga de Defesa Nacional a surgir e a eleger tal condado. O povo e arrastou em comício público a antiga placa com o nome do poeta florentino.

Na tribuna seguinte, o dr. Júlio Machado, secretário-geral do Núcleo de Bento Gonçalves, orador inflamado e de longo fôlego, arrancou grandes aplausos da assistência.

Outro representante de Bento Gonçalves, continuou com a palavra, dr. J. O. Magalhães, Acaçorrijante, nos 50 colunas malcomunados, com os inimigos, dos quais fazem o jogo e para os quais facilitam o roubo e o crime. Como o seu companheiro que o precedeu, foi grandemente aplaudido.

Num verdadeiro libelo contra os integralistas que ainda se não definiram de público diante da situação do Brasil perante o mundo, falou o advogado Alexandre Ramos, I. O. secretário do Núcleo e Diretor do nosso colega "O Momento". Esse companheiro de Liga, "abafou", recebendo calorosa ovação.

O orador seguinte foi o dr. Aselmo Azevedo, presidente do Núcleo de Farroupilha. Num discurso rápido, s. s. condenou violentamente a trindade do "Eixo", não lhe regateando palmas o público. Preferindo uma oração vibrante, na qual exaltou o espírito de cordialidade e fraternidade das populações das nossas cidades, falou o dr. Fábio Martins de Souza, presidente do Núcleo de Garibaldi. Esse nosso companheiro e amigo enalteceu, ainda em palavras candentes de patriotismo, o sentimento de brasilidade que nesta hora a todos os homens de bem domina,

sendo fortemente ovacionado. De Garibaldi, também foi o orador que se seguiu na tribuna: Cap. Domingos Pereira, que não titubou em afirmar a "política imperialista" e miserável e contar a história em todos os póvos, questão em luta contra o barbarismo totalitário, sendo aplaudido.

Por último, e do meio da rua falou o dr. Perce de Abreu Lima, que fez mais uma das suas distintíssimas orações atacando rudemente ao que devia atacar e aplaudindo calorosamente ao patriotismo do nosso povo. Perce de Abreu Lima, como sempre que fala, foi aplaudidíssimo, mesmo porque não recebeu ouizer nenhuma tantas verdades, rudes mas necessárias, aos nossos "muitos" amigos oixistas que não perdem oportunidade e nem vacilam ante qualquer cilada para intrigar e procurar deprimir aqueles que lutam e se batem por uma vida que não aquela que eles, moral ou materialmente vendidos ao estrangeirismo, nos dariam de bom grado.

Pelo sur, João Brusa Netto, que ainda representava ao dr. Olívio de Azevedo, ausente por motivos de força maior, foi encorajado o comício, tendo antes agradecido a presença do público e de modo especial a presença das caravanas de Garibaldi, Farroupilha e Bento Gonçalves, que nos honraram e contribuíram brilhantemente para maior êxito do nosso comício.

Cartazes
Quasi uma meia centena de cartazes, eram empunhados pelos manifestantes. Nêles, liam-se expressões como estas: "Viva a Liberdade", "Morrer os Traidores", "Viva Getúlio Vargas", "Ovaldo Assis", "Gal. Cordeiro de Farias", "Ten. Cel. Anílio Pys", "Vivamos nossas Forças Armadas", "Fora com os Integralistas", "Somos e seremos Livres", "Abaixo a Canallha Ferozista", "Abaixo o Integralismo Nazista", "Abaixo os Inimigos do Mikado", "Viva o Brasil", "Viva a União das Américas", "Viva a Democracia", etc.

Dois faixas suspensas sobre as ruas tinha estas orações: "Amizade a vida do boi, na caça" — "Seja fascista!", "Queres a tua liberdade, a soberania da tua Pátria, a honra da tua família? — Seja Democrata!"

O que se destacava, ainda, era um cartaz-charho de 4 x 1,50 metros, apresentando caricaturas de Hitler, Hiroito, Mussolini e Pímo Selgado, este com uma garrafa de baixo do braço, com a legenda "Os Molwenes do Brasil" e ao lado direito, com um braço de nojo e desprezo, o nosso leão, dizendo: "Ché... Que Gentinha aiô!"

Um outro cartaz, dava-nos uma sômbra de punhal investindo pelas costas de um homem com a legenda: "O Colmeia Ambos, foram da autoria do sr. Mário Ramos, um ótimo companheiro e que sempre tem auxiliado a Diretoria do Núcleo, bem como o sr. Luiz Cêrles.

Placa Rui Barbosa
A placa de bronze de Rui Barbosa que foi inaugurada, é oferta do Núcleo do povo. Dos 2038800 custou exato da placa, 2038800 foram cobertos dos pelo público na noite de 14 de Maio; os 1038800 restantes, foram quitados em suas iguais pelo sr. dr. Francisco da Cunha Rangel, Alonís Moraes, Eugênio Kunz e Germano Thompson,

A Época

Ano IV — Nº 182

CAXIAS, (Sul), 24 de Maio de 1942

Director: João Brusa Netto

Gerente: A. I. Ma

Os Caixeiros-Viajantes

EM Visita de Confraternização

Fôram fidalgamente homenageados pelos seus colegas do Nordeste os caixeiros-viajantes que aqui estiveram em visita de confraternização e estudo de assuntos de interesse da classe, representantes da União dos Caixeiros-Viajantes do Rio Grande do Sul, com sede em Santa Maria.

A delegação dos visitantes era chefiada pelo sr. Olívio Krooff, presidente da União e integrada pelos sr. Mário Lomério, secretário-geral da União, Plácido Guimarães e Junqueiro Rocha.

À sexta-feira transacta, dia em que chegaram a esta cidade, os caixeiros-viajantes de Santa Maria foram homenageados pelo dr. Dante Marquetti, prefeito municipal, que lhes ofereceu um jantar no Clube Juvenil, do qual participaram outros viajantes aqui residentes.

Sábado à noite, em sua sede, o Departamento de Propaganda de Caxias da União

dos Caixeiros-Viajantes recebeu a delegação ocasião em que foram tratados vários assuntos ligados à vida da classe.

Domingo, no meio-dia, após aperitivo oferecido pelo Expresso Caxiense, os viajantes tiveram um churrasco, oferecido pelos colegas locais e do Nordeste e pela Cervenaria Leonardi. Prosseguindo sua estada, falaram vários oradores, entre os quais os sr. Antônio Pinho, João Isler, ten. Jacinto Maria de Godoy e Junqueiro Rocha, de Santa Maria.

Segunda-feira à noite, a Sociedade Caxiense de Múto Socorro também homenageou os visitantes.

Durante os dias que permaneceram em Caxias, os caixeiros-viajantes, que daqui partiram quinta-feira, visitaram vários estabelecimentos industriais, destacando-se as firmas Cortinas Tupi, Malharia Caxiense, Antunes & Cia.

Abramo Eberl & Cia., Fábricas de Seda, Michelson, Reinaldo Kochemborger, H. E. Kunz.

Como aliviar a surdez catarral e os zumbidos dos ouvidos

Se v. s. tem catarro, surdez catarral ou zumbidos nos ouvidos ou se o nariz nasal está na parte posterior da garganta, produzindo catarro, no estômago, ou afetando os intestinos, talvez se já constatar de saber que esse estado doente e tão aborrecido desaparecerá em muitos casos, tomando quatro vezes ao dia, uma colher das de sopa de PARMINT, que v. s. poderá obter em qualquer farmácia.

A surdez é causada, desde o primeiro dia, a respiração se torna mais fácil e os zumbidos dos ouvidos, a dor de cabeça, a zozolência e o entorpecimento do cérebro desaparecem produzindo-se a influência benéfica do tratamento. A perda do apetite do gosto, entorpecimento e a decisão do nariz nasal para a garganta, são outros sintomas que indicam a presença do catarro, a qual, pode ser eliminado com este novo tratamento.

Jornal da Mocidade em Pród das Aspirações Colectivas

Anexo E
Jornal *O Momento* de 05 de fevereiro de 1944

O MOMENTO

ANO XII — RIO GRANDE DO SUL — CAXIAS, 5 de Fevereiro de 1944 — N. 507

E' A Companhia Telefonica, O Sr. Prefeito Ou A Prefeitura Quem Está Incursa Na Lei De Nacionalização? Teimosia Ou Sabotagem?

E' do conhecimento público que os nacionalistas residentes em Caxias e Viladas ao núcleo local da Liga de Defesa Nacional, com o apoio desta, e da imprensa local, promoveram manifestações públicas e até demonstrações junto ao sr. Paulo Marcucci, prefeito municipal, no sentido de ver concretizada uma aspração geral de ordem cívica e patriótica: — NACIONALIZAR OS NOMES ESTRANGEIROS OU EXTRANHEIROS das ruas e praças da cidade.

Uma comissão composta de cidadãos de alta expressão em nosso meio, dias após a entrada do Brasil na guerra, contra países de eixo, existiram no gabinete do sr. Prefeito Municipal, e, após cordial palestra com o sr. Dante Macquoci, foi tratado do assunto, ocasião em que o editi afirmou:

a) — que havia mandado retirar da pedreira da esta-tua de Dante Alighieri situ á praça do mesmo nome, a placa em que figurava o dizeiro em italiano;

b) — que providenciaria, imediatamente, no expediente oficial relativo a mudança do nome da Praça Dante;

c) — que os títulos de cavalleiros e comendados que possuía, seriam devolvidos juntamente com títulos do sr. governo italiano, no caso em existissem em que fossem identicos títulos conferidos a outros brasileiros ilustres, também devolvidos.

Sem impressionado, a comissão deixou o gabinete do prefeito, e, no dia imediato, recebiam as componentes da referida comissão, um officio de S. S., ratificando a primeira parte.

Depois, a imprensa de Porto Alegre ventilava o assunto, houve uma espécie de polémica e, o sr. prefeito resolveu deixar tudo como estava para ver como ficava...

A seguir coreários nos cixos afundavam nos seus navios mercantes e o Brasil, através de seus filhos, protestava em comitês públicos.

O elemento nacionalista já aliado, radicado nesta cidade, não ficou indifferente — também protestou e veementemente discursou atacavam o integramente como cabeça de ponto do fascismo caxiense.

Por ocasião de um desses

comitês em que alma nacional vibrava de indignação, foram, pelos populares, levadas e sotolemente, mudadas as placas da PRAÇA DANTE para PRAÇA RUY BARBOSA e da AVENIDA ITALIA para AVENIDA BRASIL.

Faltava apenas o respectivo voto da prefeitura, officializado a vontade da população nacionalista.

Isto foi, se não nos falta a memoria, em fins de 1941 ou principios de 42. Estamos em 44, e tudo continúa no mesmo pé.

Quando em janeiro de 1944 surgiu o novo Guia Telefônico, esperava-se que, os nomes constantes das novas placas ali figurassem. Não, para a Companhia Telefônica continuava sendo PRAÇA DANTE e a Avenida Italia!

polto do sr. E. C., figura radicado na Avenida Italia!

De Melo Filho, reconhecido do nacionalista, nada de Avenida Brasil, continúa de acordo com a vontade da Companhia Telefonica Riograndense, residindo na Avenida Italia, e assim por diante, tantos outros brasileiros!

Destas colunas denunciamos mais este atentado á soberania nacional e accusamos como principal responsável a Companhia Telefonica Rio Grandense.

Não acreditamos, em absoluto, que sua arguição ou gerência nesta cidade, tenha qualquer ligação com o es-trangueirismo de eixos, entretanto, é imperdoável a mesma attitude que vem contribuir para a des-nacionalização do meio que tanto trabalho, incançados e inutilizados tem causado aos que lutam pela criação já tão di-rectas de uma moralidade de guerra o que é quasi impossível no meio em que vivemos — mas ao menos que se respeite a obra do nacionalização posta em pratica pela Secretaria de Educação e Cultura, através da palavra do honrado sr. Coelho de Souza.

Cumprir as leis de nacionalização, é imperativo de todos os que habitam o solo brasileiro.

Mas, argumentará a Telefonica: a mudança dos nomes em referéncia, não foram officializados pelo sr. prefeito municipal. Neste caso, responderemos que a vontade popular também é um poder que deve ser respeitado e usado, como o foi em casos identicos pelos prefeitos de Porto Alegre, S. Leopoldo e outras localidades do Estado e até do Brasil.

Ademais, a Companhia Telefonica Riograndense, não pode e não deve curvar-se ante a vontade outponto de um prefeito em matéria de nacionalização, sob pena de tornar-se cómplice na sabotagem de que estamos sendo vítimas.

Para esclarecimentos da denuncia pública que acabamos de fazer, urge a abertura do rigoroso inquerito, a fim-de que os responsáveis por esse atentado aos brócos dos brasileiros, prestem contas ao Tribunal de Segurança Nacional.

O GUIA 1944

Acaba de aparecer o Guia Telefônico referente ao corrente ano, e, ali decepção! Ali figura ainda, como verdadeiro desafio ás leis nacionalizadoras do País, uma revoltante teimosia, a mesma praça Dante e a mesma avenida Italia!

Justamente sobre a esquina do officio do Banco do Rio Grande do Sul, onde figurava uma placa azul com o letrado da Praça Dante, figura, há anos, em substituição, uma placa bronzada, com o nome de praça Ruy Barbosa.

Mas, apesar disso, por ironia do sorte, lá está no Guia, á página 249, o edificio do nosso Banco, figurando seu telefone como sito á Praça Dante!

O Banco Nacional do Commercio, idem, e idem quanto ao Banco do Brasil!

Nem mesmo a Associação Commercial que pertence á Praça do grande Ruy!

A Companhia Telefonica Riograndense, teve, entretanto, o especial cuidado de respeitar o telefonia da residência da capitã Maria Fogueira. Lá figura como unico sito á Praça Ruy Barbosa.

Alinda, bem que o presidente do núcleo local da Liga de Defesa Nacional, foi alvo de tamanha honra e acatamento.

Até mesmo o Revmo. P. Eugenio Giordani, que é un-

O Dr. Zatti Oliva e o Sr. Dinarte Soares escaparam de morte certa
(Continuação da 1.ª pág.)

gional, esteve no local presenciando as primeiras deliquências sobre o doloroso acontecimento.

No dia da grave occurren-

cia, o sr. Leucônio Batista de Azeredo, sub-prefeito e sub-delegado nagele distrito, observou a agonia, á sorvivo, na cidade de S. Francisco de Paula, sede do município. Esta subcidade, segundo fomos informados, procederá ás demas diligéncias necessárias, sob a orientação di-

recta do sag. Pradellao Prox-delegado de policia de S. Francisco, que esteve no local levando as providéncias cabíveis.

RECH E OS FOGUETES

Podemos adiantar, que, Citro Roch, o entusiasta batedor, pela passagem do dis-

Será Condiçnamento Homenejado O Cel Guedes da Fontoura Em Virtude De Sua Passagem Para O Quadro Suplementar

Após permanecer um ano no comando do 9.º B. C., período anual de estagio de coronel nos batalhões de caçadores, vem de ser transferido para o quadro suplementar, o ilustre cel. José Guedes da Fontoura, que durante esse período de tempo conquistou as simpatias gerais da população, que lamenta sinceramente o afastamento de tão digno soldado e distinto cidadão.

Verões as mais desconhecidas e descoladas, sobre os palpites, quã saites do quinta-colonismo ou de algum individuo pretencioso, cercavam em torno de um faço normalissimo na vida militar.

Só mesmo compradores de prestigio, têm a vontade e a estufa pretensão de fazer crer que a passagem de tão valeroso militar para o quadro suplementar, obedeceria injunções de ordem civil, o que aliás seria reconhecido, desde os dias de menino, nas palavras do ilustre Secretario do Estado, que, nem mesmo o preclaro governador do Estado, que aliás é amigo pessoal do cel. Guedes, teve a intenção de fazer o mesmo: fala que abrece em to frizamas, unico e exclástramente, motivos de ordem regulamentar.

Qualquer comentário em contrario, não passa de obra de costumeiros intrigantes.

Aqui mesmo já tivemos um caso identico — o do Cel. Pompilio da Rocha Moreira, que deixou o comando do B. C. local para o quadro suplementar. Quando isso aconteceu foi considerada uma passagem normal, verificando-se completo indifferéncia, apesar do conceito que também gozava na sociedade local aquele militar.

Entretanto, como o cel. Guedes da Fontoura, soubo grangear as simpatias gerais da população e do elemento democratico da cidade, alias representações de classes e até de vizinhos municipais, prestarão ao sr. S. S. grande e significativa homenagem que constará de

LIM BANQUETE

No salão de festas do Clube Juventude, gentilmente cedido pelo seu presidente sr. Celso Agostinielli. Para tanto, realizou-se segunda-feira ultima, no Juro local, concorrida reunião, que, presidida pelo dr. José Cachapuz de Medeiros e secretariada pelo dr. Diniro de Azeredo, foi emão e deliberado o programa da justa e merecida homenagem que receberá o cel. Guedes da Fontoura.

Para diretores da empolgação homenagem, foi nomeada uma comissão executiva dos srz. Isidoro Agostinielli, presidente do Clube Juventude; Almir Rojas, presidente do Tiro de Guerra 1948 e do nosso colega Al Lima, diretor da «A Poesia».

Precis deliberado então que a homenagem em apreço, teria lugar no dia 15 do corrente mês, devendo á mesma, associar-se toda a officialidade do Batalhão que escolheira um dos camaradas de arma, para sanhar o homenejado.

Por elementos civis, fará o sr. Olmo de Azeredo, que nessa ocasião afeirá, em nome de todos, uma lembrança.

As listas de adesões, serão encontradas em lugares designados pela comissão acima referida.

Abrilhantará a festa, a Banda do B. C., rebando desde já grande entusiasmo.

trito serrano para o territorio caxiense, não possuía o vará e nem licença da autoridade respectiva, para quem foguetes.

Informam-nos mais, que o referido cidadão, teria recebido formal promessa de ser agraciado com a nomeação de sub-prefeito, assim que Oriuva passe pertencer á Caxias, razão pela qual já é tido e reconhecido naquelas zonas, como uma espécie de chibete politico.

Ademais, Citro Rech, iminizado-se com a posse do sub-prefeito e sub-delegado do distrito, tornou-se um disidente das autoridades do S. Francisco, porque, descepeitando as leis de nacionalização, esteve preso corretoalmente.

Tribunal do Juri

Sob a presidéncia do dr. João Platinista Ribeiro, Juiz de Direito Substituto, iminizar-se á do dia 7 do corrente, a primeira sessão periódica do Juri do corr. ano.

Estação em julgamento os reus Pedro Lopes e Dante Lopes, autores do crime de Alfredo Pacheco Barroca, factocido no dia 11 de Julho do ano passado, no lugar de-

designado «Xarxueadas» neste município.

A nomeação será feita pelo sr. Constantino Bampi, Promotor ad hoc, e a defesa está a cargo do conhecido advogado dr. Percy de Abreu Lima.

Ordens Sobre Menores

O sr. 1.º suplente do Juiz Municipal, acaba de tomar varias providéncias de ordem legal, no sentido de proibir a entrada de menores de 5 anos nos bailes e a permanéncia de menores de 14, além das 21.30 horas.

Igualmente, os srz. gerentes do Cinemas foram advertidos para que punham em execução o que estabelece o art. 128 § 3.º, 4.º e 7.º do Código de Menores.

Para fiscalizar a execução da lei, além do dr. Promotor Publico, foram designados, os seguintes funcionarios da Justiça: Carlos D. Vinna, Alvaro Martinez, Manoel Bandeira, Paulo Fiechi e Ambrósio Gama.

SCAN

Do dia 25 no dia 31 do mês p. p., a SCAN distribuiu 123 vales no valor de Cr. S. 1.284,40.

Anexo F
Jornal *O Momento* de 12 de fevereiro de 1944

O MOMENTO

JORNAL
INDEPENDENTE
DE GRANDE
CIRCULAÇÃO
NO NORDESTE
DO ESTADO
Reg. no DIP sob
N. 1542
NUMERO AVULSO:
— Cr \$ 0,30

— ANO XII — NUM. 568 —
Redação: Rua Dr. Montauri n. 933
Gerencia e Oficinas: Rua Sinimbu, n. 1907

SEMANARIO
VESPERTINO
PUBLICA-SE
AOS
SÁBADOS

Diretor: ALEXANDRE A. RAMOS
Gerente-Proprietario: EMILIO FONINI
Séctro Corpo de Colaboradores

— C A X I A S, (RIO GRANDE DO SUL — BRASIL), 12 DE FEVEREIRO DE 1944 —

Praça Dante ou Praça Ruy Barbosa? Avenida Italia ou Avenida Brasil?

Na próxima edição voltaremos ao assunto que vem prendendo a atenção dos brasileiros desta terra. Por hoje temos a acrescentar que o nosso diretor ouvindo o sr. Rodolfo Vaz da Silva, muito digno Gerente da Companhia Telefonica Riograndense nesta cidade, obteve desse digno e honesto funcionário a seguinte explicação:

A Companhia cabe culpa alguma, pois, como consta do MODELO 3 dos Guias da Companhia, ao assinante compete modificar ou não seu endereço. Em segundo lugar a gerencia não recebeu comunicação alguma de caráter oficial sobre a oficialização da mudança das placas respectivas. Em terceiro lugar, conquanto tivesse conhecimento das mudanças em referencia, festivamente, por intermedio de um movimento popular e aliás patriótico, não lhe competia alterações dos endereços em apreço, sem autorisação previa dos respectivos assinantes.

Finsimeto, alguns assinantes que antes figuravam com seus endereços na avenida Italia e hoje figuram na avenida Brasil, diz o sr. Gerente da Telefonica, foi porque assim solicitaram, o mesmo acontecendo relativamente a Praça Ruy Barbosa.

O que é preciso, pois, dizemos nós — é que o sr. prefeito não permaneça nesse impasse. Promova o quanto antes a oficialização das mudanças ocorridas, ou então, num gesto de coragem muito seu, declare em ato oficial que continuará a Praça Ruy Barbosa sendo Praça Dante Alighieri e a avenida Brasil, sendo avenida Italia.

Só assim terminará de vez com o confusãoismo e o povo brasileiro convencido ficará de que em sua própria terra, prevalece a vontade dos que amam, defendem e homenageiam os povos ligados ao fascismo de Mussolini! Sim, porque, a homenagem prestada à figura de Dante Alighieri com seu busto na principal praça da cidade, foi obra e resoluções de italianos fascistas que aqui fixaram residência.

Quanto a Avenida Italia, vamos buscar das razões que determinaram tal ato, aliás justificavel naquele tempo, como sincera homenagem à grande pátria, cujo povo, era, então, tradicionalmente amigo do Brasil.

Hoje, porém não se justifica. Rompemos relações com os países do eixo do qual faz e faz parte integrante a Italia fascista.

A defezação do Rei e do marechal Badoglio, não alterou a situação de amizade existente entre nós e os fascistas que continuam combatendo ao lado de Mussolini e sob as ordens de Hitler.

Os quintas fascistas, ainda nutrem esperanças na vitória dos exístas.

O Brasil reconheceu apenas, uma pequena parte da Italia em estado de belligerancia.

Por tais motivos e considerações o sr. prefeito municipal deve decidir com urgencia sobre a questão dos nomes: Praça Dante ou Ruy Barbosa, Avenida Italia ou Avenida Brasil?

A LIBERDADE DE PENSAMENTO

Em uma Democracia verdadeira, isto é, em um regimen de governo do povo e para o povo e sem a mistificação da demagogia politica, a liberdade de pensamento é real, salutar e construtiva. A palavra escrita e falada, não sofre censura de especie alguma e tem o seu curso livre através da imprensa, da tribuna, do livro, do teatro e da arte enfim.

Um povo livre sabe o que quer e o que é preciso para sua evolução e progresso. A sua propria cultura serve de censura dos abusos individualistas e exclusivistas. Todos os seus valores intelectuais, autenticos e honestos, estão vigilantes e na vanguarda defendendo as reivindicações populares e orientando o governo nos seus problemas fundamentais da administração da Causa Publica.

Com a liberdade de pensamento o desenvolvimento economico, politico, social e cultural de um povo é maravilhoso e surpreendente. Todas as letras, artes e ciências vicejam, florecem e fructificam, dando a todo o povo: pão, paz, trabalho e felicidade. Não proliferam as indiosincrazias e intolerancias de grupos, sectas ou religiões, mas tudo que for de utilidade e proveitoso à felicidade de todos.

E para tal, é preciso que exista de fato e de direito, um regimen de Liberdade, onde todos possam, sem temor, externar as suas opiniões, porque deste contravio de modo de pensar livremente, nasce a luz que leva o povo à felicidade e gloria.

Caxias, 6/2/44.

João da Rua

Excursão Interventorial

Após visitar demoradamente o visinho município de Farroupilha, onde almoçou no Clube do Comércio acompanhado de sua comitiva e demais autoridades daquele município, o Cel. Ernesto Dornelles manteve demorada palestra com o sr. Antônio Pedrosa Pinto, honrado e prestigiado prefeito, em companhia de quem visitou varias obras e indústrias daquele município, percorrendo mesmo o interior, e presidindo a inauguração de uma Cooperativa em um dos prosperos distritos daquela comuna.

S Ex. que ali chegou pela manhã, proseguiu viagem á tarde, via Antônio Prado, onde também esteve algumas horas, inteirando-se das possibilidades daquele município sob a inteligente e honesta administração do capitão Felisbino Monteiro.

Proseguindo viagem, o cel. Dornelles e sua caravana composta de três automóveis e uma caminhonete todos movidos á gazogênio, chegou á Vacaria, no mesmo dia, sendo ali festivamente recebido pela população vacariana, tendo á frente seu estimado e dinamico prefeito Major Sátiro Dornelles de Oliveira Filho.

O cel. Ernesto Dornelles foi alvo naquela cidade de grandes homenagens, hospedando-se na residencia particular do major Dornelles. Proseguindo viagem, o ilustre homem publico visitou Bom Jesus e dali proseguiu viagem até o visinho Estado de S. Catarina, de onde, pelo litoral, retornou á capital do Estado.

Pelo Tribunal de Segurança Nacional Acabam De Ser Denunciados E Estão Sendo Processados Varios Comerciantes desta Cidade

Vem de dar entrada no cartório do civil e crime desta cidade, três precatórias, em que se deprecante o Exmo. Sr. Dr. Antônio Pereira Braga, Juiz do Tribunal de Segurança Nacional e deprecado o Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito desta Comarca, afim de serem ouvidos quatro comerciantes desta cidade, denunciados, respectivamente, pelos procuradores do Tribunal de Segurança Nacional, por praticarem o mercado negro. Funcionaram nestes processos como procura-

dores do Egregio Tribunal de Segurança Nacional, os drs. Clovis Kruel de Moraes, Raul Machado e Eduardo Jara. Deverão ser processados e apresentar suas defesas, os seguintes denunciados:
1.º — Roberto Grossi
2.º — Guerino e Angelo Calcagnotto.
Oportunamente, publicaremos os nomes dos demais, com a classificação dos respectivos delitos de todos os denunciados e as causas determinantes de tais responsabilidades.

Escola Superior de Comércio

A partir do dia 15 do corrente, encontrar-se-ão abertas as inscrições para os vários cursos da Escola Superior de Comércio do Colégio São Carlos, que funciona anexa ao Ginásio N. S. do Carmo.
Documentos exigidos: Para o curso técnico, certificado de conclusão do Curso Ginásial ou do 3. ano pedagógico.
Para exame de admissão ao curso básico comercial, certidão civil, prevendo ter a candidato de 12 anos completos ou a completar até 30 de junho, atestado

médico e de vacina, ambos com firma reconhecida.

Para o curso primário, certidão civil. Os exames de admissão e os de segunda época do Curso Comercial, realizar-se-ão no dia 24 do corrente. Os de segunda época do curso primário, no dia 29 do corrente.

Para maiores esclarecimentos, dirija-se á Secretaria todos os dias uteis, das 9 ás 12 horas e das 14 ás 17 horas.
Fone 539.

Anexo G
Lei Orgânica do Município de Caxias do Sul de 27 de março de 1948



Câmara Municipal
de
Caxias do Sul

**LEI ORGÂNICA
DO MUNICÍPIO**

Promulgada em
27 de Março de 1948.

ATO DAS DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

A Câmara Municipal de Vereadores de Caxias do Sul, decreta e promulga o seguinte:

ATO DAS DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Art.º 1.º — O atual mandato do Prefeito, Vice-Prefeito e Vereadores, terminará a 31 de dezembro de 1951.

Art.º 2.º — Os atos do Governo Municipal, anteriores à instalação da Câmara, serão examinados oportunamente.

Art.º 3.º — Dentro de dois anos, contados da data da promulgação da Constituição do Estado, o Município promoverá a demarcação ou aviventação de suas divisas, solucionando, mediante acordo, as dúvidas existentes.

§ 1.º — Para esse fim, poderão os municípios ajustar entre si alterações ou compensações de áreas que, atendendo tanto quanto possível, aos acidentes naturais, satisfaçam a conveniência administrativa das populações atingidas;

§ 2.º — Nenhuma alteração se fará sem que se manifeste favoravelmente, pelo voto de oito vereadores, a Câmara Municipal, ou, mediante plebiscito, a população interessada da área em causa.

Art.º 4.º — Salvo as obras de urgente necessidade ou interesse público, a critério da Câmara, o Município, durante dois anos, contados da data da promulgação da Constituição Estadual, não demolirá prédios próprios ou desapropriados, sempre que a demolição possa agravar a crise de habitação.

Art.º 5.º — Pelo prazo de cinco anos, o Município consignará em seus orçamentos verbas correspondentes a 5% de suas receitas tributárias, no mínimo, para que intensifique, sob a orientação técnica do Estado, o combate sistemático às pragas e doenças da lavoura e da criação.

Art.º 6.º — São considerados estáveis os atuais servidores do município que tenham participado das forças expedicionárias brasileiras ou servido no território de Fernando Noronha.

Art.º 7.º — Assim que o Estado tiver promulgado o seu Estatuto do funcionário, o Município, após exame da matéria pela Câmara Municipal, promulgará o seu.

Art.º 8.º — Enquanto a Câmara Municipal não aprovar o plano de classificação geral de cargos municipais, nenhuma nomeação de funcionário ou extra-numericário será feita pela Prefeitura, salvo o

caso de diaristas para determinados serviços externos de utilidade pública.

Art.º 9.º — O Município continuará a observar, no que lhe for aplicável, as disposições das leis de contabilidade pública da União, quanto à arrecadação das Receitas, à realização das Despesas e à responsabilidade do emprego do erário e na guarda dos bens públicos.

Art.º 10 — O serviço de estatística municipal será realizado de comum acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, nos termos da legislação em vigor.

Art.º 11 — Não poderá ser nomeada para o cargo ou função municipal, pessoa ligada ao Prefeito por parentesco afim ou consanguíneo, até ao 2.º grau civil.

Art.º 12 — O Município constituirá, até 31 de agosto de 1948, o seu Órgão meteorológico próprio, de acordo com a orientação do Instituto Tecnológico do Estado, sob pena de ficar privado da autorização da cobrança das taxas de aferição e outras vantagens previstas na legislação federal.

Art.º 13 — A Câmara Municipal elaborará as leis complementares necessárias ao normal funcionamento da administração do Município, tais como o Estatuto do funcionário público municipal, o Código de Contabilidade e o Código Fiscal, além de outras julgadas indispensáveis.

Art.º 14 — A presente reunião da Câmara Municipal encerrar-se-á a 30 de abril de 1948.

Art.º 15 — Na data em que é promulgada a presente Lei Orgânica do Município, como um prelo de homenagem aos caxienses ao ilustre e imortal brasileiro Hui Barbosa, o grande vulto da nossa história pátria, passará a ter a sua denominação a atual Praça Dante principal logradouro público da cidade.

Art.º 16 — Para ampla distribuição gratuita, em todo o território do município e remessa aos poderes da União e do Estado, a Prefeitura Municipal mandará tirar uma edição especial desta Carta Orgânica, juntamente com a Constituição do Estado.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Caxias do Sul, aos 27 de março de 1948.

(ss) *Ruben Bendo Aives* — Presidente.
João Pery Paternoster — 1.º Secretário.
Agustino Ballardin
Angelo José Bonolame
Constantino Banpi
Cláudio Antônio Belló
Demétrio Moreira da Luz
Guerino Zugno
Germano Pisani
Humberto Bassanesi
Isidoro Morello

Anexo H
Boletim Eberle de setembro de 1958

ANO III — N.º 28
SETEMBRO, 1958
CAXIAS DO SUL

BOLETIM EBERLE



Caxias, em Delírio. Aplaudiu Gronchi

Sentido histórico da visita de Giovanni Gronchi. — A figura do Pioneiro. — Homenagens programadas. — Marco e obelisco. — Coral de 300 pessoas. — Três discursos que marcam data: Prefeito Bento Alves e Presidentes Gronchi e Kubischek. — Excepcional organização dum churrasco-monstro, para 1.800 pessoas.

MÁRIO GARDELIN

Um jornalista, sintetizou o significado da visita do Presidente Gronchi a Caxias do Sul, nestas palavras: "São 83 anos que vos esperamos". A recepção tributada àquêle homem público italiano, no dia 13 de Setembro, foi efetivamente a comemoração da epopéia dos primeiros colonizadores desta região, aos quais a Itália, pela presença de seu mais alto magistrado, reverenciava oficialmente.

Uma declaração prestada à imprensa, antes da visita dizia: "A visita de Gronchi a Caxias é uma festa de corações", dando a entender que a solenidade se revestiria de profunda emoção. Efetivamente, assim foi, pois, tanto as palavras presidenciais pronunciadas ao pé do Monumento ao Imigrante, como as manifestações com que foi ovacionado o ilustre visitante, provocaram até lágrimas, e lágrimas de saudade.

O PIONEIRO

Para aquêles que não conhecem a região de colonização italiana, com suas terras de serranias abruptas, outrora cobertas de mato, isoladas de tudo quanto era civilização, ser-lhes-á difícil com-

prender porque o povo desta região possui um justíssimo orgulho a respeito da obra realizada pelos seus pais. A figura do pioneiro, semeador de vilas e cidades, agarrado à terra, amante da agricultura, de que nos fala Vianna Biogog, o autor de "Bandeirantes e Pioneiros," é uma das realidades mais incontestáveis aqui. O seneiro na encosta da serra, a



Presidente Gronchi, em companhia dos Srs. Eng.º Ido Menegheti, Governador do Estado e Ruben Bento Alves, Prefeito Municipal, percorrendo as ruas de Caxias do Sul, em carro aberto, logo após a sua chegada à nossa cidade.



Marco comemorativo da visita de Sua Excelência, Dr. Giovanni Gronchi, Presidente da República Italiana à moderna Caxias do Sul, levantado no Bairro de São Pelegrino, no entroncamento da Av. Júlio de Castilhos com a rua Feijó Junior.

capelinha feita de folhagem, e a encruzilhada, num belo dia, fizeram-se estrada larga, catedral espaçosa e cidade. Foi então que o Rio Grande e o Brasil descobriram, esse novo panorama que saiu do tilintar da enxada contra as pedras e da firmeza do imigrante em enfrentar e vencer a solidão.

Dai, porque, no dia 13 de setembro, com a visita de Gronchi, — o grande presente, — o homem que estava no coração de todos, foi o pioneiro singelo, humilde, e trabalhador. E esse é o verdadeiro sentido da visita de Gronchi,

para os descendentes de italianos, em terras do Rio Grande do Sul.

RECEPÇÃO

Caxias do Sul preparou-se durante 60 dias para as solenidades, que se desenrolaram em pouco mais de cinco horas. A visita presidencial estava anunciada para as 10,30 horas, devendo chegar à nossa cidade o Dr. Giovanni Gronchi por via aérea. À última hora, a viagem foi transferida para a rodovia federal, chegando, de Porto Alegre, às 11,15 horas, aproximadamente, sendo recebido

4

à entrada da Avenida São Leopoldo, pelo sr. Ruben Bento Alves, Prefeito Municipal de Caxias, Eng.º Ildo Meneghetti, Governador do Estado, e mais outras autoridades presentes.

O Presidente Gronchi, em sua visita, fazia-se acompanhar de luzida caravana, composta de generais, almirantes, ministros e inúmeros jornalistas italianos.

O Presidente Gronchi, em carro aberto, acompanhado do sr. Eng.º Ildo Meneghetti, Governador do Estado, e do sr. Ruben Bento Alves, Prefeito Municipal, dirigiu-se, da Avenida São Leopoldo ao entroncamento da Avenida Júlio de Castilhos com a rua Feijó Junior, afim de proceder à inauguração de um marco comemorativo da visita. Nesse local, o



Fiagrante apanhado logo após o decerramento da Placa de Bronze, pelo imminente estadista italiano, alusiva à sua visita ao Monumento Nacional do Imigrante.

presidente Gronchi foi saudado por D. Benedito Zurza, Bispo Diocesano, que lançou a bênção ao marco.

CHEGADA DO PRESIDENTE KUBISCHEK

Poucos antes do início da solenidade de inauguração do marco, em avião da FAB, procedente do Rio, via Porto Alegre, desembarcava no aeroporto o sr. Juscelino Kubischek, acompanhado do sr. João Goulart, que, em carros abertos, rumaram para a cidade.

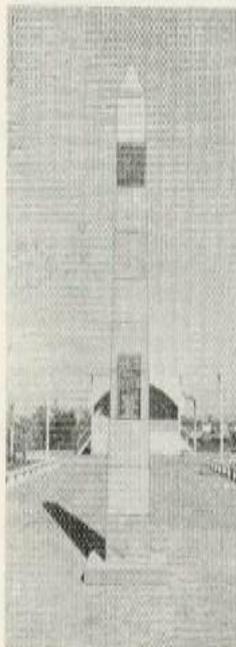
O Presidente Gronchi, acompanhado do sr. Ruben Bento Alves e do Governador do Estado, deixou o local do marco e, pela Avenida Júlio de Castilhos, dirigiu-se ao Monumento do Imigrante. No trajeto em aprêço, até ao City Hotel, onde se realizou o encontro dos Presidentes, inumerável massa popular postava-se ao largo da Avenida, completamente embandeirada, aplaudindo entusiasticamente ao visitante, que, do carro, visivelmente comovido, saudava a população.

Precedia ao cortejo um esleto esquadrão de cavalários, tendo no comando os srs. Ary Cavalcanti e Raul Quadros, dando uma nota pitoresca às solenidades.

ENCONTRO DOS PRESIDENTES

No City Hotel, no centro da cidade, o Presidente Juscelino Kubischek, o presidente da República Italiana, Dr. Giovanni Gronchi, e o Vice-Presidente João Goulart encontraram-se, trocando efusivos abraços.

Grandemente aplaudidos, os presidentes, aproximadamente ao meio dia, subiram as escadarias do Monumento, onde foram recebidos pela Comissão Executiva,



Obelisco levantado no Parque da Exposição, em homenagem ao Exmo. Dr. Giovanni Gronchi, composto de pedras vindas de dez municípios de colonização itálica, ou seja, Antônio Prado, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Encantado, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Guaporé, Nova Prata e Veranópolis.

composta dos srs. Dep. Luiz Compagnoni, Américo Garbin, Humberto Bassanesi, Reinaldo de Carli e Sílvio Toigo.

Ao subirem a escada, a Banda União, dirigida pelo maestro Gama, iniciou o Hino Nacional Brasileiro, que foi cantado por um coral de mais de 300 pessoas,

composto de alunos e alunas de nossos estabelecimentos de ensino, destacando-se a Escola Normal Duque de Caxias, Ginásio São Carlos, Escola Normal São José e Ginásio do Carmo. Findo o hino brasileiro, foi cantado o Hino de Mamelli. A execução impecável e o canto maravilhoso de ambos os hinos arrancou lágrimas de emoção em todos os presentes. A começar do presidente Gronchi e esposa, D. Carla Bissantini Gronchi.

SAUDAÇÃO AO PRESIDENTE

Em nome de Caxias do Sul e do povo do Nordeste do Estado, de origem italiana, falou o edil caxiense, sr. Ruben Bento Alves que, em palavras profundamente emocionadas, exaltou o significado da visita, destacando a homenagem de que eram alvo os primeiros povoadores peninsulares. As palavras do prefeito de Caxias do Sul calaram profundamente no coração de todos e terminaram assim: "E diga, Senhor Presidente Giovanni Gronchi, a seus patriotas que, aqui, neste recanto do Rio Grande do Sul, neste extremo da pátria brasileira, tremula vivo e ardente, — como um pendão de glórias, — o sentimento de gratidão e de admiração, que os pioneiros de 1875, conquistaram para a Itália imortal."

FALA O PRESIDENTE KUBISCHEK

Em seguida, tendo como tema o trabalho italiano em terras do Brasil, falou o presidente Juscelino Kubischek, que historiou a contribuição peninsular ao progresso do Brasil. Referiu-se a visita de Gronchi e sua repercussão e importância, terminando por

6

dirigir uma calorosa saudação a Caxias do Sul e seu povo.

A PALAVRA DE GRONCHI

Por último, como estava programado, falou o Presidente Giovanni Gronchi, que teve palavras emocionantes para com os pioneiros de 1875. Disse que a Itália de ontem, onde emigrar era uma necessidade, é diferente da de hoje, onde emigrar é apenas uma liberdade. Pouco ou nada de assistência a Itália deu aos homens de 1875, que vieram buscar, no Brasil, a segurança de seus lares; deles, porém, conserva a lembrança e deles se orgulha pelo que fizeram. Referiu-se ao Brasil, que abriu hospitaleiramente suas portas e soube praticar a maior de todas as virtudes, que é a de dar. Profligou a guerra, que num minuto destrói o trabalho de anos e de gerações.

A oração de Gronchi mereceu contínuas e delirantes interrupções de aplausos de todos os presentes.

INAUGURAÇÃO DE UM OBELISCO

Na parte central da Praça da Exposição, os dez municípios de colonização italiana fizeram erger um obelisco, feito de dez seções, de pedras provenientes desses municípios. Constituiu uma homenagem de toda a região ao ilustre visitante.

GRANDE CHURRASCO

Do Monumento ao Imigrante, os presidentes dirigiram-se ao Pavilhão da Festa da Uva, onde lhes foi servido um grande churrasco, a que estiveram presentes mais de 2.000 pessoas.



Presidente Giovanni Gronchi, quando em carro aberto, dirigia-se ao Monumento do Imigrante, em companhia do Dr. Juscelino K. de Oliveira, Presidente do Brasil, Dr. João Goulart, Vice-Presidente e demais autoridades.

A organização do churrasco esteve impecável. As mesas, em número de mais de 80, com os lugares devidamente numerados, ao entrar o povo, estavam completamente servidas, possuindo já vinho, saladas, frutas, ovos, farinha, etc. Assar e distribuir a carne, esteve a cargo dos Centros de Tradições Gaúchas "Rincão da Lealdade" e "Paixão Cortes." Ao ser dado o sinal de serviço, as 80 mesas, em 18 minutos, receberam carne em abundância. A organização do churrasco-monstro foi alvo dos aplausos gerais de todas as pessoas que estiveram aí.

A MESA PRESIDENCIAL

A mesa presidencial, magnificamente ornada, tomaram assento: os presidentes Gronchi e Kubischek, o vice-presidente João Goulart, o núncio apostólico, embaixador Alencastro Guimarães, arcebispo de Porto Alegre,



Diversos aspectos da visita do insigne estadista, Dr. Giovanni Gronchi, à nossa cidade e das homenagens que o povo de toda a região prestou a tão ilustre personalidade.

almirante Bigli, General Hangaro, Gal. Nelson de Mello, Embaixador Fracassi e outras altas personalidades.

CANTOS E DANÇAS FOLCLÓRICAS

Durante o almoço verificaram-se cantos e danças folclóricas, a

cargo dos centros de tradições. Um grupo de agricultores, de N. Sra. do Monte Berico, dirigidos pelo sr. João Antônio Tessari, cantou diversas canções trazidas pelos imigrantes de 1875.

BRINDES

Em nome do comércio e indús-

8

tria de Caxias do Sul, os srs. Dr. Jorge Schbe e Dr. Ruy Ramos, entregaram ao visitante um maravilhoso conjunto de chimarrão, todo lavrado em ouro e prata, obra confeccionada na Metalúrgica Abramo Eberle S. A., desta cidade de Caxias.

A sra. Carla Gronchi foi obsequiada com um bracelete de platina e ouro, oferta das senhoras de Caxias do Sul.

A Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, proclamou o Presidente Gronchi cidadão caxien-

se. O Sindicato dos Jornalistas de Caxias conferiu-lhe o título de sócio. As antigas sociedades ofereceram-lhe um cartão de prata, o mesmo ocorrendo por numerosas delegações de municípios, centros de tradições, etc. etc.

CONDECORADO O PREFEITO DE CAXIAS

O Prefeito Municipal de Caxias do Sul, foi condecorado pelo Presidente Giovanni Gronchi, com a

(Continúa na pág. 29)



Conjunto para chimarrão e faca churrasqueira, lavrado em ouro e prata, produto de fabricação da Metalúrgica Abramo Eberle S.A., oferecido pela Indústria e Comércio de Caxias do Sul, ao ilustre Presidente da Itália, Dr. Giovanni Gronchi, por ocasião de sua visita à nossa cidade e durante o churrasco-monstre que teve lugar nos Pavilhões da Exposição e Feira Agro Industrial.

Só isto compensaria a viagem...

9

Temos o prazer de registrar aqui, o regresso de nosso Diretor Gerente, Sr. Caetano Pettinelli, de sua viagem à Europa, onde demorou-se quatro meses, percorrendo os principais centros europeus e, em particular, os italianos.

Voltou, felizmente, muito bem disposto e o seu aproveitamento não foi tão somente em relação aos misteres que o levaram à Europa; voltou, também, com uma excelente aparência e disposição, já que se valeu da viagem para fazer uma

estação de repouso e águas em Monte Catini.

Conta com muito entusiasmo tudo o que lhe foi dado observar no velho mundo e das grandes emoções que sentiu quando sobrevoou a Cidade Eterna, sua visita à grande Exposição Internacional de Bruxelas, os passeios pelos canais de Ansterdan, a chegada à Cidade Luz, com passeios a Versailles, o regresso aéreo para Milão, etc., etc.

De tudo quanto viu veiu encan-

(Continúa pág 29)



Grupo de pessoas recebidas em audiência especial por Sua Santidade, o Papa, vendo-se, entre elas, os ilustres caxienses, Srs. Caetano Pettinelli e Ottoni Minghelli e exmas. espôsas, Sras. Angelina Eberle Pettinelli e Iró Minghelli.

Anexo I
Lei número 3494 de 12 de junho de 1990



Câmara Municipal de Vereadores
Caxias do Sul

1106
1990
17 secretário

Caxias do Sul, 11 de junho de 1990.



INDICAÇÃO Nº 333/90.

ASSUNTO: Redenomina o logradouro público situado entre as ruas Barbosa, Marques do Herval, Dr. Montauri e Av. Julio de Castilhos com o nome de "Fraça Municipal Dante Alighieri".

A Comissão de Relações e Administração
Em 11 de Junho de 1990
[Signature]
Presidente

Senhor Presidente:

Os vereadores que a presente subscri-
vem, nos termos regimentais, submetem à apreciação e deliberação
plenária, o incluso Projeto-de-Lei, que objetiva redenominar a lo-
grradouro público que leva o nome do eminente estadista brasileiro
"Rui Barbosa", com o nome de "Praça Municipal Dante Alighieri".

JUSTIFICATIVA

Neste ano de 1990, a nossa querida Ca-
xias comemora, a 20 de junho, o centenário de sua emancipação po-
lítica. Entre as atividades relacionadas a comemoração de tão im-
portante data, o Poder Legislativo de Caxias do Sul, se aprovada
pelos nobres edis, reparará um bezelize cometido nos idos de 1948.

Edson Luiz
[Signature]

[Multiple signatures]



Câmara Municipal de Vereadores
Caxias do Sul



quando através de um artigo aprovado pelos legisladores da então, de nº 15 do "Ato das Disposições Transitórias" da Lei Orgânica votada naquele ano, dispôs a troca do nome da até então conhecida "Praça Dante" para o nome de Praça Rui Barbosa.

O nome de Praça Dante, até hoje lembra da sua existência teve origem quando da fundação da Colônia Caxias (ex- Caspo dos Bugres) que à época era dividida em três (3) sedes: a sede Dante onde hoje se situa o centro de Caxias; a sede Nova Trento, que hoje é a bela cidade de Flores da Cunha e a sede Nova Milão que hoje faz parte da não menos querida cidade de Farroupilha.

É óbvio que o nome "Dante" se referiu a uma justíssima homenagem ao maior poeta da latindade, o autor deste Clássico da literatura mundial a "Divina Comédia", o inortal DANTE ALIGHIERI.

No ano em que foi efetuada a troca de nomes, logo após o término da segunda guerra mundial, nossa cidade constituída, na maioria, por descendentes de italianos, que junto com a Alemanha e o Japão perdera a guerra, sofria uma pressão muito grande a nível da propaganda e do ponto de vista político, pelo fato dessa descendência, o que "explica" a atitude tomada então de troca do nome do nosso logradouro mais importante, por nossos ex-legisladores, não querendo dizer com isso que se justificasse tal medida discriminatória.

WBC:CUV.2



Câmara Municipal de Vereadores
Caxias do Sul



....

A proposta que apresentamos, também, não significa nem um ato de desprezo ao nosso grande "RUI BARBOSA" justamente homenageado em qualquer cidade que se vá deste nosso Brasil, como um dos grandes nomes da nossa pátria.

Pretende-se com essa proposta também, neste ano de comemoração do nosso centenário de emancipação política, um retorno às nossas origens e uma justa homenagem à aquelas que junto a outras raças que aqui se aquerenciaram, construíram a nossa cidade de Caxias do Sul, com suas virtudes, qualidades e defeitos, esse é o nosso único propósito.

Esperando a aquiescência de todos os colegas desde já sumos gratos.

Atenciosamente

VER. ÉDIO ELIAS PEREIRA - PC do B

VER. WANDERLEI BIGNIA - PFL

VER. MARINO KNEY - PTB

VER. EDCAR MARCHIORO - PMDB

VER. SPRING SILVA - PHS



Câmara Municipal de Vereadores
Caxias do Sul



PROJETO DE LEI Nº **CÂMARA MUNICIPAL DE VENEÂNCIOS**
Aprovado pelo Conselho de Câmara Extraordinária
em 12 de 10 de 1990

LEI Nº..... 1.º

há denominação ao logradouro público que
leva o nome de " Rui Barbosa", o nome de
"Praça Municipal Dante Alighieri".

O Poder Legislativo aprova e eu sanciono a se-
guinte Lei.

Artigo 1º - É dada a denominação de "Praça Muni-
cipal Dante Alighieri", ao logradouro público, localizado entre
as Ruas Sinibaldi, Marques do Herval, Dr. Montenegro e Av. Julio de
Castilhoa, e que até a presente data leva o nome de "Praça Rui
Barbosa".

Artigo 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de
sua publicação, sendo revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL, EX.....

[Handwritten signatures and stamps]
PREFEITO MUNICIPAL
MOD. CMV - 2

**Câmara Municipal de Vereadores**

Caxias do Sul

Of. n.º 185/90
sbif

Caxias do Sul, 13 de junho de 1990.

Senhor Prefeito:

Com o presente estamos remetendo, aprovado por maioria em Sessão Extraordinária de 12 do corrente, o Processo Legislativo n.º LXVII/90, contendo Indicação n.º 333/90, encaminhando Projeto de Lei que redenomina logradouro público com o nome de "Praça Municipal Dante Alighieri".

Sendo o que tínhamos para o momento, reiteramos protestos de apreço, firmando-nos

Atenciosamente.

VEREADOR GUERINO PISONI NETTO
Presidente

Exmo. Sr.

MANSUETO DE CASTRO SERAFINI FILHO

DD. Prefeito Municipal

Nesta

Anexo J
Ata da sessão nº 147/58

ATA DA 147ª SESSÃO ORDINÁRIA - IIIª LEGISLATURA - 25-IV-58

Aos vinte e cinco dias do mês de abril de mil novecentos e cinquenta e oito, reuniu-se a Câmara Municipal, em sessão ordinária, à hora regimental, presentes os senhores dr. Renan Falcão de Azevedo, presidente; Bernardino Conte e Hilário José Busalatto, 1ª e 2ª vices; Pedro Olavo Hoffmann, 2º secretário; Pa. Eugenio Giordani, Manoel Ramos de Castilhos, Rivadávia A. Guimarães, Bruno Segalla, Mario Rosa, Claudino Petaffi, Luiz Tomatelli, Nilo Travi, dr. Armando Biasuz e o suplente Oscar H. Deniquol, substituindo ao vereador Costa, licenciado. Invocando a proteção de Deus, o senhor Presidente declarou instalados os trabalhos e tacitamente aprovada a ata da sessão anterior, com cópias mimeografadas distribuídas entre os senhores vereadores. Foi procedida, e seguir, a leitura do seguinte:

EXPEDIENTE

- Ofícios retornando ao Executivo, deliberados pela Casa, os processos de sua iniciativa: nº III/58, desejando autorização para compra de um terreno localizado próximo a zona Gethal, para loteamento e venda a pessoas de escasos recursos; nº IV/58, pretendendo crédito especial para obras de ampliação da hidráulica municipal; - e nº XVI/58, também objetivando abertura de crédito para a Escola Municipal de Belas Artes;
- Idem, encaminhando ao sr. Prefeito o pedido objeto da Indicação 38/58, da bancada do P.D.C., recomendando providências para melhoramento de estradas no distrito de Santa Lucia do Piaí;
- Ofício do sr. Secretário da Fazenda do Estado, em resposta ao pedido que lhe foi dirigido através da Indicação nº 17/58, no sentido de ser relaxada a intimação feita aos Armazéns Populares para recolhimento de Imposto sobre Vendas e Consignações, comunicando, a propósito, encontrar-se ainda o processo respectivo na Exatoria Estadual desta cidade, prometendo, ao mesmo tempo, que, observadas as vigentes normas legais, a Fazenda do Estado examinará sobre ela, oportunamente, a solução mais condizente com os interesses em questão;
- Ofício do sr. Prefeito capando a remessa de cópias das Leis nºs. 824 e 825, ambas sancionadas de conformidade com a previa autorização legislativa, a primeira abrindo um crédito especial de R\$500.000,00 para a Escola Municipal de Belas Artes, e a segunda também abrindo um crédito especial, no montante de R\$5.000.000,00, para obras de ampliação da hidráulica municipal e para a aquisição de hidrometros;
- Ofício ainda do sr. Prefeito Municipal contestando a solicitação alvo da Indicação 27/58, do vereador Bassanesi, atinentemente ao processamento de entendimentos entre a Municipalidade e o sr. Secretário das Obras Públicas do Estado, com vistas ao problema de esgotos para a cidade;
- Mensagem do Executivo pedindo autorização para receber, em doação, uma faixa de terra de Zalindo Bortolon, para abertura de rua ligando a Estrada Federal a rua Salvador Sartori;
- Telegrama do sr. Secretário do Governo do Estado, em nome do senhor Governador, informando que enviará a Assembleia Geral, digo, Legislativa, uma mensagem contendo projeto de lei para pagamento de indenização aos produtores de uva, tendo em vista, no particular, o apelo que lhe foi formulado por intermédio da indicação nº 23/58, do vereador Bruno Segalla;
- Despacho telegráfico do sr. Sub-Chefe de Casa Civil da Presidência da República, em nome do sr. Presidente, comunicando que a solicitação que lhe foi feita através da Indicação 26/58, da bancada do P.D.C., para a

.....

- 2 -

instalação da Junta de Conciliação e Julgamento nesta cidade, será objeto de exame;

- Telegramas sobre o mesmo assunto transmitidos pelo senhor Chefe de Gabinete de sr. Presidente do Senado Federal, em nome deste, e do senador Moraes Filho, aqule cientificando que o pedido foi submetido a consideração do líder do P.T.B. no Senado, e arts declarando achar-se o projeto respectivo, na Comissão de Serviço Público, em mão do Senador Nam de Sá, a quem iria recomendar o melhor interesse em prol de reivindicação;
- Pareceres da Comissão de Orçamento e Contas: nº 10/58, egarado sobre o processo nº XII/58, de origem do Executivo, pedindo um crédito especial de R\$. 580,00, destinado a pagamento de publicidade feita, em 1957, por intermédio da Rádio Coxias do Sul (Paxer Ferveral, relatado pelo vereador Bassanasi); nº 11/58, emitido sobre o processo nº XVII/58, também procedente do Executivo, solicitando abertura de um crédito especial de R\$. 804,00 para pagamento de diferença salarial ao ex-servidor municipal Walter Albino Vioris; e nº 12/58, lançado sobre o processo XVIII/58, igualmente do Executivo, pertinente a projeto de lei intentado de um crédito especial de R\$. 465,00, para pagamento de gratificação adicional ao servidor Lino Rech;
- Parecer da Comissão de Petições e Reclamações, sob nº 8/58, proferido sobre o processo nº XIII/58, de iniciativa do vereador Bernardino Conte, dando denominação de rua La Salle a atual rua Castro Alves, desta cidade;
- Indicação nº 44/58, do vereador Heffmann, fazendo apêlo aos srs. Deputados líderes com assento na Câmara Federal, na afé de apoiarem iniciativa de deputado Adílio Vianna, condensada em projeto de lei atribuindo uma subvenção de R\$. 000.000,00 ao Instituto Santíssima Trindade, aqui instalado;
- Indicação nº 45/58, do vereador Bernardino Conte, apresentando voto de congratulações pelo transcurso, a 27 do fluente, do 22º aniversário de fundação do jornal Fôlha da Tarde;
- Indicação nº 46/58, do vereador Bruno Segalla, pedindo o envio de uma mensagem de apoio ao III Congresso dos Trabalhadores Gaúchos, a ter lugar no dia 27 do corrente, na Capital do Estado; e
- Indicações nºs. 48/58 e 49/58, ambas de autoria do vereador Manoel Ramos de Castilhos, a primeira enfatizando solicitação ao sr. Prefeito Municipal para iluminação pública da rua Bento de Lanza Pinto, e a segunda requerendo providências a Municipalidade, através da Sub-Prefeitura de São Marcos, no intuito de ser fiscalizado o fechamento do comércio, naquela Vila, nos dias santos e feriados.

Finda esta parte foi enunciada o

ORDEM DO DIA

que teve início com o pedido da palavra, pela ordem, do sr. vereador Conte, requerendo urgência para discussão da indicação de sua autoria, de nº 45, o expediente objetivando alterar denominação da rua Castro Alves, por La Salle. O vereador Segalla, por sua vez, pedia urgência para apreciação da indicação nº 46/58, versando sobre envio de mensagem de apoio ao III Congresso Gaúcho dos Trabalhadores. O vereador Conte justificou seu pedido de urgência, o mesmo sucedendo com o vereador Segalla. Ao ser encaminhada a votação, o vereador Castilhos, solicitou êorre feita, isoladamente cada caso. Foi então, aprovada urgência das duas indicações, sendo, entanto, rejeitada quanto ao Expediente XIII/58, pelo voto minerva. Votaram contra o pedido, as bancadas do P.D.C., P.S.D., vereadores Castilhos e Segalla.

- 3 -

.....

A seguir, foi posta em discussão a Indicação do vereador Conte, contendo voto de congratulações ao jornal Fala da Tarde, pela passagem do 22º aniversário de fundação. Com a palavra o autor, pronunciou um discurso que fará parte dos anais da Casa, no qual congratulou-se com aquela Órgão de Imprensa, ressaltando-lhe suas qualidades de veículo de boa e serena divulgação e de independência de pensamento, dizendo ainda de suas campanhas realizadas nos diversos setores, objetivando o bem estar comum. O vereador Hoffmann, com a palavra, após, disse que trouxera também uma indicação neste sentido, mas fora preterido pelo colega Conte, e daria integral apoio, congratulando-se com o colega Conte, pela indicação e pela oração pronunciada a qual faria sua. Votada a matéria, foi aprovada. Ato contínuo foi apreciada a indicação do vereador Segalla, cujo pedido de urgência para ser debatida, foi aprovado por unanimidade, versando sobre mensagem ao 3º Congresso dos Trabalhadores Gaúchos. O vereador Segalla, com a palavra, sustentou sua indicação, dizendo realizar-se domingo, em Porto Alegre, um conclave de trabalhadores e sabendo que nesta Casa sempre eram observados com simpatia os movimentos de trabalhadores, pedia que o Legislativo cariense enviasse uma mensagem de solidariedade, desejando sucesso ao congresso, para que possa ser concretizado alguma coisa do teor do mesmo. Seria ao mesmo tempo, a solidariedade dos trabalhadores de Caxias, através de seus representantes na Câmara. Caxias do Sul, seria representada no conclave, disse concluindo. Votada a indicação, foi aprovada unanimemente. A seguir, foi apreciada a indicação nº 24/57, do vereador Segalla, contendo um protesto ao Governo Federal, contra a instalação em nosso País da America Can. O vereador Segalla, com a palavra, disse ter sido informado, através de publicações da imprensa, que houvessem movimentos no Rio e São Paulo, de parte de estudantes e outras classes e entidades, contrários a instalação em nosso País de um truste americano de estampanaria para fabricação de latas para conservas e outras. Aquela empresa, nos Estados Unidos conseguira a fusão de 45 outras do gênero, pressionando as demais do mesmo ramo que tiveram que fechar suas portas, face a concorrência. Sua autorização fora dada pela CMOG de forma infeliz na qual faziam parte os senhores Tancredo Neves e José Maria Alkmin que numa reunião houve empate na votação. Ficou então marcada nova sessão para o sábado seguinte, mas como um membro devia afastar-se, deliberaram que seria na segunda-feira. Com surpresa, no entanto, a reunião saiu inesperadamente no sábado, com a falta de um membro que era con rário a instalação e houve maioria favorável a sua instalação. Sendo instalada no Brasil, aquela empresa, fechariam forçosamente as indústrias nacionais, as quais fazem face as necessidades nacionais. Ademais, dezenas de milhares de trabalhadores ficariam desempregados. Réplicou ainda orador, que sua entrada seria de acordo com a Instrução n.

- 4 -

.....

113 da Sumoc, a qual era prejudicial aos interesses nacionais, por permitir a instalação de indústrias estrangeiras, as quais poderiam trazer maquinaria sem cobertura cambial. Objetivando proteger os trabalhadores nacionais e ao desenvolvimento da indústria nacional, apresentou esta Indicação, protestando junto ao sr. Presidente da República e a SUMOC, pedindo reconsideração desse ato. O vereador P. Giordani, com a palavra, disse que casualmente conhecia algo a respeito da matéria. Sua origem era escaebrosa, sendo um sonegador de impostos aquele truste. Em cada País onde se instalava, apresentava-se com nome diferente. Provocaria a American Can, uma concorrência até desleal a indústria nacional, a qual estava apta a atender as necessidades, capacitada mesmo a aumentar sua produção para exportar. Por isso, apoiava a Indicação, porquanto o truste poderia provocar o desemprego a milhares de operários. Soubera ontem, ter a SUMOC através da fanigerada Instrução 113, permitido a entrada de máquinas para instalação de uma indústria inglesa, para fabricação de cartas de jogar. E, acrescentou irônica e que o Brasil tinha necessidade de possuir fábrica de cartas de jogar. Concluiu que a American Can era contra os interesses nacionais. O vereador Busalatto, com a palavra, ato contínuo, declarou que em princípio jamais fora contrário a investimentos estrangeiros no País, quando se tratem de empresas novas, que possam trazer mais trabalho para nosso País, dando mais conforto. Como particularmente o caso em tela fôsse prejudicial aos interesses nacionais, embora nada soubesse a respeito, mas louvando-se das informações creditadas do vereador Segalla, votaria favorável a Indicação. O vereador Bassanesi, com a palavra, a seguir, declarou que em tese era partidário a aplicação de capitais estrangeiros em nosso País, por ser também partidário ao regime da livre concorrência. Isso porque barateava os produtos, favorecendo ao consumidor. E, na verdade as empresas levavam os lucros para o estrangeiro, ao invés de fazerem novos investimentos aqui, como observara o vereador Segalla, isso era uma coisa legal e portanto justo. O lucro era justo a quem empregada capitais e o usufruía. Agora, disse o orador, havia a considerar outros fatores que a Indicação não focalizava. Quando se falava em indústria nacional de estampania, ao que parece somente uma havia no Brasil - o Matarazzo, o que não deixava de ser um truste. E os preços cobrados por aquela indústria, por seus produtos, eram exorbitantes. Havia uma empresa em Porto Alegre a qual foi liquidada pelas Indústrias Matarazzo. O vereador Travi, em aparte, disse que funcionava atualmente, em P. Alegre, a firma Rumer, Hermann. - O vereador Bassanesi, declarou prosseguindo que o maior produtor era o Matarazzo, e os preços de lataria eram exorbitantes. Ademais, o Matarazzo importava as folhas de flandres para seu consumo, enquanto em Volta Redonda haviam quantidades enormes empilhadas, por falta de compradores. Eram aspectos que deviam ser medidos na Indicação. Havia, evidentemente, aspectos contrários.

.....

..... - 5 -

Para que se pudesse votar conscientemente, necessário era ir-se mais a fundo da questão. Acreditava, por exemplo, que a empresa traria o compromisso de empregar matéria prima de volta redonda. E ademais precisava observar-se os preços. Diante disso, por falta de maiores dados que lhe permitissem apoiar a Indicação conscientemente, votaria contra. O vereador Conte, a seguir, disse que acompanhava seu colega de bancada, pelas razões apresentadas. Votada a Indicação, foi aprovada, contra os votos dos vereadores Bassanesi e Conte. Ao ser posta em discussão, Indicação do vereador Segalla, sobre estádios para clubes varzeanos, sua senhoria solicitou fosse retirada. A seguir, foi aprovada Indicação nº 31/58, da bancada do P.D.C., pedindo a nomeação de comissão, para estudos em torno de construção de prédio para a Escola de Belas Artes, Teatro Municipal e outros departamentos municipais. O vereador P.º Jordani, com a palavra, sustentou a Indicação, dizendo que em visita recente a sua Terra Natal, ficara admirado com a maravilhosa instalação do Legislativo. Em nossa cidade, era um alcapão, sem o mínimo conforto, mormente para o público. O principal, entante, era tendo em vista a insistente pedidos da diretora da EMBA no sentido de provocar um debate sobre o problema da Escola. As instalações da mesma eram obsoletas e anti-pedagógicas tendo que recusar matrículas. Sabia-se que embora nova, aquela Escola já produzia frutos que a recomendavam. Sugeriu a diretora, Dona Elyr Ramos Rodrigues, prosseguir o orador, fosse construído um prédio neste mesmo local, com inúmeros andares, onde poderia ser instalado o Teatro Municipal, no terceiro, Escola de Belas Artes, logo acima; no terceiro a Biblioteca; no 4º Câmara, Diretoria de Ensino e outros departamentos. Era efetivamente um lugar precioso, em pleno centro e devia-se pensar no melhor aproveitamento possível deste terreno. Disse mais o orador que havia um arquiteto famoso que se oferecera para fazer um projeto, gratuitamente e bastaria que lhe fosse cientificado da intenção de ser construído um edifício. Por isso, pediria fosse nomeada novamente uma comissão para estudos preliminares, a qual poderia entrar em contato com a diretora da Escola e com o sr. Prefeito, vindo até onde se poderia ir. Evaram-se debates prolongados, em plenário em torno da matéria. Explicou ainda o orador em suas considerações, que a diretora da EMBA tinha a impressão em conseguir verbas substanciais no Ministério da Educação, para a construção do prédio, mormente porque já fora encaminhada a federalização da Escola. O vereador Conte, com a palavra, disse que ouvindo a brilhante exposição do colega P.º Jordani, fora-lhe despertada a atenção, num ponto que julgava capital. Era o aproveitamento máximo do terreno. Disse que na Legislatura passada, fora cogitado pelo Sr. José T.iches, construir-se um prédio para a Prefeitura, no Parque da Exposição. Acreditava, entante que o local ideal para Prefeitura e seus vários departamentos, Teatro Municipal e Escola de Belas Artes, Câmara, deviam ser no local da atual Câmara. E ia

- 6 -

.....

mais longe ainda. Acreditava ser opor no construir-se alteroso edificio, aproveitando-se inclusive localidades para serem alagadas, constituindo-se renda perene para os cofres municipais. Não sabia, contudo, até que ponto poderia interferir a Câmara nesse assunto, porquanto pela lei orgânica, as rendas municipais eram de exclusiva alçada do Executivo. No entanto, a Comissão deveria estudar e inicialmente julgava oportuno entrar-se em contato com o sr. Prefeito. O vereador P. Giordani, em aparte, disse que a comissão em nada iria interferir, porquanto tinha-se o direito de estudar e sugerir. Sua indicação falava inclusive que a comissão entraria em contato com o sr. Prefeito. Não cogitara, entanto, em sua indicação houvessem dependências para alugar e isso não importaria em interferência nas rendas. O vereador Conte, prossequindo, disse que neste sentido estava de acordo e devia-se efetivamente estudar. O vereador Conte, disse ainda que haveria naturalmente o problema dos recursos. Talvez houvesse possibilidades de um financiamento. O vereador Ramos de Castilhos, usando a palavra, disse que estava-se diante de um problema complexo e devia ser estudado com profundidade. A idéia de centralizar-se o serviço público era interessante. Contudo, discordava em parte da idéia de colega Conte em fazer-se edificio para obter rendas. Dada a presença e necessidade de instalar-se todos os serviços municipais, não era oportuno mesclar-se isso com apartamentos residenciais e lojas. Concordeava com os estudos apenas discordando se criassem dependências para obter rendas. Apoiaria portanto a indicação. O vereador Bassanesi, com a palavra, disse a seguir que era interessante o assunto mas não devíamos ter a ilusão de não encontrar-se um obstáculo fundamental: a falta de dinheiro. Concordeava, no entanto com a comissão. O vereador Travi, em aparte, disse que tinha a informação que se federalizada a Escola o Governo Federal auxiliaria com a quantia de 3 a 20 milhões de cruziros. O vereador Bassanesi, prossequindo disse que era um ponto a ser estudado, porém, sem ilusão que o Governo Federal enviasse dinheiro. Talvez o local ideal seria mesmo no Parque da Exposição. Com o dinheiro que se obteria na venda deste imóvel, poder-se-ia construir um edificio a quele local. Agamais, disse o vereador Bassanesi, precisavamos pensar também em pagar as dívidas. Concordeava, contudo, fôsse formada a comissão para estudos preliminares. Tiveram-se debates explicativos em plenário e após o vereador Biasuz, usando a palavra disse que sua bancada concordava com a constituição de na comissão e não entraria no mérito dos detalhes debatidos, por julgar prematura sua apreciação. O vereador Guimarães, manifestou a seguir a solidariedade da bancada do P.S.D. sendo imediatamente posta em votação a indicação, que foi aprovada por unanimidade. Foi a seguir, pelo sr. Presidente constituída a comissão com os vereadores P. Giordani, Biasuz e Bassanesi. Foi ato, contínuo, apreciada a Indicação 55/58, do vereador Biasuz, visando mensagem de solidariedade a Associação de Pais e Mestres de Porto

.....

- 7 -

.....

Alegre, na sua campanha moralizadora dos programas de rádio. O vereador Biasuz, com a palavra, disse dos males causados pela má influência do rádio sobre a juventude, em razão do que a Associação de Pais, criara um movimento de repressão contra tais programas, campanha que devia ser apoiada por esta Casa. O vereador Segalla, indagou se esta Associação era a mesma que se manifestara contrária ao congelamento das mensalidades escolares em escolas particulares, e que o orador disse ignorar. Votada a Indicação, foi aprovada por unanimidade. Outra Indicação, a de nº 24/58, também do vereador Biasuz, foi apreciada a seguir, objetivando apelo junto ao Governador do Estado e Secretário da Fazenda, para o pagamento das quotas de retorno. O vereador Biasuz, sustentou sua indicação, dizendo da importância das quotas de retorno para o orçamento do município e alegando que embora a promessa do Governador, o d'bito montava em cerca de 14 milhões. O vereador Segalla, em aparte, disse que se permitia sugerir fosse oficiado, junto a mensagem enviada ao 3º Congresso dos Trabalhadores, fosse feito um apelo também a autoridade competente. O vereador Castilhos, intervindo, disse que com respeito ao adendo do colega Segalla, julgava que seria caso para outra indicação, porquanto não seria de boa ética uma interferência que não fosse diretamente da administração paulista. Antes disso, era melhor uma comissão de vereadores. Quanto ao adendo votaria contra. O vereador Pe. Giordani, com a palavra, disse da lamentável situação que se atravessava atualmente no País. Disse sua senhoria que o Governador em mensagem recente a Assembleia informava dados estupefacentes sobre o déficit de mais de um bilhão de cruzeiros no ano passado. A situação era escura, portanto o Estado devia ao município ou antes a todos os municípios e não tinha com que pagar, face a arrecadação inferior obtida e face também ao fato de ter créditos a receber junto ao Governo Federal, o qual não pagava. Não sabia como e quando o Brasil poderia sair dessa situação. O vereador Biasuz, em aparte, disse que sair-se-ia quando os legisladores de todos os órgãos legislativos do País tivessem o bom senso de aprovarem orçamentos equilibrados, com bases reais e não fictícias. O vereador Pe. Giordani, após alguns debates com o vereador Biasuz, em torno do assunto, disse que apoiava a Indicação mas não via possibilidades boas em conseguir-se o pagamento dos 14 milhões. O vereador Pe. Giordani, disse ainda que devia-se estudar com cuidado a situação financeira do município, porquanto em contato com o sr. Vinicius R. Lisboa, soubera dados alarmantes sobre a dívida do município. O vereador Bassanesi, declarou que no próximo ano as quotas de retorno seriam de quase 50 milhões. Talvez fosse oportuno lançar-se não no próximo orçamento de 50% somente, aplicando-se o restante para pagamento de dívidas. Disse o vereador Pe. Giordani, prosseguindo, que a situação da Prefeitura era grave, e embora não querendo fazer pressão contra o Executivo devia-se estudar se não haveria algum meio, talvez atrasando-se algu-

.....

- 8 -

.....

na obra, para poder pagar em dia aos servidores, pois soubera que muitas vezes eram pagos funcionários com vales dos Armazens Populares e esses trocavam os vales a espertalhões, com reduções de 40 ou 50%. Fazia um protesto contra esses sugadores do sangue dos trabalhadores. O vereador Biasús em aparte, disse que o Prefeito não tinha dinheiro. Com a arreadação normal, sem contar as quotas de retorno, somente poderia atender serviços de rotina. Se suspendesse esses, teria que despedir os trabalhadores. O vereador P. Giordani, concluindo, disse apoiar a Indicação, mas via com alguma fidelidade os seus resultados. Foi a seguir, lido adendo do vereador Segalla, o qual apelava ao Congresso, pôde ser recomendado ao sr. Governador o pagamento pontual das quotas de retorno aos municípios. O vereador Castilhos, ao ser encaminhada a votação, falando pela ordem disse que face a redação do adendo, generalizando o assunto e não nos termos em que fora focalizado pelo vereador Segalla, que do era especificamente para Caxias, apóiaría e votaría favoravelmente. Foi então votada a Indicação em conjunto com o adendo, sendo acolhida pela totalidade do plenário. Finda a ordem do dia, foi posta a palavra a disposição, para

EXPLICACÕES PESSOAIS

O vereador Mário Rosa, disse que ouvira comentários na rua, de que o leite tivera aumento provocado e autorizado pela Câmara. Pediria ao sr. Presidente que em nota pela imprensa, dissesse que a culpa cabia a Comap, através de seus membros, com excessão do vereador Segalla que votara contra. Os referidos membros, eram os srs. C.etano Stodile, Tranquilino Tisot, Antonio de Oliveira, Idorli Zatti e Quintiao Corso. O vereador Hoffmann, ocupou a tribuna, após, congratulando-se com a reeleição de um líder sindical, sr. Apilio Webber, reeleito presidente dos Sindicatos dos Trabalhadores da Alimentação. Em segundo lugar, congratulou-se com a deputada Suelly Oliveira, por ter ontem apresentado na Assembléa um pedido de informações ao Governador Do Estado, se inteirando de irregularidades na Secretária da Educação. Congratulava-se, declarou, porquanto sempre que houvessem representantes dessa ordem nas representações populares, os problemas dos trabalhadores estariam em evidência e vigilância. A Associação de Professores, também tomara posição para saber das irregularidades, disse concluindo o orador. A seguir, o vereador Segalla, ocupando a tribuna disse ter tomado conhecimento que no prolongamento da Av. Julio de Castilhos, renhe ao Parque Cinquentenário, havia uma senhora com crianças, vivendo ao relento. O teto para as crianças, eram caixões. Apelava ao colega P. Giordani, que sempre se preocupava através da ARS por esses problemas, visse da possibilidade de fazer algo. O vereador P. Giordani, declarou então que averiguaría o problema. Se fôsem pessoas dignas, faría todo o possível. Nada mais havendo, foram levantados os trabalhos.

Anexo L
Ata da sessão nº 148/58

112958

ATA DA 118ª SESSÃO ORDINÁRIA - IIIª LEGISLATURA - 28-IV-58

Aos vinte e oito dias do mês de abril de mil novecentos e cinqüenta e oito, reuniu-se a Câmara Municipal, em sessão ordinária, à hora reglamentar, presentes os vereadores dr. Renan Falcão de Azevedo, presidente; - Bernardino Conte, Hilário Buselatto, 1º e 2º vices; Claudino A. Costa e Padre Olavo Hoffmann, 1º e 2º secretários; dr. Armando A. Biasuz, Luiz Tomazelli, Manoel Ramos de Castilhos, Claudino Peteffi, Humberto Bessanesi, - Nião Travi, Pe. Eugenio Giordani e o suplente Humberto Pasetti, substituindo ao sr. Rivedavis Guimarães. Invocando a proteção de Deus, o senhor Presidente decla. rta instalados os trabalhos e tacitamente aprovada a Ata da sessão anterior com cópias mimeografadas distribuídas entre os senhores vereadores. A seguir, foi procedida a leitura do seguinte

EXPEDIENTE

- Ofício expedido à Associação dos Pais de Família, sediada em Porto Alegre, nos termos da Indicação nº 33/58, do vereador Armando A. Biasuz, apresentando a solidariedade da Câmara ao movimento pela mesma encetado, no intuito de moralização de programa radofônicos gaúchos;
- Telegramas endereçados aos srs. Governador do Estado e Secretários da Fazenda, com ofício estendido ao IIIº Congresso dos Trabalhadores Gaúchos, solicitando o pagamento das quotas de retorno que cabem ao município e que se acham em atraso, conforme indicação ainda do vereador Biasuz, s.d.digo, sob nº 34/58;
- Ofícios dirigidos à Cia. Jornalística Calêas Junior e Adelar Cosner, correspondente desta Cidade, apresentando as congratulações da Casa, pelo transcurso do 22º aniversário da fundação de "Pólis da Tarde", moção essa condensada na Indicação nº 45/58, do vereador Bernardino Conte;
- Ofício de congratulações encaminhado à Mesa diretora do IIIº Congresso dos Trabalhadores Gaúchos, em desenvoltura na Capital do Estado, com o presente Indicação nº 46/58, do vereador Bruno Segalla;
- Ofícios do sr. Prefeito Municipal remetendo cópias da Lei nº 886, digo, 826, sancionada de acordo com o prévio assentimento da Câmara, autorizando o Executivo a adquirir uma gleba de terras próxima a Gethal S.A. para loteamento e venda a pessoas de recursos;
- Ofício ainda do sr. Prefeito submetendo à deliberação da Casa, expediente da lei pretendendo autorização para ceder, a título de usufruto, uma área de terras ao Clube Cassense de Caça e Tiro, situada nas imediações da represa São Miguel;
- Parecer da Comissão de Orçamento e Contas, nº 13/58, lançado sobre processo nº XX/58, originário do Executivo, pedindo um crédito especial de R\$ 73.412,40, para pagamento de juros sobre saldo credor da C.E.F.E., proveniente de financiamento sobre extensão de rede elétrica ao distrito da Fazenda Souza;
- Agradecimento de firma local Figozzi, Cipolla & Cia. Ltda., pelas congratulações que foram transmitidas ao ensejo do transcurso de seu terceiro aniversário da fundação, nos termos da Indicação nº 25/58, do vereador Bruno Segalla; e
- Indicação nº 49/58, subscrita pelos componentes da bancada do P.T.B., contendo mensagem pelo transcurso do dia 1º de maio.

.....

- 2 -

Fim da leitura, foi anunciada :

ORDEM DO DIA

quando o vereador Conte, falando pela ordem, solicitou urgência ao expediente com indicação de sua autoria, objetivando substituição de nome da rua Castro Alves, por La Salle. O vereador Castilhos, falando também pela ordem, disse que o assunto em tela já fora rejeitado na sessão anterior e não caberia novo pedido. O vereador Conte, declarou que somente era dado na mesma sessão, porém, doravante solicitaria urgência em todas as sessões se isso fosse necessário. O sr. Presidente, anunciou então que aquela matéria se achava na pauta dos trabalhos. Foi apreciado então o parecer 8/58, exarado sobre o processo XIII/58, com expediente de lei intentando troca de denominação à rua Castro Alves. O vereador Travi, como relator, sustentou o parecer da C.P.R. dizendo que embora julgando justo o que pretendia o autor do projeto, faze existir um processo objetivando dar a denominação a muitas ruas, julgava oportuno baixar-se o expediente junto ao outro para ser discutido então. Disse mais, que não pretende com isso diminuir o colega Conte, nos seus méritos, como autor da iniciativa, mas para ganhar-se tempo, devia ser condensado naquele expediente. O vereador Conte, usando a palavra, inicialmente criticou o colega Niló Travi, por não ter-lhe permitido usar antes a palavra, de acordo com o artigo 54 do Regimento Interno. O vereador Travi, declarou então que era norma nesta Casa, o relator falar em primeiro lugar, travando-se debate em torno disso entre ambos os vereadores, um tanto acirrados. Prosseguindo o vereador Conte, declarou que ficara magoado quando na última sessão lhe foi negada pelo plenário, a urgência solicitada para discussão da matéria, embora justificasse então que estando os irmãos laicalistas comemorando as festividades de seu Jubileu de Ouro de profícuos, digo, profícuos trabalhos no setor da instrução, pretendia com seu projeto, prestar-lhes uma homenagem, como reconhecimento aos benefícios prestados a nossa Cidade por aquela Ordem. Prosseguindo em sua exposição, o orador declarou que seu projeto não tinha objetivo de provocar discursos hesterais nesta Casa, mas simplesmente para homenagear os irmãos laicalistas e ao seu fundador São João Batista de La Salle, professores êsses que abandonando suas famílias, abandonando ao próprio mundo, ha cincoenta e seis anos haviam deixado a Europa para colaborar com seus conhecimentos ao ensino, à instrução do povo brasileiro. No próximo domingo, seria lançada a pedra angular de novo Ginásio a ser brevemente construído em S. Pellegrino, pela Congregação La Salle, o qual seria motivo de alegria a todos os caxienses, porquanto comportaria em suas amplas instalações 2 alunos, digo, dois mil alunos. E, êste colégio seria instalado justamente a rua Castro Alves. Por isso, seria uma homenagem que esta Casa e o Município prestaría a João Batista de La Salle e ao mesmo tempo os irmãos laicalis

.....

.....

- 3 -

tas, pelos relevantes serviços prestados à instrução de nossa mocidade.- Incluir-se êste projeto no outro, não saberia, sendo um assunto divorciado stê do outro, porquanto àquele objetiva-se dar denominação a ruas sem nome enquanto êste visava substituir o nome de uma rua. Ademais, reconhecendo que Castro Alves foi um grande poeta brasileiro, admirado por todos, seria aproveitado seu nome, em homenagem também àquela grande brasileiro, noutra rua ou logradouro da cidade. Disse mais o orador, que possuía um abaixo assinado, onde chefes de família moradores naquela rua, solicitavam a mudança de nome daquela rua, para São João Baptista de La Salle. Leu, então, o abaixo assinado, após o que disse que o desejo não era amente de iniciativa de um vereador, mas dos próprios moradores. Na segunda discussão, acrescentou o orador, traria maiores detalhes sobre a matéria, disse concluindo. O vereador Buselatto, com a palavra, disse que quando pela primeira vez tivera conhecimento do projeto, manifestou-se contrário, particularmente ao colega Conte, por entente que relegar o nome de Castro Alves seria quase uma afronta aos brasileiros, por ser uma expressão da poesia nacional. No entanto, como o colega Conte tivesse trazido a esta Casa um memorial manifestando o desejo dos moradores daquela rua, e como sempre acata-se aos desejos do povo, concordava com essa homenagem aos lassalistas. Era, antes disso, sua intenção votar contra. Travaram-se então debates entre o vereador Conte e Travi. O vereador Buselatto, prosseguindo, disse que o nome da rua já era treçio, digo, tradicional, mas o povo era quem pedía e estava sempre disposto curvar-se antes as reivindicações populares. Ademais, como fôsse realizada festividade no próximo domingo, em hon, digo, com o lançamento de pedra fundamental, concordava com o projeto, mesmo porque seria homenageado Castro Alves, de outra forma. O vereador Bassanesi, usando a palavra, a seguir, disse que se estava fazendo tempestade num copo d'água. Acreditava se poderia chegar a uma conclusão favorável. Os irmãos lassalistas, cujo patrono era Batista de La Salle, nos haviam educado e estavam educando nossos filhos. Merecia portanto a homenagem que se pretendia prestar, pois era o patrono de todos os professores brasileiros. O vereador Travi, em aparte, dirigiu-se ao colega Ramos de Castilhos, indagando quando sua senhoria apresentaria parecer ao projeto dando denominações de ruas. O vereador Castilhos, disse que possivelmente dentro de oito dias. O vereador Bassanesi, prosseguindo, declarou que não obstante acreditar que o parecer do sr. Castilhos seria criterioso, tinha a impressão que sua aprovação demandaria algum tempo, porquanto devia ser bem analisado. Particularmente já adiantava a intenção de solicitar vistas a matéria, porquanto desejava estudá-lo. Haviam ruas em Caxias, com nomes de pessoas que não o mereciam, porquanto nada tinham de especial. Por isso, expediente desta ordem, devia passar por um crivo. Prosseguindo, disse o orador que São João Baptista de La Sa

.....

..... - 4 -

le e os irmãos lassalistas, pela sua grande obra mereciam a homenagem. O vereador Conte, em aparte, disse que falando com um irmão, ouviu do mesmo que sendo incluído em projeto geral sobre ruas, não seria uma homenagem do Legislativo. O vereador Bassanesi, continuando, disse que devíamos dar estímulo aos irmãos lassalistas e para isso, era justificável se aprovasse isoladamente a denominação da rua. Travaram-se após, debates entre o vereador e o vereador Travi, tendo este declarado que concordaria com a homenagem da Casa, em projeto especial, mas então era preciso um projeto de todo o Legislativo, subscrito por todos os vereadores. O vereador Bassanesi, declarou então que essa homenagem em conjunto daria numa moção no que subscreveria com prazer se o colega Travi quizesse apresentá-la. Prosseguiu, o vereador Bassanesi, declarou que sempre apoiara as indicações e outros trabalhos da bancada do P.D.C. e se neste caso o vereador Conte se antecipara aos demais, não seria justo deixar-se de aprovar pelo fato de ter sido ele o autor. Como se pretendia homenagear ao fundador da Ordem lassalista e a grande missão desenvolvida no ensino, não caberia aqui colocar-se o assunto como o colocou a Comissão relatora, porquanto para esta homenagem era oportuno um projeto especial. Em conjunto, perderia sua expressão. Quanto a Castro Alves, figura que sempre nos honraria com seus versos, devia ser também homenageado, emprestando-se seu nome a outro local. O vereador Conte, em aparte, disse que se sentia aliviado por ter o vereador Travi afirmado que apoiaria um projeto se fosse de toda a Casa. O vereador Travi, intervindo, disse que o colega Conte pretendia fazer demagogia, embora numa coisa justa. O vereador Conte, dirigiu-se então ao vereador Travi, dizendo ser sua senhoria demagógica, incoerente e infantil. Travaram-se debates acalorados entre ambos os vereadores, após o que prosseguiu o vereador Bassanesi dizendo que era justa a homenagem que se pretendia prestar e se o vereador Travi julgasse que o projeto tivesse alguma intenção política, talvez tivesse mesmo, mas sucedia que as indicações suas e de sua bancada, também tinham. Logo, se os objetivos fossem bons no que o próprio vereador Travi afirmara reconhecer, devia-se aprovar. Apela por isso ao colega Travi, mormente por ser a bancada do mesmo, pródigo em apresentar indicações, desse apoio ao projeto, porquanto se houve sempre preocupações políticas dessa ordem, pouco se poderia aprovar e pouco se faria nesta Casa. O vereador Biasuz, com a palavra, manifestou o apoio de sua bancada, dizendo da grandiosidade da obra lassalista no sul do País, desde há 50 anos. O nome de Castro Alves, seria também mantido em evidência, noutro local. Ficou a matéria para segunda discussão. Ia ser apreciado o processo objetivando doação de terreno municipal ao Bangú, tendo o sr. Presidente declarado que o Clube interessado solicitara adiamento por desejar apresentar novos detalhes. Por isso, submetia o pedido de adiamento à aprovação da Casa. Votado, foi adiado, pela manifestação unânime do plenário. Foi apreciado a seguir, o processo XXI/58, contem

.....

- 5 -

.....

do projeto do Executivo pedindo de abertura de crédito especial, para pagamento de publicidade feita em 1957, pela Prefeitura, na Rádio Caxias do Sul. Com a palavra o vereador Biasuz, relator, expôs em termos o parecer dizendo que não comportava maiores discussões, nesta primeira discussão. Em primeira discussão, foi apreciado e seguir o Processo XVII/58, com projeto do Executivo, objetivando também abertura de crédito especial, para pagamento de diferença salarial de R\$ 1.804,00 ao funcionário Valter Albi no Vieira. O vereador Hoffmann, relator declarou que era justo o projeto porquanto o funcionário era menor, com vencimentos de R\$ 1.800,00 mensais. Como no entanto, não se tratava de aprendiz profissional, como a lei previa para os sujeitos a percepção de metade dos vencimentos e portanto com direito ao salário integral. Por isso, era uma questão de direito e era necessário apenas sacramentar o projeto. Em primeira discussão, foi apreciado imediatamente após, o processo XVIII/58, também com projeto do Executivo, pedindo autorização para abertura de crédito de R\$ 8.650,00 para pagamento de gratificação adicional ao servidor Lino R. Ah. Com a palavra o vereador Hoffmann, relator, disse sua senhoria que como o anterior tratava-se de regularizar direito líquido e certo de um servidor e por isso precisava-se regularizar a situação através de uma pergunta do vereador Trevi, intervindo o vereador Pasetti declarou que era previsto em lei a gratificação adicional por tempo de serviço. Também em primeira discussão, foi apreciado o processo XX/58, abrindo crédito especial de R\$ 73.412,40 para pagamento de juros a C.F.A.E., referente a juros sobre financiamentos de rede elétrica de Fazenda Souza. O vereador Bassanesi, com a palavra, como relator, sustentou o parecer, dizendo que na legislatura passada fora aprovado um auxílio ao distrito de Fazenda Souza, para extensão de rede elétrica. A Prefeitura entanto, não aplicou aquela quantia, porquanto os moradores desembolsaram o necessário para o serviço. Porém, aqueles que financiaram, solicitam agora o juro na taxa de 8%, o que achava justo e razoável, sendo mesmo que a Prefeitura teve vantagem em não necessitar o desembolso da quantia. Após alguns debates, em plenário, ficou a matéria para segunda discussão. Foi e seguir, apreciado em primeira discussão, projeto de lei intentando a modificação de feriados religiosos. Lido o expediente, usou a palavra o vereador Ramos de Castilhos que declarou que sem entrar no mérito do projeto do vereador Mancuso, o mesmo objetivava excluir dois feriados religiosos, incluindo outros dois. Não fosse a situação harmoniosa existente entre trabalhadores e empregadores, talvez pensasse então em modificá-los a Lei que regulamentava os feriados municipais. Como havia um clima de compreensão, pois jamais soubera de qualquer atrito entre as partes patronal e empregados com relação a lei 1116, vigente há 9 anos. Face a isso, a modificação proposta cairia num círculo visioso, pois como atualmente haviam acordos entre as duas classes, para não trabalharem nos dias de sexta-feira Santa e Reis,

.....

- 6 -

quando perderiam o dia, mas percebiam os salários referentes ao descanso semanal remunerado, com a modificação, sucederia que tais acordos seriam feitos nos outros dias: 6 de janeiro e Sexta Feira da Paixão. Face a isso, lhe parecia inoportuno o projeto, diante do que, a C.P.R., embora tendo o autor, vereador Mancuso instruído o volumoso processo com correspondência de 76 municípios, dando a relação dos feriados municipais, dentre os quais, inúmeros tinham como feriado nos dias 2 de novembro e Sexta Feira da Paixão. Ademais, sucedia que 1º de novembro e 6 de janeiro, eram também dias de alto sentido. Por isso, não se justificava excluir dois de grande significação, mormente sob ponto de vista religioso, para incluir-se outros dois, embora também de alto sentido. Considerava-se também, disse concluindo, jamais terem se registrados atritos que pudessem orientar doutra forma. O vereador Hoffmann, com a palavra, disse que sem prejuizo da primeira discussão, iria pedir vistas ao processo. Em segundo lugar, desejava manifestar suas congratulações ao vereador Mancuso por apresentar tão oportuno e brilhante projeto, o qual, acreditava seria aprovado pela Casa. Como argumentava o autor, a maioria dos municípios tinham na relação de seus feriados, os dias de Finados e Sexta Feira Santa. Sempre havia protesto da parte dos operários. O vereador Castilhos, em aparte, declarou que acreditava não trabalhariam nos outros dois dias santos, se modificada a lei. O vereador Bassanesi, intervindo, disse que a modificação seria o mesmo que costurar o saco de um lado e abrir-se um furo no outro. O vereador Hoffmann, disse também ser lamentável tivessem excluído a Festa de Santa Thereza, a qual por sua tradição era festejada pelos caxienses, sendo dia mesmo para extrêia de roupa nova. O vereador Bassanesi em novo aparte, disse que os dois dias que se pretendia excluir, eram dias de guarda, reconhecidos pela Igreja. Sua exclusão do rol dos feriados criaria um problema de consciência. O vereador Te. Giordani, intervindo, dirigiu-se ao vereador Hoffmann, dizendo que Santa Thereza jamais fôra dia de guarda e não tinha relação entre roupa nova e religião. O vereador Bissuz, intervindo no debate, declarou que Santa Thereza era festa de tradição. Quanto a Finados, era um dia que todos desejavam venerar seus mortos enquanto dia de Reis, para os empregados não tinha tanta significação. Sob o aspecto religioso, realmente havia circunstâncias que levavam a respeitar os dias de guarda, mas observado sob o interesse dos trabalhadores, Finados era mais importante. Houveram debates em plenário, tendo em prosseguimento, o vereador Hoffmann declarado que discordava do parecer, por ser contrário a vontade da maioria esmagadora do povo caxiense. O vereador Castilhos, em aparte, disse discordar quanto a maioria do povo caxiense, porquanto mesmo jamais se tomara conhecimento da reclamação de parte de qualquer sindicato, sobre o assunto. Havia, isto sim, harmonia entre empregados e patrões, nos acordos para não se trabalhar naque

- 7 -

.....

nesse dia. O vereador Hoffmann, prosseguindo, disse que concordava com a modificação e apelava ao P.S.D., permitisse que o suplente Mancuso assumisse para sustentar seu projeto na segunda discussão. O vereador Tomazelli intervindo, declarou então que a bancada do P.S.D. pensava diferentemente do autor do projeto e votaria contra, no que o vereador Pasetti, declarou que se tratava de iniciativa particular do sr. Mancuso. O vereador Biasini, folhando o processo, declarou que nas informações de outros municípios, dos 36 que verificara, nenhum tinha como feriado o Dia de Reis. O vereador Bassanesi, intervindo, disse que estavam errados e devia-se agir de acordo com a consciência. Travaram-se debates em plenário, tendo o vereador Castilhos, desafiado ao sr. Hoffmann a provar que maioria esmagadora dos caxienses concordavam com a modificação. O vereador Hoffmann, declarou então que se necessário traria memorial onde 80% dos trabalhadores assinariam. O vereador Pe. Giordani, indagou se um operário católico poderia trabalhar naqueles dias, ao que respondeu o vereador Hoffmann, afirmativamente. O vereador Pe. Giordani, disse então que o colega vedava, digo, o colega ignorava que a Igreja vedava o trabalho nos dias de guarda. O vereador Bassanesi, fez observação da presidência da qual o vereador Stedile apresentara igual projeto na legislatura passada, declarou que na administração Corzatti, também fora aberta a questão face ao pedido de uma comissão que estivera na Casa. Ele e o sr. Pery Paternoster, estudando o assunto, entraram em contato com o então Bispo Diocesano, D. José Baréa, quando examinaram o problema sob ponto de vista religioso. Sua Ex.ª Rev.ª. fez questão cerrada então em manter-se como feriado os dias de guarda. Isso, embora também desejasse para Sexta Feira Santa e Finaidos, porém, diante do fato de ser possível somente 7 feriados municipais, preferiu os dias de guarda. E, em questões de religião, ninguém melhor do que um Bispo. Haviam muitos operários católicos, em Caxias e por isso era oportuno deixar-se as coisas como se apresentavam. Acreditava mesmo que um plebiscito derrotaria o colega Hoffmann. Encerrada a primeira discussão, foi concedido vistas à matéria, ao vereador Hoffmann. A seguir, foi aprovada por unanimidade, uma Indicação da bancada do P.T.B., contendo mensagem da Casa, através das Rádios locais, aos trabalhadores, pela passagem do Dia do Trabalho, a 1ª de Maio, indicação essa que foi justificada pelo seu autor. Fim da ordem do dia, o sr. presidente colocou a palavra a disposição, para as

EXPLICAÇÕES PESSOAIS

O vereador Hoffmann, comunicou ter apresentado Indicação, aprovada em 2 de abril de 1956, solicitando ao Secretário do Interior, construção de um presídio para Caxias. Hoje, a imprensa Porto Alegrense, publicava ter sido encaminhadas mensagens do Governador à Assembléia versando sobre melhoramentos de presídios, porém Caxias fora relegada ao esquecimento. Disse mais o orador, que em 9.3.56, solicitara ao Estado, condições de trafegabi

- 8 -

.....

lidade, a estrada Rio Branco, ligando o distrito de Criúva com a estrada Federal, próximamente ao município de Vacaria. Respondeu a Secretaria das Obras Públicas que a referida estrada achava-se excluída do plano rodoviário. A Prefeitura havia gasto dinheiro para recuperação da ponte existente no município de Caxias, e estava inaproveitável. Por isso, na próxima sessão apresentaria indicações tratando sobre os dois assuntos. Em último lugar, disse o orador, congratulava-se com os moradores de Vila Oliva por contarem com melhoramento de energia elétrica. No ano passado, em troca com indicação recomendando ao sr. Prefeito, fosse atendido aquele distrito e sua senhoria em contato com os moradores, resolveu em comum a questão e em breve seria inaugurado o fornecimento de luz e força. O vereador Ramos de Castilhos, ocupou a tribuna a seguir, dizendo que não pretendia inscrever-se, mas como viu na lista dos oradores o nome do colega Hoffmann, o qual habitualmente fazia críticas ou acusações, inscreveu-se para defender, digo, responder. Quanto a estrada Rio Branco, os estudos estavam concluídos e dentro de 30 dias - poderia assegurar - estariam iniciados. Ao chegarem máquinas que o Estado estava esperando, iriam diretamente àquele local. Iriam efetivamente, não como acontecera quando da administração Daniel Ribeiro, no governo Dornelles que prometeu e não realizou. O vereador Hoffmann, em aparte, disse que se congratulava com a SOP se realizado o serviço. Como o pedido feito no ano passado, fôra encaminhado através de representantes trabalhistas, a resposta foi de que estaria fora do plano rodoviário. O vereador Biazus, intervindo no debate, declarou que no governo de Dornelles, quando recuperada a ponte, Caxias do Sul, trabalhou e gastou dinheiro na estrada dentro de nosso município. Vacaria entretanto, por questões tra, digo, políticas, entrou sua concretização. O vereador Castilhos, prosseguindo, disse que era velha aspiração e poderia afirmar que dentro de 30 dias seria iniciada, e que representava mais um grande trabalho do Governo Estadual para aquela região, zona de futuro, pela sua produção e progresso. O vereador Bassanezi, em aparte, disse que ademais era esta uma época oportuna para fazer-se trabalhos desta ordem, ao que o orador respondeu que o Governo do Estado não era candidato a coisa alguma. Prosseguindo, o orador declarou que quanto a cadaia civil local, dependia de doação de terreno de parte do município. Logo fôsse doado terreno o governo do Estado realizaria o trabalho. E se não fôsse doado um terreno, ao que parece seria feito da mesma forma, porquanto lhe parecia que o Estado cogitava da construção nos terrenos da Estação Experimental. Por isso o colega Hoffmann não teria que esperar muito para esse melhoramento também. O Governo atual, vinha fazendo uma das melhores administrações já havidas no Rio Grande do Sul, disse concluindo. O vereador Conte, foi o orador seguinte, dizendo possuir um livro do escritor Duminense Paranhos Antunes, sobre Caxias do Sul, historiando o

.....

- 9 -

.....

município desde seus primórdios, abordando sua vida no terreno material ou espiritual. Reverenciava inclusive aqueles vultos que tomaram no me-
 do do caminho. Como nossa função, disse o orador, não era somente de legis-
 lar, mas também devia-se estimular aqueles que faziam algo de útil, dese-
 java fazer consignar nos anais da Casa, um voto de congratulações ao tra-
 balho desse escritor, fazendo votos que sua senhoria produza novas obras
 desta natureza. O vereador Bassanesi, em apêrte, indagou se não fora dado
 um auxílio desta Casa para a realização da obra e disse que o sr. João S.
 padari Adami também estava preparando um trabalho histórico sobre Caxias.
 Aquela escritor também devia ter encaminhado um pedido a esta Casa e não
 fora atendido. O trabalho do sr. Adami, seria elevado, porquanto estava co-
 letando dados há muitos anos, para realizar uma obra completa. O vereador
 Conte, encerrou se congratulando com o sr. Paranhos Antunes, dizendo que o
 fazia porquanto sua senhoria receberia certamente com agrado essa mani-
 festação do legislativo caxiense. O vereador seguinte, foi o sr. dr. Arnan-
 do Biazuz, dizendo sua senhoria que quando nosso País encetou seus primei-
 ros passos para a industrialização, o então governo de Getulio Vargas
 conseguiu com o presidente americano Roosevelt, a importação de materi-
 ais e tudo que necessário para instalação de Volta Redonda. Posteriormente
 foi instalada a Fábrica Nacional de Motores, dos caminhões já afamados
 marca FNM, a qual foi a salvação do transporte rodoviário de cargas em
 nosso País nos últimos anos. Há dias, verificou na Revista de Economia e
 Finanças que estaria havendo infiltração política nessas organizações -
 de tão grande importância para a economia nacional. A FNM já se achava -
 nas mãos de políticos. E, como resultado disso, encontrava-se já em situa-
 ção precária, quando todos sabiam que a organização anterior, a mantivera
 sempre próspera e produtiva. Agora, já cogitavam para evitar maior preju-
 izo, aumentar os caminhões em 50%, o que muito viria prejudicar a econo-
 mia do País. Não bastando a interferência desses grupos, na FNM, queriam
 agora apossar-se da Usina de Volta Redonda, havendo pressão para o afe-
 tamento do sr. Macedo Soares, o qual tivera até o momento uma administra-
 ção eficiente e produtiva. Solicitaria por isso, apêo da Casa para mani-
 festação e ser feita em Indicação que apresentaria na próxima sessão, so-
 licitando ao Presidente da República, evite @.Ex^a: a interferência desses
 grupos político-econômicos, como do Lafer e outros. Como o sr. Juscelino -
 de Oliveira tivesse capacidade de construir Brasília, o teria certamente
 para proteger também essas indústrias vitais no desenvolvimento do País.
 Nada mais havendo, foram levantados os trabalhos.

Anexo M
Ata da sessão nº 149/58

112958

ATA DA 119ª SESSÃO ORDINÁRIA - LIIIª LEGISLATIVA - 2-V-58

Aos dois dias do mês de maio de mil novecentos e cinquenta e oito, reuniu-se a Câmara Municipal, em sessão ordinária, à hora regimental, e com a presença dos vereadores dr. Renan Falcão de Azevedo, presidente; Bernardino Conte e Hilário J. Buscetto, 1ª e 2ª vices; Claudino A. Costa e Pedro Clavo Hoffmann, 1ª e 2ª secretários; dr. Armando A. Bissuz, Mario Rosa, Manoel Ramos de Castilhos, Humberto Bassanesi, Bruno Segalla, Nilo Travi, Claudino Peteffi, Dr. Eugenio Giordani e o suplente Humberto Pasetti. Invocando à proteção de Deus, o sr. Presidente declarou instalados os trabalhos e tacitamente aprovada a ata da sessão anterior com cópias mimeografadas distribuídas entre os senhores vereadores. A seguir, procedeu-se a leitura do seguinte

EXPEDIENTE

- Ofício remetendo ao sr. Prefeito o demonstrativo da despesa da Casa, referente ao mês de abril findo, cujo dispêndio alcançou cifra de R\$ 6.300,00;
- Ofícios expedidos aos srs. Presidente da República, Presidente do Senado e Câmara Federal e Conselho da Superintendência da Moeda e do Crédito, com vistas ao assunto objeto da indicação nº 24/58, do vereador Bruno Segalla, apelando para a revogação da instrução da SUMOC, permitindo a instalação, no Brasil, do maior truste de látex do mundo, representado pela American Can;
- Nota oficial distribuída às emissoras locais, com ofícios dos b. digos, - nos Sindicatos Reunidos de Coxias e Galopônia, referentemente ao Dia do Trabalho;
- Ofício do sr. Prefeito Municipal remetendo cópias dos balanços da Receita e da Despesa dos meses de novembro e dezembro de 1957, e janeiro e fevereiro de 1958;
- Ofícios encaminhando à deliberação da Casa, os seguintes projetos de leis propondo reajustamento de vencimentos do funcionalismo público municipal, a partir de 1º de maio; propondo abertura de um crédito especial, de R\$ 7.500,00, para pagamento de indenização ao sr. João Cemin, - por prejuízos decorrentes de abertura de uma estrada ligando São Virgílio ao Loreto; - e projeto de lei dependendo autorização para arrendamento de um terreno do município à firma Bay & Cia. Ltda;
- Ofício ainda do sr. Prefeito Municipal em resposta ao assunto da indicação nº 147557, do vereador Manoel Ramos de Castilhos, pedindo providências ao Executivo para remoção de um tapume existente em uma estrada do distrito de São Marcos;
- Ofício da SCAN comunicando a constituição de sua Diretoria para o período de 1958/1959;
- Foneograma do sr. Secretário da Fazenda do Estado, comunicando, em atenção a pedido da Casa, que a mesma aguarda prometida entrega de dinheiro do Ministério da Fazenda, para atender o pagamento das quotas de retorno do Estado ao Município e que se acham em atraso;
- Cartão de Livraria São Paulo, desta cidade, orientando encontrar-se a disposição do público cariense um livro novo, escrito e editado em Coxias, sob o título "Ensaio Sobre Origem da Lua e dos Mares";
- Memorial do sr. Décio Viana, alongando considerações contrárias à substituição da rua Castro Alves por rua La Salle, consoante processo em andamento na Casa;

.....

.....

- 2 -

- Circular, digo, circular da Organização CARI de Santa Maria, pedindo autorização para ser inserto no jornal "A Razão" daquela cidade, o nome da Câmara Municipal de Caxias do Sul, na edição comemorativa ao Centenário da Instalação do primeiro Conselho Municipal de Santa Maria, a circular em 17 de maio corrente;
- Convite dos Irmãos Lassalistas desta cidade para a cerimônia de lançamento da pedra fundamental do novo Ginásio La Salle, a ser erguido no bairro de São Pelegrino, solenidade essa a ter lugar no dia 4 do corrente;
- Indicações do vereador Hilário José Buselatto, nºs. 50/58, e 51/58, a primeira contendo pedido de informações ao sr. Prefeito Municipal, acerca da emissão de promissórias pelo financiamento feito para a construção da Hidráulica de Galópolis, e a segunda solicitando oficialmente ao sr. Diretor de C.F.E.F., condensando apelo para a instalação de uma sub-estação de energia elétrica no distrito de Galópolis, pois que a respectiva rede já se encontra praticamente concluída.-

Fim de esta parte, foi anunciada a

ORDEM DO DIA

A qual teve início com a apreciação em segunda discussão do processo nº XVII/58, contendo projeto do Executivo, abrindo crédito especial de R\$. 1.804,00 para pagamento de diferença salarial de Walter Albino Vieira. O vereador Hoffmann, em primeira discussão, declarou já haver feito exposição do parecer na primeira discussão, sendo direito líquido e certo do funcionário, que esta Casa deveria sacramentar. Votado o projeto, foi aprovado unanimemente. Em segunda discussão, foi apreciado imediatamente após, o processo XXI/58, também com projeto oriundo do Executivo pedindo a autorização para abertura de crédito especial de R\$. 580,00 para pagamento de dívidas com a Rádio Caxias do Sul. O vereador Bassanezi, relator, disse tratar-se de conta que dependendo de acerto no fim do exercício anterior, não foi liquidada então e como não havia verba orçamentária era necessário a abertura de crédito, com reduções de outras dotações. O vereador Rosa, como desejasse saber que publicidade havia sido feita de terminando aquele débito, solicitou vistas ao processo, requerendo adiamento de discussão, que posto em votação, foi aprovado. Em segunda discussão, foi apreciado a seguir, processo XVIII/58, também originário do Executivo, com projeto objetivando abertura de crédito especial de R\$. 465,00 para pagamento de gratificação adicional ao servidor Lino Rech. Com a palavra, o relator, vereador Hoffmann, disse sua senhoria tratar-se de outro caso a regularizar com um servidor que pelo seu tempo de serviço fizera já a gratificação adicional sobre os vencimentos de 1956, no valor de R\$. 465,00. A partir de janeiro de 1957 até o momento, o adicional vinha sendo pago, sendo necessário regularizar-se a quantia constante do expediente de lei, por ser de outro exercício. O vereador Mario Rosa, usando a palavra, disse que nem mesmo não tinha conhecimento disso, porém era justo que um funcionário com 15 anos de serviço tivesse tal aumento. Votado o projeto, foi por unanimidade aprovado. Logo após, foi apreciado projeto -

.....

- 3 -

.....

da lei intentando pagamento de juros sobre financiamento de rede elétrica feita no distrito de Fazenda Souza. O vereador Bassanesi, com a palavra, como relator, sustentou seu parecer, dizendo que a Prefeitura assumira na legislatura passada o compromisso de financiar com R\$150.000,00 a extensão da rede elétrica para o distrito de Fazenda Souza, bem como para pagamento de juros ao restante da quantia necessária, que seria desembolsada pelos moradores. Como o valor com que se outizaram os moradores, foi suficiente para cobertura da despesa, não foi necessário o desembolso dos 150 mil cruzeiros pelos cofres do município, embora fôsse preciso doravante pagar-se os juros na base de 8% ao ano. Seria um ônus para vários anos, disse o orador, porquanto a CEEE faria o ressarcimento daquele valor através de 50% do consumo de luz, o que demandaria alguns anos. No entanto, por outro lado fôra beneficiada a Prefeitura, por não necessitar emprestar o dinheiro. O vereador Conte, poderia oferecer maiores explicações, disse finalizando, porquanto já tivera oportunidade de relatar inúmeros expedientes desta ordem. O vereador Conte, explicou então que o financiamento feito à Fazenda Souza, não fôra nas mesmas bases dos demais, pois o Município assumiria encargo de pagar os juros sobre o montante do financiamento aos moradores, enquanto a C.E., não pagava juros à Municipalidade. Seria portanto, um encargo pesado, por vários anos. Acreditava que por um lapso o Diretor de Fazenda não incluía no orçamento, pois havia lei especial sobre o assunto e deveria constar na lei de meios. -

Votado o projeto, foi aprovado por unanimidade. Em segunda discussão, foi apreciado a seguir o processo XIII/58, contendo projeto do vereador Conte, objetivando mudança de nome da rua Castro Alves, para La Salle. O vereador Travi, relator, após declara que na última sessão fôre muito debatida a matéria, declarou que embora as conclusões do parecer fôsem de atender oportunamente ao pretendido pelo autor do projeto, agora sua bancada através do Pe. Giordani, apresentaria substitutivo que atenderia em parte os objetivos do projeto. Lido o substitutivo, usou da palavra o vereador Bispoz, dizendo que o colega Travi declarara que desde que o projeto fôsse de autoria da Casa, sua senhoria concordaria, porquanto tinha receio que o projeto tivesse objetivos políticos. O vereador Travi, declarou então que não pretendia diminuir o mérito do autor do projeto quando declarou sua concordância num projeto em conjunto. Em aparte, o vereador Conte, disse não haver objetivo político e se o colega Travi, mantivesse a palavra, concordava que todos subscrevessem o projeto, a princípio de sua senhoria. Com isso provaria não haver intenções políticas. Era desagradável tanta celaume em torno disso. O vereador Travi, prosseguindo sua oração, disse que o rumo dos acontecimentos havia mudado hoje, quando o processo se apresentava sob outros aspectos. Inclusive face ao substitutivo de sua bancada que subscrevera. O vereador Conte, usando a palavra

.....

- 4 -

.....

delecion que na leitura do expediente ouvira a leitura de carta enviada pelo sr. Dúcio Vianna e suas considerações eram dignas de nosso respeito e particularmente tinha-lhe admiração de seus escritos. Tinha, entanto, a impressão de que sua senhoria não fôra bem informado a respeito, porquanto na indicação que apresentara juntamente com o projeto, deixava claro o propósito de não desmerecer o grande poeta baiano Castro Alves, cujo nome seria ressaltado noutra rua. Não se pretendia simplesmente tirar a placa de Castro Alves, substituindo-a por La Salle. Apenas pretendia-se prestar homenagem ao fundador dos lassalistas e prestar um preito de reconhecimento àquela obra, quando completasse seu Jubileu de Ouro. Portanto, certamente a certa não iria influir na posição dos vereadores, pois a homenagem a La Salle não iria desmerecer Castro Alves. Quanto ao projeto, em si, prosseguiu o orador, a comissão relatora retirara as conclusões de seu parecer, porquanto apoiou o substitutivo. Não sabia se os demais membros também retirariam, acreditando entanto que sim, pois certamente haviam sido feitos entendimentos. Relativamente à emenda da banqueta do P.D.C., desejava frisar que a idéia de seu projeto não era sua. Fôra dada por um cariense que por oito anos ocupara uma tribuna nesta Casa e por tres anos fôra seu presidente. Fôra aquele cidadão o primeiro presidente da Associação dos ex-alunos lassalistas. Fôra aquele que assinara escritura de doação de um terreno feito pelo município à Ordem dos Irmãos Lassalistas para construção do ginásio que seria ora iniciado. Era ôle, o sr. Leodoro Domingos Moretto. Fôra a seu pedido que apresentara o projeto, e sua senhoria era mais credenciado que qualquer vereador e mesmo de qualquer representante do bairro de São Pelegrino, para fazê-lo. Quando apresentara o projeto, outro objetivo não havia que homenagear ao fundador e a Ordem dos Lassalistas que ne cincuenta anos prestavam relevantes serviços na formação do caráter e cultura de nossa gente, possuindo hoje no Brasil 16 mil professores e 4 mil professores alunos, com um contingente de mais de meio milhão de alunos. E, o objetivo dessa homenagem, era juntamente dar-se o nome de La Salle a rua em que se iria lançada a pedra angular de seu novo ginásio, domingo último. Nenhum objetivo político havia pois, nisso. Se anexado o projeto ao que se achava em poder a Comissão de Petições e Reclamações, poderia bem saber o no Lega Trevi que aquela expediente poderia levar um ou 10 meses para ser resolvido. Ademais, os moradores da rua C. Alves através de memorial solicitavam a mudança. O povo aplaudia a iniciativa porquanto todos em Caxias, ou quase todos haviam passado pelas classes dos irmãos lassalistas. E, a comissão, diante do fracasso do primeiro expediente usado para refutar o projeto, voltaram hoje com novos elementos. Não teria sido votada a mudança de nome de Praça Dante para Ruy, indagou o orador. E, a Praça da Bandeira, por Dante Marquetti. Não seria por isso desmerecido o nome de

.....

- 5 -

.....

Dante Alighieri ou diminuída a Bandeira Nacional quando se fazia uma cópia desses não era para diminuir uns mas apenas para ressaltar a quem se desejasse prestar uma grande homenagem. Ademais, Castro Alves não seria esquecido e sua placa seria colocada noutro local, talvez de maior importância. Se ninguém tomasse tal iniciativa, ele próprio apresentaria projeto para que uma rua tivesse o nome de Castro Alves. Por isso, disse o vereador Conte, podia-se provar o projeto que era o, digo, que era idéia do sr. Moratto e podia-se fazê-lo mesmo em conjunto onde todos assinassem, porquanto o colega Travi declarou que em conjunto assinaria, pois aí não teria receio de haver sem objetivos políticos. O vereador Travi, em aparte, declarou que o colega Conte vinha manhosamente como habitualmente o fazia, torcendo os fatos. Quando declarou aquilo fôra para procurar harmonizar a situação. O vereador Conte, exaltado, disse que não concederia mais apartes, porquanto o colega Travi costumava falar maleducadamente. Travaram-se então debates acalorados obrigando a intervir a Mesa para serenar os ânimos. O vereador Conte, prossequindo, disse que falara serenamente e recebera "patosses". Não iria concordar com o substitutivo. Tratava-se apenas de um expediente para derrubar sua iniciativa. O relator tinha um sentido político estando evidenciando essas intenções no projeto. Declarou na última sessão, como bem registrara a Ata sua concordância em assinar um projeto igual, se coletivo, se de iniciativa da Casa. O vereador Travi, usando a palavra, declarou que o vereador Conte fôra fraco quando, ou melhor, o vereador Conte, prossequindo, declarou que o colega fôra fraco ao fazer aquelas afirmações, contrariando-se após. Pedia por isso, aos vereadores analisarem serenamente o assunto. Não deviam iludir-se por influências que viessem interferir nas decisões da Casa. Havia manifestações dos moradores daquela rua, que valiam mais que uma opinião isolada, embora pudessem esta, representar a opinião de outros também. Contudo, se quisessem poderiam trazer milhares de opiniões iguais a dos moradores da rua Castro Alves. Negou-se contudo receber inúmeras adesões de pessoas que o desejaram. Por isso deviam meditar não procurando atingir suas pessoas se o julgavam desagradável, mas apreciá-lo noutro sentido. Não deviam prejudicar o objetivo, por sua causa. Todos poderiam subcrevê-lo. Seria iniciativa da Casa e o povo de Caxias o aplaudiria. Os irmãos lassalistas seriam por outro lado gratos e teriam o estímulo para prosseguirem em sua grande jornada. Podia, disse finalmente, votarem conscientemente pois o projeto correspondia ao anseio do povo caxiense. O vereador Travi, manifestando-se novamente, disse que seu parecer era claro e não pretendia obstruir a iniciativa Conte. Quando sua senhoria afirmava que eram contrários a denominação daquela rua, se equivoitava. O vereador Biasus, com a palavra, disse que sua bancada considerava o projeto Conte, no sentido de ir de encontro as aspirações gerais, homenageando aos lassalistas

.....

.....

- 6 -

tes. A bancada do P.D.C. por sua vez, apresentou substitutivo para que a dita homenagem seja feita através da substituição da denominação da atual rua Os 18 do Forte. Para contornar a situação, e procurando uma solução que atendesse a ambas as partes, apresentarei agora um substitutivo, pelo qual a rua Castro Alves, receberia o nome de La Salle e a rua Os 18 do Forte passaria a chamar-se Castro Alves. O vereador Conte, declarou concordar. O vereador Pasuz, prosseguindo, disse que a Rua Os 18 do Forte, recebera aquele nome face uma contingência da época, quando 18 homens resistiram às forças do governo de então, porém hoje, tal nome não tinha tanta expressão. O vereador Conte, declarou então uma mais uma vez comprovava estar seu trabalho absolutamente divorciado da política em razão do que concordava com o substitutivo do P.T.B. que atendia seus objetivos. O vereador Pe. Giordani, usou a palavra, e seguiu, dizendo ter falado ontem com um irmão lassalista, tendo aqueles irmãos sido informados que a bancada do P.D.C. era contra a homenagem, na passagem do cinquentenário de fecundas atividades em prol da instrução. Era desagradável isso, pois nada vinha indicar que a bancada fôsse contra a homenagem. Poderia mesmo, discorrer longo tempo sobre a grandiosidade da obra lassalista. Antes mesmo que, digo, de qualquer iniciativa sempre houvera o trabalho daqueles irmãos. Agora, entrava na Casa a primeira impressão da repercussão que causava a mundanã do nome da rua Castro Alves. A opinião daquele escritor era a de muitos. O vereador Conte, aparteando disse que o memorial subscrito por 20 chefes de família também representava a opinião de muitos. Prosseguiu o vereador Pe. Giordani afirmando que substituir o nome de Castro Alves por La Salle seria despir um santo para vestir outro. O melhor portanto seria deixar a Castro Alves, substituindo a Os 18 do Forte por La Salle, pois aquela era um nome sem nenhuma, ou com pouca expressão. Era resultante de uma situação histórica, apenas. Os lassalistas mereciam evidentemente a homenagem, porquanto planejaram a mentalidade na formação de várias gerações, distribuindo educação e cultura. Ademas, justificava-se seu substitutivo, porquanto os lassalistas iniciaram suas atividades em Caxias, precisamente na rua Os 18 do Forte. Era uma rua importante e a homenagem seria grande, expressiva tal como se objetivava a fazer. O vereador Conte, em aparte, disse estreitar que a nobre bancada do P.D.C. se preocupassem com isso logo quando entrara com seu projeto. Se fôsse antes não se preocuparia. Verificava, portanto que o objetivo da bancada do PDC não era homenagear S. João Baptista de La Salle, mas obstruir sua iniciativa. O vereador Pe. Giordani, alegou então que quando apresentara um projeto nesta Casa para a invocação do nome de Deus no início das sessões, o colega Conte apresentara substitutivo também, cortando o primeiro. O vereador Conte, declarou então que sua iniciativa deveu-se a um pedido de vistas que fizera para encontrar uma fórmula concili-

.....

- 7 -

.....

atória face as divergências surgidas. Não ficaria bem que um projeto daqueles fosse aprovado somente por 50% mais um ou rejeitado por igual diferença. Fêzera então substitutivo para obter apoio integral. Não lhe caíram críticas por isso. O vereador Pe. Giordani, em prosseguimento, disse que o colega Conte afirmara que a emenda de sua bancada objetivava destruir sua iniciativa. Se assim fosse entendido, ninguém mais deveria apresentar emendas, nesta Casa. Seu objetivo, foi o de ampliar, deixando o nome de Castro Alves naquela rua, para que todos os alunos ao entrarem ou saírem do colégio, vissem o nome daquele vulto da literatura Pátria. O vereador Bassanesi, usando a palavra, a seguir, disse que na última sessão fizera um apelo para que fosse encarado com serenidade o assunto, a fim de dar-se ao projeto uma aprovação unânime, homenageando assim com entusiasmo, aqueles que nos haviam educado e educavam os filhos. Dado o significado a homenagem, acreditava não comportar a matéria debates acalorados. Se todos os projetos aqui apresentados, fossem obstruídos pelo receio de encerrarem objetivos políticos, pouco se poderia realizar nesta Casa, pois, seriam obstruídos quase todos. Todos os vereadores pertenciam a um determinada corrente política e tinha seus compromissos e suas reivindicações. Se os bons, tivessem também objetivos políticos, seria boa política. Na verdade tais iniciativas prestigiavam seus autores, mas não seria por isso que iríamos ser contrários as boas iniciativas. No caso em tela, embora o vereador Conte informasse tratar-se de idéia do sr. Moretto, quem sabe se não fora por solicitação dos irmãos. O Pe. Giordani, intervindo, informou tratar-se de idéia do irmão Francisco Alberto. O vereador Bassanesi, prosseguindo, disse que a única dificuldade sua era o fato de ser ele pelas tradições. Contudo, aquela rua era nova e não tinha ainda formado tradição. Não iria melindrar ninguém. E, por falar em melindre, prosseguiu o orador, o sr. Dpicio Viens era de uma bravura cínica nesses assuntos. Lembra-se ter sido ele um dos líderes do movimento que impuseram, pelo constrangimento, a mudança do nome da Praça Dente por Ruy Barbosa. Através de movimentos da Liga de Defesa Nacional, hoje, sem nenhuma expressão, mas na evidência naquela época do após guerra e ainda através de manifestações de outras autoridades civis e militares. Não sabia se isso, essas manifestações eram coerentes com seu passado. O vereador Pe. Giordani, falou em despir um santo para vestir outro, mas si, pela iniciativa do P. D. C., vestir-se-ia um e despir-se-iam 18. Quanto ao fato de Os 18 do Forte não terem expressão, a seu ver não via nisso uma homenagem aos homens em si, porquanto estão no anonimato, mas no ato de bravura, no sentido histórico desses 18 homens. Era uma homenagem a bravura do povo brasileiro que sabia lutar quando preciso. Trocar-se o nome daquela rua não lhe parecia a melhor solução. Mexer-se-ia em duas ruas, e demais. Concordeira na mudança de Castro Alves, somente pela grandeza da

.....

a)

- 8 -

.....

homenagem que se pretendia prestar. A melhor solução, a seu ver, seria o projeto original. O vereador Pasetti, em aparte, sugeriu então dar-se logo o nome a uma rua, o de Castro Alves. A São João talvez. O vereador Bassanesi, a seguir, solicitou fôsse suspensa a sessão por cinco minutos a fim de procurarem os vereadores numa forma mais íntima, buscarem solução para o caso. O sr. Presidente, levantou os trabalhos por cinco minutos. Regharta a sessão, o vereador Bassanesi informou não ter sido possível encontrar um denominador comum. Se a decisão não fôsse unânime a homenagem não teria o mesmo sentido, criando mesmo reflexos desagradáveis e constrangimentos aos homenageados. Fazia por isso um apêlo, para que, em nome da harmonia e do bom senso, fôsse adiada a discussão. O vereador Bissuz, manifestou sua concordância. O vereador Travi, disse então que a polémica continuaria e por isso devia ser logo resolvido. No mesmo sentido manifestou-se o vereador Segalla. Votado o pedido de adiamento, foi rejeitado, por maioria, votando vencidos as bancadas do P.T.B. e P.R.P. O vereador Bissuz, face a isso, falado pela ordem disse que mantinha seu substitutivo, porquanto entendia que viria atender aos objetivos de ambas as correntes. O vereador Segalla, apresentou então uma emenda, paralela ao parecer, sendo portanto uma declaração de voto, por escrito, que integrou o processo. Sua declaração era no sentido de que a matéria baixasse à comissão relatora, para que indicasse outra rua para a denominação de Castro Alves. Travaram-se debates sobre a matéria que deveria ser votada em primeiro lugar, levantando-se questões de ordem, em plenário, que o sr. Presidente decidiu fazer votar o parecer, primeiramente. Votado, foi aprovado unanimemente. Finda a ordem do dia, foi posta a palavra a disposição, para

EXPLICAÇÕES PESSOAIS

O vereador Hoffmann, ocupando a tribuna, tecendo críticas contra a descomparencia dos membros do Congresso Nacional que não compareceram a sessão plenária a fim de darem quorum para a votação do projeto de aposentadoria integral. Não excluindo nenhum, fosse de que partido fôsem, os que se afastaram para não dar quorum, mereciam o repúdio dos trabalhadores. Há muitos anos estava em jogo a condição de vida do trabalhador e aqueles que mandigavam votos nas vésperas de eleições, traíam os compromissos assumidos. Os trabalhadores, passaram o dia primeiro de maio, choçados, debilitados com os homens públicos do Congresso Nacional. Por isso, queria deixar registrado e consignado nos anais, seu veemente protesto. Os vereadores Castilhos, Rosa e Segalla, desistiram de seus discursos, face ao adiantado da hora. Nada mais havendo, foram levantados os trabalhos.

Anexo N
Ata da sessão nº 191/58

112958

ATA DA 191ª SESSÃO ORDINÁRIA - IIIª LEGISLATURA - 10-XII-58

Aos primeiro dia do mês de dezembro de mil novecentos e cinquenta e oito, reuniu-se a Câmara Municipal, em sessão ordinária, à hora regimental, presentes os vereadores dr. Renan Falcão de Azevedo, presidente; Bernardino Conte e Hilário J. Buselatto, 1º e 2º vices; Claudino A. Costa e Pedro Olavo Hoffmann, 1º e 2º secretários; Luiz Tomazelli, Pe.º Eugenio Giodani, Manoel Ramos de Castilhos, Claudino Petaffi, Pedro, digo, Rivadavia As Guimarães, Nilo Travi, Bruno Segalls, dr. Armando A. Biasuz e Humberto Bassanesi. Invocando à proteção de Deus, o sr. Presidente declarou instalados os trabalhos e tacitamente aprovada a ata da sessão anterior, com cópias mimeografadas distribuídas entre os srs. vereadores. A seguir, foi procedida a leitura do seguinte

EXPEDIENTE

- 3 Ofícios retornando ao Executivo Municipal, deliberados pela Casa, os processos de sua iniciativa, sob nºs. XXVIII/56 e LXXXIII/58, aquele objetivando crédito especial de R\$ 8.700,00 para pagamento ao servidor Abílio Velho da Luz, e este desejando autorização para a celebração de convênio com a COINCA S.A.;
- Idem, remetendo-lhe para consideração face a Lei recentemente votada, sob nº 865, diversos pedidos de auxílios dirigidos a Câmara, por viúvas de servidores municipais;
 - Idem, enviando o demonstrativo da despesa da Câmara, referente ao mês de novembro, cujo dispêndio foi de R\$ 630,00;
 - Ofício do Revdo. Pe. Mario Luchesi, agradecendo homenagem que lhe foi tributada, pela Casa, por ocasião do transcurso do 19º aniversário de sua ordenação sacerdotal;
 - Telegrama do sr. Deputado Fernando Ferrari, pedindo apressamento na tramitação de processo em que é interessada a Fundação Educacional de Caxias do Sul;
 - Despacho telegráfico do sr. Deputado Armando Falcão, líder e Maioria - na Câmara Federal, reportando-se a solicitação feita através da Indicação nº 207/58, do vereador Hoffmann;
 - Indicação 223/58, do vereador Hoffmann, dirigindo recomendação ao sr. Delegado de Polícia no afã de ser interrompido o tráfego de veículos aos sábados à noite e aos domingos, nas horas de movimento intenso, na quadra fronteira ao Cine Central; e
 - Pareceres da Comissão de Petições e Reclamações, nºs. 46/58 e 47/58, o primeiro emitido sobre o processo nº LXXVIII/58, provindo do Executivo Municipal, pedindo autorização para a alienação de terreno do Bairro Marechal Floriano, gravado com cláusula de inalienabilidade, de Francisco Fernandes Fº para José Berboea, e o segundo lançado sobre o processo LXXXIV/58, também originário do Poder Executivo, intentando doação de lote do Bairro Cinquentenario, a Associação Atlético Banco do Brasil.-

Fim da esta parte, foi anunciado de a

ORDEM DO DIA

que teve início com o processo objetivando alterar a redação do artigo 2º da Lei 865, de novembro p.pdo. O vereador Conte, justificou a procedência do processo, apresentando emenda dando redação definitiva ao artigo que, votada, mereceu aprovação unânime da Casa. Foi apreciado a seguir, em segunda discussão, o processo XLIV/57, contendo projeto de lei, dando

.....

- 2 -

.....

denominação a russa da cidade. O vereador Castilhos, relator do parecer, fez largos comentários a respeito do expediente, à luz do parecer emitido pela Comissão. Foram lidos a seguir, os nomes constantes do projeto e os sugeridos pela Comissão e por várias emendas constantes do processo. O vereador Bassanesi, com a palavra após, alertou que devia-se ter muito cuidado com nomes homenageando pessoas, porquanto, pelos nomes lidos, verificava existirem até alguns com fama de "gatos". Por isso, gostaria de solicitar vistas ao processo, porquanto, conhecia, sem falsa modestia, bem a história de Caxias e desejava examinar os nomes apontados. O vereador Castilhos, procedeu a leitura da nominata elaborada, fazendo inclusive referências à margem, com relação a alguns nomes sugeridos, num total de 247 nomes. Travaram-se debates e comentários generalizados em plenário. O vereador Conte, justificou a seguir sua emenda, apresentando alguns pioneiros, em substituição a nomes indígenas e outros que a própria Comissão reconhecia terem sido incluídos por falta de outros, mas que poderiam ser substituídos. O vereador Bassanesi, declarou então que seguindo-se o critério de pioneirismo, devia-se seguir uma certa ordem, porquanto, existiam nomes de cidadãos caxienses que embora residindo há muitos anos, não poderiam ser apontados como pioneiros. Na Prefeitura, declarou o orador, existiam livros com registros por ordem de chegada dos pioneiros, exceto um que fôra extraviado. Além do critério de pioneirismo, poder-se-iam homenagear outros que se destacaram num ou noutro setor de atividades. Quanto aos pioneiros, entanto, devia-se ver realmente os que eram pioneiros. O vereador Castilhos, informou que brevemente viria outro expediente para mais ou menos 100 novas ruas. Se omitido algum nome, poderia ser incluído naquela expediente. O vereador Giodigo, Pe. Jordani, manifestou restrições quanto ao nome do General Estilac Leal. O vereador Bassanesi, sugeriu então, fôsse lida novamente a nominata, deixando-se como ponto pacífico os casos que não tivessem qualquer restrição e quanto aos demais, deixar-se pendentes até uma próxima sessão, até quando se estudariam certos nomes duvidosos. O vereador Travi, concordou com o pedido de vistas, recomendando ao colega Bassanesi, fôsse breve em seu estudo, pois, a população reclamava o nome das russas. Foi então pela Mesa, procedida a leitura da nominata, sendo apontados em certas parte dos nomes, ficando a maior parte em suspenso para novo exame, após o pedido de vistas do sr. Bassanesi, quando, traria sugestões. O vereador Hoffmann, usou a palavra a seguir, dizendo que com intenção de colaborar com a Comissão, apresentara emenda sugerindo alguns nomes, não tendo sido considerados entanto, os do deputado Sílvio Sanaon e deputado Aramis Silva. Fez então o orador, considerações sobre aqueles homens públicos, exaltando-lhe os méritos. Além de desejar a inclusão destes, sugeriu o orador fôsse homenageado também Antonio Radizai, primeiro ope-

.....

- 3 -

.....

rário do sr. Abramo Eberle, tendo, juntamente com aquele grande pioneiro da indústria cariense, colaborado pelo progresso da MAFSA, lutando ombro a ombro com o saudoso Abramo Eberle. O vereador Bassanesi, sugeriu após uma numa próxima sessão, fôsse debatido secretamente e expediente, em sessão secreta ou em reunião íntima dos vereadores, porquanto, desejava fazer restrições sobre certos nomes e como os mesmos tivessem famílias aqui residentes, não desejava entrar em choque com ninguém. O sr. Presidente declarou então que poderia ser mantida conversação íntima, na sala contigua da Casa, na próxima sessão. O vereador Castilhos, declarou então que a Comissão indicara muitos nomes por sugestão de pessoas, porem concordava que os mesmos deviam passar por um crivo. Concordava, ainda, numa reunião secreta ou reservada pelo menos, para apreciar certos aspectos. Disse mais, o sr. relator que o projeto objetivava ainda alterar alguns nomes de ruas, substituindo-os por outros. Foi então citado o Pagua Monteiro Lohatto, quando o sr. Presidente explicou que o mesmo já tinha seu nome oficializado, através de lei de sua autoria da anterior legislatura. O vereador Pe. Giordani, teceu restrições sobre o nome daquele escritor, porquanto, o mesmo espargira a materialismo, em suas obras, as quais inclusive tinham pesada influência sobre as crianças. Sobre as sugestões sobre o Largo de São Pelegrino, para Largo da Constituição, sugestão da bancada do P.S.P; Largo Frei Pacífico, sugestão da bancada do P.D.C. e Largo La Salle, sugestão da Comissão, o vereador Bassanesi, declarou que por um princípio de tradicionalismo, deviam ser oficializado o nome de Bairro de São Pelegrino, como era conhecido tradicionalmente. O vereador Travi, explicou que a Comissão, diante das várias sugestões, optara pelo nome La Salle, mesmo face a outro expediente, incorporado ao presente, objetivando substituir para La Salle a atual rua Castro Alva. Treveram-se debates generalizados, após o que, o vereador Pe. Giordani, referindo-se ainda aos nomes de ruas, concordava com o vereador Bassanesi em recuar-se em busca de nomes, porquanto, nomes muito próximos aos correntes dias, poderiam produzir choques. Como nomes de pioneiros, numa ordem de precedência, achar-se-ia mais facilmente um denominador comum. O vereador Segalla, observou a seguir que quase na totalidade os nomes sugeridos, homenageavam homens, no que havia, por certo, alguma desconsideração com as mulheres, dentre as quais, certamente haveria algum vulto. Encerrada a seguir a discussão, foi concedido vistas ao vereador Bassanesi. A seguir, o vereador Bassanesi, usando a palavra, disse que gostaria de trocar idéias com os colegas sobre o imposto de Indústrias e Profissões. Devis-se agir, para modificar a lei, objetivando a incidência em bases diferentes. Falara com o sr. Prefeito e lhe fôra dito que inclusive seria necessário ir-se a Porto Alegre, afim de estudar bem o assunto, pois haviam firmas locais que faturavam em Porto Alegre, onde

.....

- 4 -

.....

centralizavam as operações. Aliás, sobre este aspecto, devia-se verificar também como procediam aquelas firmas, com relação a compra de selos para vendas e consignações, pois acreditava houvesse desvio de centenas de milhares de cruzeiros em quotas de retorno. Na administração Triches, o colega Guimarães, fôra a Porto Alegre, onde constatera algumas irregularidades, porém, posteriormente ninguém mais cuidou do assunto. Disse ainda o orador que pela complexidade da matéria e pela sua importância, era oportuno colocá-la na ordem do dia, numa sessão próxima, para que fôsse amplamente debatida. Havia outro aspecto ainda a considerar. Como se mudaria o critério de arrecadação, devia-se ver se o novo critério viria ou não colidir constitucionalmente, porquanto, atualmente a lei orgânica determinava a incidência sobre o valor locativo. Talvez, fôsse necessária a reforma da Lei Orgânica, para o que eram necessárias 10 assinaturas. Adg mais, talvez fôsse necessário modificar o artigo 47, restringindo os aumentos de tributos no máximo de 20% por ano. Nem que fôsse somente para propiciar a modificação deste imposto. O sr. Presidente, declarou então que poderia colocar a matéria na Ordem do Dia, numa próxima sessão. O vereador Bassanesi, disse que sendo trabalhosa a alteração da lei, desejava num debate mais amplo, auscultar a opinião dos colegas para ver se haveria identidade de pontos de vista, afim de tomar-se a iniciativa, pois, ao contrário, perder-se-ia tempo. A modificação, viria além de trazer maior arrecadação, restabelecer a justiça, pois, pelo critério atualmente usado, alguns pagavam demais e outros pouco. Respondendo uma pergunta do vereador Guimarães, informou o sr. Bassanesi que a MAFSA pagava atualmente 500 mil cruzeiros anuais de Industrias e Profissões e iria pagar muito mais com a alteração. No entanto, concordavam, porquanto, alguns pagavam demais. Era preciso alterar-se o imposto, para aumentar a arrecadação, pois, Carias tinha um orçamento que permitia somente realizações de rotina, sem grandes obras. Ademais, era preciso pensar-se em pagar as dívidas do município. O comércio e indústria, aumentavam as mercadorias para fazer face as maiores despesas e a mercadoria do município eram os impostos. Devia-se pois trocar idéias mais largamente. Em resposta a indagação do vereador Segalla, informou o orador não existir opinião oficial do Centro da Indústria Fabril, sabendo entanto, que a maioria concordava com a modificação. Explicou o sr. Bassanesi, que uma indústria de grande produção, quando instalada num barracão, pagava muito menos que outra de menor capacidade, instalada em instalações confortáveis e bonitas. O vereador Castilhos, declarou que concordava fôsse cobrado o imposto pelo movimento econômico, entanto, devia-se ter cautela quanto a percentagem, quanto as tabelas. O vereador Bassanesi, declarou que tudo isso seria estudado, com base nos levantamentos. A incidência seria sempre em relação ao movimento do ano anterior, em razão do que, os industriais sa-

.....

- 5 -

beriam de antemão quanto pagariam, não ficando mais ao livre arbítrio do sr. Prefeito. A lei atual, indubitavelmente era mal feita. Foram feitos comentários generalizados sobre o assunto, concluindo o orador que devia ser feita alguma coisa e se não fôsse possível em 1959, far-se-ia para 1960. A seguir, o sr. Presidente colocou a palavra a disposição, para

EXPLICAÇÕES PESSOAIS

O vereador Hoffmann, primeiro orador, procedeu a leitura de indicação de sua autoria, há longo tempo aprovada pela Casa, recomendando providências sobre a construção ou melhoramento na Cadeia Civil local. Disse o orador após, que passado largo lapso de tempo, tendo entretanto o sr. Secretário do Interior e Justiça se banqueteado nesta Cidade, quando renovou promessas sobre o presídio que até o momento não foram cumpridas. Hoje, ouvira uma nota pelo rádio, do sr. Chefe do Presídio local, mobilizando todas as Praças afim de fazer frente a situação criada com a inundação das celas da cadeia local, fato que exigiu a remoção dos presos. Pouco após aquela recomendação, o sr. Governador gastou 8 milhões de cruzeiros na construção do Mata-Borrão - a Feira de Amostras do Governo - da Frente Democrática, sobre o que já fizera muitas críticas. O Governo continuava em completo descaso para os problemas de Caxias, inclusive no angustiante problema que era o presídio. Via-se com isso o marasmo do Governo que graças a Deus em breve concluiria seu mandato, deixando o Palácio Piratini. Esperava e tinha a certeza que o "engenheiro Brizola iria realizar obras exigidas pelo povo, como novas escolas e outras obras há muito reclamadas. Comentou então manchetes publicadas recentemente na imprensa, sobre escola fechada que o Estado pagava 30 mil cruzeiros de aluguel e teria que gastar 500 mil em reformas para adaptá-la convenientemente, enquanto que fôra negada uma verba de 30 mil cruzeiros para escola em nossa Cidade. Continuava o Governo a prejudicar o município de Caxias. Felizmente porém, a 31 de janeiro próximo, seria libertado o Palácio Piratini, quando então entraria um Governo almejado pelos caxienses. Disse mais o orador que embora tendo Caxias carregado para os cofres do Estado mais de 70 milhões de taxa de transportes, nada fôra feito neste setor, a não ser a estrada Caxias-Farroupilha, ainda por concluir. O vereador Guimarães, indagou então quem fizera a Escola Normal Duque de Caxias e os esgotos. O vereador Hoffmann, disse então que os esgotos foram iniciados apenas, para amanhã, afirmarem os atuais governantes que haviam realizado tal obra, quando em realizada não haviam pago nem 25,00 de aquele início de trabalho. Disse então o orador que não sucederia o mesmo com o futuro governador, quando o vereador Guimarães disse lamentar não tornar a eleger-se, pois, não seria candidato, para dentro de 3 anos poder responder ao colega. O vereador Guimarães, a seguir, disse ter sido informado que o construtor Segalla vencera a con-

.....

- 6 -

corrência para construção da cadeia, O vereador Hoffmann, disse então que concorrências houveram aos milhares, porém, nada representavam. Acreditava que o Governador Brizola, entanto, concretizasse em breve e teria o prazer de estar elogiando a realização do trabalho daqui a um ano, disse - concluindo. O vereador Segalla, usou a palavra após, dizendo que andava preocupado no abandono em que se encontravam os pavilhões da Festa da Uva, não por acharem-se entregues à depredação ou desgastes, mas, por estarem sem qualquer aproveitamento útil, apesar do seu grande valor, pois, não, digo, de nada valiam nos intervalos entre as Festas da Uva, ou seja, de 4 em 4 anos. Por isso, lembrara-se ser oportuno talvez, sugerir-se a quem de direito, o aproveitamento daquela obra em cursos de alfabetização de crianças e adultos, com aulas diurnas e noturnas. Embora fossem, de algum tempo para cá, utilizados para alguma festividade, pública ou privada, quando de alguma repercussão, assim mesmo, sem prejuízo para tal ocupação, pois a área era muito grande, poderia dar-se uma destinação mais ampla àquelas pavilhões. O sr. Presidente, informou que na legislatura passada, houvera uma indicação de sua autoria e do vereador Darwin Corsetti, sugerindo aproveitamento com escolas, quando, a resposta do sr. Prefeito fôra negativa. Talvez fôsse oportuna mais uma tentativa. Após alguns comentários em plenário, o vereador Biasuz sugeriu fôsse falado com o sr. Presidente da Festa da Uva, o qual recentemente conseguira os 5 milhões obtidos do Governo Federal, com o que pretendia construir a nova sala de pavilhões. O vereador Bassanesi, comentando o assunto e seguir, declarou haver o propósito de ser instalada permanentemente uma Feira de Amostras, entanto, nessa Feira cada indústria colocaria somente a essência de seus produtos, no que, a parte superior do prédio seria suficiente. Era viável pois, o aproveitamento da parte terrea, para escola ou outra finalidade útil. O vereador Segalla, prosseguindo, disse que poderia ser feita uma campanha neste sentido, objetivando eliminar com o analfabetismo de nossa Cidade. Disse ainda que embora por lei houvesse obrigatoriedade de parte das firmas com mais de 100 operários manterem um curso supletivo de alfabetização, a maioria não cumpria tal lei. O vereador Biasuz, sugeriu que a campanha de alfabetização deva ser feita nos arredores, quando o orador disse que os Pavilhões, embora não resolvendo todo o problema, atenderiam uma grande parcela, pois, haviam vários bairros que poderiam servir-se daquele local. Disse concluindo, que entraria numa sessão próxima, em indicação no sentido de ser feito algo neste setor. - Nada mais havendo, foram levantados os trabalhos.